

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MEISSA MENDES VIEIRA

**CORPO E MOVIMENTO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE LIBERDADE NA
INFÂNCIA**

BRASÍLIA

2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MEISSA MENDES VIEIRA

**CORPO E MOVIMENTO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE LIBERDADE NA
INFÂNCIA**

BRASÍLIA

2014

MEISSA MENDES VIEIRA

**CORPO E MOVIMENTO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE LIBERDADE NA
INFÂNCIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues (membro)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva (membro)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as coisas boas e ruins que me fizeram crescer e por ter colocado pessoas maravilhosas ao meu lado, me ajudando de alguma forma em minha trajetória.

Aos meus pais, por serem tão presentes e amorosos, sempre me acompanhando e apoiando em todas as minhas escolhas. Obrigada por me proporcionarem tantas oportunidades e por serem os melhores exemplos que eu poderia ter, eu amo vocês.

Às minhas amigas da faculdade por todas as alegrias e dificuldades que passamos juntas, pelos momentos de estresse com o Matrícula Web, os de alegria ao recebermos SS e a busca incansável por matérias para fechar a grade, vocês alegraram e alegram os meus dias.

Ao grupo do “Projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras” pelos momentos de aprendizado, a troca de experiência, as conversas, as indignações e alegrias.

Aos amigos da patinação, por serem tão companheiros e sempre torcerem por mim dentro e fora de quadra.

Ao meu namorado Lucas, por sempre aguentar meu mau humor e desesperos e também por compartilhar as alegrias.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica, em especial à minha orientadora e amiga Fátima, por ser essa pessoa apaixonante e amorosa, presente em diversas etapas do curso, sem a qual nada disso seria possível.

A Alexandra, por despertar em mim novamente o gosto pela leitura e pela escrita sempre com o seu jeito contagiante de ser.

Ao Cristiano por me lembrar como podemos ter momentos maravilhosos com a matemática.

A Patrícia Pederiva por me mostrar que somos todos musicais e por proporcionar as aulas mais libertadoras.

Ao Cleyton, por me mostrar que podemos todos ser criativos, espontâneos, divertidos e criar atividades lúdicas de qualidade. Obrigada por serem essas referências de educadores, fazendo com que eu me questionasse, mudando minha concepção de educação e visão de mundo.

Finalmente, agradeço à Universidade de Brasília pela formação enriquecedora e por me proporcionar momentos de estudo, pesquisa e prática.

A todos vocês, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho foi construído a partir de observações participativas, reflexões e registros em um ano de prática em uma escola pública do Distrito Federal. O objetivo é investigar as relações entre corpo e aprendizagem na escola, identificando se há correlação entre corpo e mente nesse processo. Para tal, traço um breve histórico da visão de corpo desde as sociedades da Grécia Antiga até como o mesmo é tratado em sala de aula hoje em dia, utilizando os conceitos de Foucault (1987), Monteiro (2009) e Freitas (1994). Trago também os conceitos das obras de Freire (2014) para contraporem-se às práticas tradicionais na educação e a ratificação de corpos dóceis na escola. A pesquisa estruturou-se a partir de práticas em sala de aula com uma turma de 5º ano do ensino fundamental e de oficinas realizadas com disposições circulares, nas quais crianças de toda a escola foram agrupadas a partir de seus interesses. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e traz relatos de um diário de campo, desenvolvido durante a prática, dialogando com o aporte teórico. Ao fim da pesquisa constata-se que é possível realizar uma intervenção pedagógica em que corpo e mente estejam interligados, potencializando a aprendizagem através de experiências de liberdade.

Palavras chave: corpo, mente, escola, aprendizagem.

ABSTRACT

The present work was constructed from participatory observations, reflections and records in a year of practice in a public school in the Federal District. The aim is to investigate the relationship between body and learning in school, identifying the correlation between body and mind in the process. To do this, I trace a brief history of the vision of the body from the societies of ancient Greece up to how it is handled in the classroom today, using the concepts of Foucault (1987), Monteiro (2009) and Freitas (1994). I also bring the concepts of the works of Freire (2014) to counteract to the traditional practices in education and the ratification of docile bodies in school. The research was structured from practices in the classroom with a class of 5th year of elementary school and workshops with circular arrangements, in which children of all school were grouped from their interests. The research follows a qualitative approach and brings reports of a field journal, developed during practice, talking with the theoretical framework. At the end of the research it appears that it is possible to perform an educational intervention in which body and mind are interconnected, enhancing learning through experiences of freedom.

Keywords: body, mind, school, learning, freedom.

**“o corpo sabe letras com gosto
de carne osso unha e gente
o corpo lê nas entrelinhas
o corpo conhece os sinais
o corpo não mente
o corpo quer dizer o que sabe
o corpo sabe
o corpo quer
o corpo diz:
- fala palavra!!!”**

Chacal

SUMÁRIO

PARTE I	9
MEMORIAL E PERSPECTIVAS FUTURAS	10
PARTE II.....	20
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1 – O CORPO NA ESCOLA.....	22
1.1 HISTÓRICO E CONSIDERAÇÕES.....	22
1.2 O CORPO COMO POTÊNCIA PARA APRENDER.....	26
CAPÍTULO 2 – A APRENDIZAGEM COM O CORPO NA ESCOLA	31
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	37
3.1 A ESCOLHA METODOLÓGICA	37
3.2 O CONTEXTO DA PESQUISA E OS SUJEITOS.....	38
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS FRAGMENTOS DE UMA PRÁTICA EM AÇÃO	41
4.1 – APAGAMENTO DE UM CORPO INIBIDO PELO OUTRO E O AMBIENTE	42
4.2 – CORPO E LIBERDADE	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	60

PARTE I

MEMORIAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

Filha de mãe carioca e pai cearense, nasci em Brasília e aqui morei quase toda minha vida. Sou filha única de pai e mãe e tenho duas irmãs por parte de pai, Nashira de 35 e Adhara de 34. Somos mais próximas hoje do que na infância, então cresci com todos os mimos, privilégios e também as partes ruins de ser filha única.

Com 2 anos entrei no Colégio Maurício Salles de Mello, porém não durei 1 semana. Chorava muito, todos os dias, então a coordenadora orientou minha mãe a me deixar mais um ano em casa, pois eu ainda não estava pronta para ir à escola. Minha mãe respeitou o meu tempo e apenas com 4 anos eu quis ir para a escola, mas dessa vez foi tudo bem diferente. Minha mãe me colocou na Escola Pedacinho do Céu, ao lado de casa, íamos a pé. Apesar de lembrar-me pouco dessa época, sei que era apaixonada pela escola, pelos amigos e pelos professores.

Com 5 anos nos mudamos para Fortaleza, onde vivia a família do meu pai. Lá fui alfabetizada e conheci um novo tipo de escola. Assim que cheguei não senti tanto o peso de uma escola grande, pois até o Jardim 2 as salas eram casinhas coloridas, tudo bem aconchegante e parecido com o que eu estava acostumada. Porém, no ano seguinte a realidade mudou, o Christus, escola que estudei durante os 3 anos que moramos em Fortaleza, é uma escola muito grande, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Na Alfabetização as salas já eram nos grandes prédios, tínhamos que subir alguns vãos de escadas com nossas mochilas de rodinhas batendo nos degraus, pois ninguém levantava a mochila, apenas puxávamos escada acima e abaixo.

Como a escola era muito rígida e muito competitiva, tornei-me uma criança tímida, tinha vergonha de falar em sala com medo do erro. Por isso nunca dizia que não tinha entendido algo. Uma lembrança muito forte que tenho de minha alfabetização era que todos os dias a professora colocava no quadro algumas palavras, como bola, boneca, palavras simples e perguntava quem sabia o que estava escrito. Quem acertava primeiro ganhava um prêmio, uma estrela dourada ao lado do seu nome em um mural ou algo assim. Depois que a primeira criança acertava ela perguntava ao restante da classe se todos haviam conseguido ler a palavra, eu nunca conseguia, mas sempre mentia dizendo que sim, torcendo para que alguém dissesse que não tinha conseguido ler e ela explicasse para que eu entendesse.

Mas eu tinha muita vontade de ler, tentava ler tudo que via pela frente, principalmente no carro, no caminho de casa para a escola, porém o carro ia muito rápido para minha habilidade leitora. Até que um dia paramos em um engarrafamento e consegui ler minha

primeira palavra: MITSUBISH. Foi a maior alegria! Meus pais vibraram, eu fiquei muito contente! Desse dia em diante consegui ler tudo, pois quem lia uma palavra estranha como Mitsubish tinha que conseguir ler bola! Comecei a ganhar as tais estrelas douradas também e comecei a entender melhor as aulas. Daí em diante minha alfabetização ocorreu bem. Tive uma alfabetização muito boa se considerarmos a parte técnica da leitura e da escrita, eu sabia decodificar todos os signos, era boa de gramática e tinha uma boa fluidez na leitura. Gostava muito de matemática, mas tinha muita dificuldade em interpretação de texto. Eu poderia resolver todas as contas do mundo, mas se elas estivessem em um probleminha, aí era um problemão.

Nessa época de Fortaleza eu era praticamente um “moleque”. Vivía descalça embaixo do bloco jogando futebol, queimada, pique-pega e qualquer outra brincadeira de correr ou de boneca. Estava sempre no parquinho ou subindo em árvores durante nossos passeios à “Beira Mar” e meu cachorro Toby sempre me acompanhava, ele brincava comigo de todas as brincadeiras de bola, corrida e esconde-esconde, apesar de ser sempre eu quem se escondia. E se eu não estava descalça debaixo do bloco, estava de patins ou de bicicleta. Pratiquei vôlei e jazz na escola além de participar dos outros eventos esportivos e culturais que a escola promovia. Lembro-me de uma olimpíada interna em que participamos de várias provas de atletismo, a minha preferida foi a de salto em distância.

Tudo era muito competitivo e eu poderia ter desistido antes mesmo de tentar, pois lá se você não fosse o melhor, você não era nada, mas minha mãe sempre conversava muito comigo e assim eu conseguia me livrar de toda pressão e participar de tudo e me divertir como criança. Também fazia natação à época, não na escola, mas com minhas amigas de sala e lembro-me que todo dia eu chorava dizendo que era muito ruim, que eu não conseguia e todo dia minha mãe conversava comigo, ajudando-me a superar meus medos, até que um dia consegui nadar a piscina toda, pois finalmente estava concentrada só em mim, em dar o meu melhor e não em ser melhor do que a criança da raia ao lado.

Com 8 anos voltamos para Brasília e voltei também para o Maurício Salles de Mello. Dessa vez foi tudo bem melhor. No primeiro dia cheguei à escola agarrada ao braço da minha mãe. Ela como sempre muito esperta achou uma menina que parecia ter minha idade, me apresentou a ela e logo larguei seu braço e fui brincar feliz com minha nova amiga. Adaptei-me bem rápido à escola. Mayara, essa minha primeira amiga, me apresentou aos demais colegas e logo fiz amigos. A escola era bem diferente do Christus, era pequena, apenas duas turmas de manhã e uma à tarde. Não tínhamos que subir escadas para ir para a sala e todos se

conheciam, pois estudavam lá desde o 1º maternal. Cheguei aqui me achando a melhor do mundo, pois como o Christus era muito puxado e muito competitivo eu já sabia muita coisa que as crianças daqui ainda estavam aprendendo. Eu não falava nada, pois ainda era tímida, nunca fui muito de participar em sala. Um fato que me lembro até hoje foi a leitura de um texto em português, em que tínhamos que achar o sinônimo de sofá, que no caso era estofado. As crianças chutavam tudo, até “mas” era uma opção e eu só pensava em como era óbvio para elas estarem errando assim, mas, envergonhada, só respondia na minha cabeça.

Tínhamos todos os dias, no início da aula, que resolver uma ficha, cada dia de uma matéria. Eu, com minha competitividade ainda a florada, sempre resolvia rápido, tentando ser a primeira, enquanto alguns colegas tinham que levar para casa para terminar. Nos esportes era a mesma coisa. No Christus sempre fui uma das piores, mas no Maurício eu era boa em tudo, inclusive acabei machucando uma criança na queimada sem querer por jogar a bola muito forte, logo eu que era considerada fraca. A partir daí meus ânimos competitivos se acalmaram, vivenciei outro modo de aprender, em que o ritmo da criança era mais respeitado e era muito incentivada a participar das aulas. Estudei no Maurício até a 8ª série, basicamente com a mesma turma, era raro entrar alunos novos, mas quando entravam eram a sensação da escola, a maior novidade.

Era uma aluna exemplar, nenhum professor tinha reclamações minhas no máximo que eu podia conversar menos em sala de aula, não por estar me atrapalhando, eu conseguia conversar e acompanhar a aula, mas alguns colegas meus não. Meus boletins eram cheios de “Ótimos” e elogios nos comentários, mas quando eu tirava “Muito Bom” minha mãe já vinha conversar, perguntando se eu tive alguma dificuldade em alguma parte e se eu precisava estudar mais aquela matéria.

Nunca tirei menos de 8 até a 8ª série. Minha mãe estudava comigo para as provas tomando minha matéria quando chegava em casa. Dependendo da matéria fazia umas provinhas para eu resolver e depois corrigia. Mas normalmente quando eu tinha dúvida ou dificuldade de entender alguma coisa aí era com o meu pai. Eu o achava a pessoa mais inteligente do mundo, ele sabia tudo sobre tudo. Não tinha uma pergunta que ele não soubesse responder, apesar de na maioria das vezes ele me mandar pesquisar. Isso me dava muita raiva, se ele sabia por que não me contava? Mas hoje vejo a importância disso, de eu aprender a pesquisar pelos meus meios, não apenas receber a resposta pronta como a única correta. Claro que hoje em dia pesquisar é muito mais fácil, quando eu era criança meu pai ainda me mandava olhar nas enciclopédias de casa.

Todos choramos muito na despedida do Maurício Salles. Juntamo-nos em dois grupos os que fariam o Ensino Médio no Maristão e os que iriam para o Galois. Eu fui para o Marista. Novamente fui para uma escola grande. Tem suas vantagens e desvantagens, mas eu prefiro as escolas pequenas. Eu sempre reclamei durante o tempo que fiquei no Maurício que não tinha novidade, que conhecíamos todo mundo e no Marista eu não tinha do que me queixar quanto a isto, pois todos os dias eu via várias pessoas que nunca tinha visto na minha vida, mas lá também descobri o que é você ser apenas mais um número, já que quase nenhum professor sabia nossos nomes.

O 1º ano foi o melhor dos 3. Eu estava muito animada por estar em uma escola nova, mais ainda por estar acompanhada de meus melhores amigos, e para melhorar ficamos todos na mesma sala. Saí do Maurício já sabendo algumas matérias do Ensino Médio, então não tive novidade no 1º bimestre, já tinha aprendido tudo. Assim minhas notas foram todas altas. Foi um ótimo início de Ensino Médio, tinha boas notas, vários amigos, a vida era ótima.

No segundo semestre do 1º ano fiquei de recuperação pela primeira vez, em Educação Física. O que foi muito injusto, pois fiquei de recuperação por faltas. Durante todo o ensino médio tínhamos um dia de aula a tarde também, e a minha Educação Física era no último horário da tarde, então eu sempre saía mais cedo, faltava aula para poder ir para a aula de patinação. Eu sempre fiz vários esportes durante toda a vida, mas nunca fiquei muito tempo em algum. Eu entrava, me apaixonava, achava tudo o máximo e em pouco tempo enjoava e saía. O que eu gostava mesmo era de experimentar esportes novos. No 1º ano comecei a fazer patinação artística e como sempre, amei. Minha melhor amiga Soninha (praticamente minha irmã, pois crescemos juntas) chegou a me dizer diversas vezes que ela sempre achou que eu ia desistir de patinar também, pois era o que eu fazia com tudo o que eu começava. Então se eu estava fazendo um esporte não deveria receber presença? Enfim, fiquei de recuperação e tive que fazer um trabalho escrito para passar em Educação Física. Isso também nunca fez sentido para mim, eu deveria ter que correr no campo ou algo assim para recuperar e não fazer um trabalho escrito sobre a metodologia do vôlei.

Até que no 2º ano eu descobri as desvantagens de matérias divididas por objetivos. Fiquei de recuperação em mais de uma matéria. Achei que minha mãe ia comer meu fígado, mas como eu sempre fui uma aluna exemplar, a essa altura ela não pedia mais para ver meu boletim ou minhas provas, eu mostrava se quisesse e é claro decidi que não ia mostrar, ela não precisava ficar sabendo. E assim foram os bimestres, eu ficava de recuperação em um ou dois objetivos, estudava, passava e minha mãe não descobria.

No Ensino Médio estudar perdeu todo o sentido para mim. Eram muitas matérias, muitas provas, muitos deveres, muito tudo. E muita coisa chata, sem sentido, sem utilidade. Além disso, eu tinha algo muito melhor prendendo minha atenção, a patinação, eu só queria patinar todos os dias ao invés de fazer deveres. Então eu parei de estudar e ter curiosidade para aprender. Eu decorava a matéria para passar nas provas e pronto, depois esquecia tudo. Inclusive posso afirmar com toda certeza que não aprendi nada de Física no 3º ano! Tudo que fiz foi decorar as fórmulas para as provas e com uma baita sorte nas avaliações integradas, que eram todas objetivas, muitas vezes passei com notas altas. No Marista aprendi a chutar. Eu quase nunca tinha certeza das respostas, então fiquei muito boa na arte de chutar nas provas. Era o que me restava, pois nunca aprendi a colar e ainda tinha a vista um pouco ruim, não usava óculos porque não queria, coisa de adolescente chata.

Até que no 3º ano fiquei de recuperação em 12 objetivos e a escola ligou para a minha mãe. Achei que seria meu fim. Mas ela não gritou, não me deixou de castigo, apenas conversamos, perguntou o que estava acontecendo. E ver a decepção nos olhos de minha mãe foi pior do que qualquer bronca. Tentei me esforçar mais para nunca mais precisar ver esse olhar. Mas quando eu dizia que não servia de nada o que eu aprendia na escola meu pai dizia que servia sim, que toda aprendizagem era útil. Meus professores diziam que servia, pois eu tinha que passar no vestibular e minha mãe não se pronunciava muito, pois sei que no fundo ela concordava comigo, nem ela lembrava dessas coisas que eu estava estudando.

Chegou a hora de decidir o que fazer no vestibular. Eu não tinha a menor ideia, não sabia o que eu queria ser, eu não queria ser nada, não gostava de nada. No meio do 3º ano fiz vestibular “só para testar”, na verdade eu não via sentido nisso, só fiz porque todo mundo ia fazer. Coloquei Comunicação, achava a ideia legal. Não passei, mas não estava esperando passar. No final do ano coloquei Administração no PAS e Inglês Tradução no Vestibular tradicional. Administração, pois segundo minha irmã mais velha, quem não sabe o que quer faz Administração e Inglês Tradução porque um amigo disse que dava muito dinheiro, então já que eu não sabia o que queria, pelo menos ia tentar ganhar dinheiro.

Novamente não passei. Eu odiava esse vestibular, ele estava acabando com a minha vida. Foi a pior fase da minha vida! Como não tinha passado e já tinha acabado a escola fui fazer cursinho para tentar o vestibular no meio do ano. Fui para o ALUB. Um lixo. Eram salas lotadíssimas, umas 100 pessoas, com o professor com um microfone na frente. Eu não estudava muito, era apenas uma repetição de toda chatice que eu tinha acabado de me livrar.

Mas lá eu vi como meu 3º ano tinha sido ruim, eu via umas coisas que tinha certeza que não tinha aprendido.

Um dia, na patinação, salvação da minha vida nessa época, a única coisa que eu gostava de fazer, estávamos ensaiando o show de final de ano e como eu pegava rápido os passos, ajudava as outras meninas que tinham mais dificuldade. Isabela, que patinava comigo falou “Meme o que você vai fazer na faculdade?” e eu já puta da vida com essa pergunta respondi como sempre “Não sei” e aí veio o momento de luz “Você devia ser professora, você ajuda muito as pessoas, ensina muito bem”. Essa ideia ficou maquinando na minha cabeça. Eu já tinha pensado nisso, sempre gostei de brincar de professora e tudo mais, mas os ideais da sociedade que permeavam minha vida não me deixavam fazer essa escolha, afinal de contas eu seria pobre. Joguei toda essa baboseira para o alto e fiz vestibular para Pedagogia. Passei e esse período de trevas terminou!

Meu primeiro semestre foi maravilhoso, a vida era linda, a UnB era linda. Os semestres foram passando, as amizades mudando e a forma de ver a universidade também. Amava algumas matérias, nessas eu mergulhava, eram normalmente as mais lúdicas, as diretamente ligadas à educação, à sala de aula, as mais práticas. As outras, que falavam de leis, de outras áreas da Pedagogia, de coisas que não me interessavam, essas eu pegava só por obrigação e me envolvia apenas o suficiente para passar.

Entrei com a certeza de que seria professora de Educação Infantil, mas no decorrer do curso fui pegando matérias com professores maravilhosos e passei a não ter tanta certeza assim, pois também estava apaixonada pela alfabetização. Por essa dúvida cruel demorei a cursar Projeto 3, até que vi a oferta de um que englobaria meus dois amores e para melhorar era ofertado pela professora mais apaixonante dessa universidade! Projeto de Práticas Pedagógicas Inovadoras com a Fátima. Não tive dúvidas e me matriculei.

Foi a melhor escolha que eu poderia ter feito. Lá eu conheci novas formas de educação, novos ideais de escola e fiquei maravilhada, primeiro por descobrir que minha indignação com a forma do ensino, em especial do Ensino Médio, não era por eu ser preguiçosa e sim por ser realmente algo muito mecanizado, antigo, maçante, sem sentido. Algumas vezes eu até duvidava que essa forma “inovadora” de educar realmente desse certo, tão cega eu estava.

No Projeto 4 entramos na Escola Classe Jardim Botânico. Logo no primeiro dia me colocaram na turma do 5º ano. Confesso que não gostei muito, sempre fui apaixonada pelos pequenos, mas foi um ano realmente surpreendente. Durante esse ano de estágio pude

vivenciar momentos muito especiais e realidades mais duras. Tive certeza do tipo de professora que eu não quero ser e percebi a dificuldade de seguir os ideais da educadora que eu quero ser, de como é difícil fugir do que sabemos que não é certo, mas que às vezes parece ser muito mais fácil. Pude vivenciar a realidade da escola pública, bem diferente da que conheci a vida toda nas escolas particulares que frequentei. Mas mais importante, apaixonei-me por essa turma maravilhosa! Foi um grande crescimento para mim, como pessoa e como educadora. Nessa experiência maravilhosa vi que não preciso escolher entre os pequenos ou os grandes, que posso juntar várias idades e ter experiências e aprendizagens ainda mais significativas.

Desde então busco continuar a estudar essas experiências educacionais que buscam a formação de um sujeito autônomo, responsável e solidário, sonhando com a criação de uma escola pública que possua esses princípios norteadores, onde poderemos continuar sonhando. Tenho fé de que conseguiremos num futuro não tão distante, pois cada vez mais vemos novas propostas que estão dando certo. Todas motivadas por pessoas que amam educação e lutam por uma escola com mais liberdade, onde as crianças tenham tempo e espaço para serem crianças e aprendam coisas realmente importantes para a vida.

No 8º semestre, já com todas as matérias obrigatórias cursadas, faltando ainda créditos para formar, ficamos buscando matérias que encaixem em nossa grade, e foi assim que comecei a cursar Projeto 3 na área de surdez com a Edeilce. Foi maravilhoso, principalmente porque eu também estava cursando Educação de Surdos e LIBRAS com ela, então eu fazia uma ponte entre a matéria e o projeto o tempo todo. Foi ótimo para eu ter outra visão da educação, onde acredito ser de extrema importância que haja aulas de LIBRAS nas escolas. Se temos aulas de línguas estrangeiras, por que não da língua brasileira de sinais, primeira língua de todos os surdos brasileiros? Esse é mais um ponto para lutar em uma escola pública democrática, solidária.

Na metade do curso comecei a dar aulas de patinação no clube onde patino, o Iate. Tem sido uma experiência maravilhosa, estou trabalhando com o que amo fazer e estou rodeada de crianças de todas as idades todos os dias. Consigo levar muita coisa que vejo na Universidade para meu trabalho e vice e versa. Inclusive minha ideia de oficina do Projeto 3 surgiu de experiências com uma das minhas turmas do Iate. Apesar de ser um esporte individual e de minhas alunas competirem desde cedo, consigo trabalhar com elas valores extremamente importantes para a vida. Elas patinam na mesma turma com crianças de todas as idades, então aprendem também umas com as outras. Aprendem desde cedo a torcer pelas

amigas em todas as competições, não importa se competem na mesma categoria ou não, aprendem que o mais importante é se divertirem nas competições e apresentarem o seu melhor, por mais que todas gostem de ganhar medalhas, com o tempo vão entendendo que esse não é o mais importante e que isso vem como resultado do esforço delas. Aprendem que é caindo que se aprende, conseguem enfrentar seus medos, trabalhar o nervosismo e o mais importante, aprendem que errar não é o fim do mundo, elas caem, levantam e continuam sua apresentação com garra até o fim, sem desistir no primeiro erro.

Cair faz parte, errar é normal, roxos toda patinadora tem, mas a cada dia elas se superam e conseguem patinar com mais sentimento mostrando o amor pelo que fazem. Sei que tenho um papel muito importante no desenvolvimento de cada uma, pois a cada elemento executado elas me olham com seus olhares de expectativa querendo saber qual será minha reação, assim como em competição quando erram principalmente, mas quando acertam também, me olham buscando um apoio para continuarem. Tenho que estar sempre muito atenta para que elas não se fixem apenas no acerto, pois o processo é muito importante, assim busco valorizar cada tentativa.

Estou chegando ao final do curso e muitas certezas que eu tinha quando entrei se desfizeram, dando lugar a novas ideias, novas experiências e uma vontade de conhecer mais. Acredito que tudo acontece quando estamos prontas, então hoje já não fico arrependida por não colocar Pedagogia nos primeiros vestibulares prestados, ou por não ter pegado Projeto 3 mais cedo ou outros projetos e outras matérias. Estou contente com minha trajetória trilhada até então e sei que não vou parar por aí, pretendo ainda voltar para a Universidade, local de tantas experiências e cursar uma Pós-Graduação. Não sei se de imediato, pois gostaria muito de uma folga, estudar e trabalhar acaba com o pouco tempo livre que temos, mas com certeza voltarei.

Também não sei se assim que me formar farei concurso para a Secretaria de Educação, ou se continuarei no Iate. Gostaria de tentar conciliar os dois, mas acho difícil. Acredito que continuarei como professora de patinação, pois amo o que faço, mas também gostaria muito de atuar em escola, acho importante para a minha formação, especialmente se não for essa escola convencional com todas as regras a que estamos habituados. Cheguei com muitas certezas e as troquei por várias dúvidas, mas acredito que seja esse mesmo o papel da Universidade, fazer-nos sair de nossa zona de conforto, estudar, pesquisar, indagar e sempre buscar por respostas e novas formas de resolver nossos problemas e questões.

PARTE II

INTRODUÇÃO

Em toda minha trajetória de vida as questões ligadas ao corpo estiveram muito presentes. Sempre pratiquei muitos esportes, mas mais importante, sempre tive muita liberdade para brincar. Fui uma criança cuja responsabilidade e direito era brincar. Cresci assim e hoje julgo o brincar essencial na vida de qualquer criança. Não apenas um brincar direcionado, com um intuito pedagógico, mas também e, especialmente, a brincadeira livre, por meio da qual a criança possa se expressar livremente.

Juntando as experiências vividas por mim nas escolas onde estudei e nas que estagiei, observei como as questões ligadas ao corpo e ao movimento são subjugadas em relação às questões ligadas à mente. Chamou minha atenção também como passamos por um verdadeiro treinamento durante todo o período escolar, com um único intuito, passar no vestibular. E a cada ano me choca esse treinamento começar cada vez mais cedo. Hoje em dia pais vangloriam-se de seus filhos saberem ler e escrever precocemente. Não que isso seja errado, mas as consequências desse “prêmio” estão sendo graves.

Por esses motivos decidi pesquisar sobre como o corpo é visto na escola e qual concepção é passada para os alunos, como isso interfere no modo de ser e agir dessas crianças e quais consequências estão acarretando em seu cotidiano. Para isso decidi investigar, como objetivo geral, porque há uma dicotomização entre corpo e mente na escola e se, ao haver uma interação entre os dois, poderíamos potencializar uma aprendizagem mais liberta e significativa.

No capítulo um trago uma breve trajetória histórica da visão de corpo nas civilizações e conseqüentemente na educação, buscando compreender como o corpo é visto hoje na escola. No capítulo dois discuto como ocorre a aprendizagem desse corpo na escola. No capítulo três abordo os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desse trabalho, assim como os espaços e sujeitos da pesquisa. No capítulo quatro realizo uma análise da minha prática, dividindo os momentos vividos em duas categorias: momentos de corpo estrito, nos quais há um apagamento do corpo das crianças por haver a inibição desses corpos provocada pelo ambiente e pelas pessoas; e momentos de corpos em liberdade, nos quais temos práticas que valorizam a assunção de cada criança e valorizam suas diversas formas de expressão.

CAPÍTULO 1 – O CORPO NA ESCOLA

O corpo é nosso referencial na vida, é por meio dele que temos nosso primeiro contato com o mundo, que nos manifestamos e expressamos. Agimos no mundo através do corpo, do movimento. Com o movimento corporal brincamos, comunicamo-nos, aprendemos, trabalhamos. Tudo na vida é movimento, nada está estático, parado. O nosso corpo está em constante movimento, mesmo enquanto não estamos fazendo “nada”, ou quando dormimos. Nunca paramos de respirar, movimento é vida.

1.1 HISTÓRICO E CONSIDERAÇÕES

Ao analisarmos historicamente, vemos que Atenas e Esparta, duas cidades gregas que colaboraram para a construção de nossos modelos políticos, sociais e culturais, tinham como objetivo a preparação dos jovens para a guerra, valorizando o desenvolvimento da força, da coragem e da obediência. A leitura e a escrita tinham pouco valor se comparada à formação do guerreiro. Posteriormente surge o ideal de formação do homem em várias esferas, racional, cultural e histórica.

Surgem então teorias filosóficas discutindo a origem do homem, a concepção de mundo, a concepção de corpo e sua relação com a alma. Prevalecia uma visão holística da natureza e do homem, na qual este estava em harmonia com o universo e seu corpo e sua alma eram complementares. Sócrates (apud MONTEIRO, 2009) considerava a alma superior ao corpo, pois era eterna e perfeita, pregando que os homens deveriam aprender a libertar-se do seu corpo e ligar-se à alma. Essa concepção dualista percorreu a história e ainda está presente na sociedade atual.

Na Grécia, na era clássica, já havia relação de poder entre os intelectuais, os servos e operários. Aos homens intelectuais era permitido o ócio, ficando sob responsabilidade dos grupos menos favorecidos o trabalho físico. Aqueles que detinham o conhecimento governavam as cidades, enquanto os que possuíam apenas força física deveriam obedecer e servir. A dicotomia entre corpo e alma, corpo e mente, presente nos pensamentos de Sócrates, Platão e Aristóteles (apud MONTEIRO, 2009) perpassou a história, tornando-se os princípios norteadores de nossa sociedade. Outras características das civilizações grega e romana podem ser vistas na civilização ocidental, como a organização do Estado, a identidade da família, o modelo de escola e os modelos socioeducativos.

Na Idade Média, com forte influência do Cristianismo, a Igreja determinava a cultura, os costumes, os mitos e tradições. Uma de suas determinações eram os castigos corporais aos homens, pois assim sua alma ganharia o reino dos céus, já que o corpo era considerado impuro, relacionado ao pecado e a alma a parte mais pura e superior do ser. Permanecia a dicotomia entre corpo e alma, sendo o corpo a parte impura e a alma a entidade mais importante.

No Renascimento há o abandono da ideia de corpo como lugar sagrado para abrigo da alma, ocorrendo uma valorização das formas corporais, seguida por uma busca pela beleza e pela perfeição. Há uma retomada dos prazeres negados pelo teocentrismo. O corpo passa a ser alvo de interesse, sendo estudado pela medicina através da dissecação de cadáveres, mas ainda sem haver relação corpo-alma.

Com a Revolução Científica temos também o individualismo, o controle da natureza, o capitalismo e a burguesia como classe dominante. Esse modelo capitalista estava apoiado no reducionismo cartesiano, corpo e alma continuam a ser entendidos e definidos como duas realidades distintas, porém o corpo passa a ser objeto de estudo da ciência. A ciência passa a subjugar e controlar a natureza, colocando-a a serviço do homem.

A dualidade corpo e alma, predominante desde Sócrates, Platão e Aristóteles ganha força com Descartes (apud MONTEIRO, 2009), que vê o corpo humano como uma máquina totalmente desvinculada da mente. Com seu famoso “penso, logo existo”, Descartes restringe a existência humana ao pensamento e não à presença do corpo no mundo. A individualidade humana dava-se pela capacidade de pensar. Sua ideia de que fenômenos complexos são passíveis de compreensão desde que possam ser reduzidos em partes menores também levou à fragmentação das disciplinas acadêmicas. A partir dessa proposição o cérebro é considerado o órgão mais importante do corpo, havendo a valorização do trabalho intelectual em detrimento da valorização do trabalho braçal. Com os avanços da ciência surge uma série de cuidados com o corpo, como dieta e exercícios físicos, com o intuito de que o cérebro esteja adequadamente protegido.

Com a Revolução Industrial a produção que era artesanal e muitas vezes realizada por uma única pessoa passa por um processo de mecanização. Os trabalhadores passam a ser operários, não têm mais direito aos meios de produção ou aos lucros, devendo responder a um patrão. A partir daí os corpos passam a ser disciplinados, treinados para o trabalho nas fábricas. Nesse período firma-se o ideal de corpo disseminado pela escola, um corpo dicotomizado, manipulado, fragmentado, consequentemente, tornando-se um corpo-objeto.

Marx (apud MONTEIRO, 2009) possuía uma concepção de homem diferente da predominante até o momento, denunciando a sociedade que tem por objetivo fabricar corpos saudáveis, fortes e dóceis. O marxismo vem discutir uma nova realidade, na qual o homem se comunica com o mundo através de todos os sentidos e não apenas através do pensamento.

Um dos períodos mais duros para a educação brasileira foi a ditadura, nele os estudantes e demais cidadãos sofriam censura e perseguição. No modelo escolar-militar as crianças deveriam formar filas em ordem de tamanho para dirigir-se às salas de aula e deveriam levantar-se de suas carteiras toda vez que o diretor entrava em sala, entre outras formas de disciplina. O principal objetivo era formar o cidadão nacionalista, educando o jovem para uma “política adequada”. Prevalencia a educação moral e cívica, visando a total obediência.

Foucault (1987, p.117) nos traz que, durante a época clássica, houve a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder, “*corpo que se manipula, se modela, se treina, se obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam*”. Esse mesmo corpo, antes considerado sem utilidade, impuro, parte menor do homem, passa a ter relevância como objeto, alvo de manipulação. Seu uso deve ser direcionado à produtividade, além de ser objeto de poder utilizado pelos superiores, como patrões, professores, diretores.

Muita coisa prevalece dos tempos passados. Ainda hoje, na sala de aula, a criança deve permanecer sentada em sua carteira, calada, olhando para frente, absorvendo tudo que o professor passa sem reações a não ser que seja pedido para que o faça. Nas aulas de Educação Física a criança é introduzida a alguns esportes, normalmente os mais prestigiados pela sociedade, quase todos competitivos e em algumas exceções há um trabalho diferenciado para que a criança volte a conhecer seu corpo, adquira equilíbrio e coordenação. O recreio é o momento de maior liberdade para a criança, mas esta criança tem tanta energia, tanto movimento para botar para fora, que quando pode fazê-lo muitas vezes ocorre com muita intensidade. Estas crianças, já sem reconhecer onde acaba o seu corpo e começa o do outro, brincam de bater, chutar, entre outros, causando brigas nesses momentos que deveriam ser de lazer. Nesse isolamento causado nas escolas, nas salas de aula, a criança perde o contato, ela não mais se relaciona com o outro, não adquire valores como cuidado, causando muitas vezes essas brigas onde a criança não entende o valor do próprio corpo e do corpo do outro.

Apesar de a maior parte do cenário educacional permanecer o mesmo ao longo da história e ainda hoje a maioria das escolas seguir o modelo tradicional de ensino, no qual prevalece o autoritarismo do professor, a segregação dos conhecimentos e a hierarquia de

saberes, já podemos ver, cada vez mais, educadores, pais, pesquisadores da área na busca por uma educação mais liberta, pautada por valores e que valorize os sujeitos. Podemos identificar escolas que realizam algumas práticas que fogem desse tradicionalismo, no qual a criança, em sala de aula, apenas recebe o conhecimento. São espaços nos quais a criança experimenta uma aprendizagem diferenciada, não fica presa à sala, pode interagir com o conhecimento e com os outros. E, além disso, podemos observar uma busca por escolas que rompam com esse ensino tradicional, escolas nas quais a criança é sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, aprende na prática consigo mesma e com os outros. A maioria dessas escolas é particular, por isso permanece a busca pela universalização de uma escola pública, gratuita, laica que tenha como princípios norteadores a liberdade, a autonomia e a responsabilidade.

Para Foucault (1987, p.118), “*é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado*”. Essa é uma das consequências da educação formal atual, docilizar os corpos das crianças para que elas obedeçam, com o intuito de se “aperfeiçoarem”. Assim os corpos são treinados. Os alunos devem sentar-se eretos, copiando cadernos e cadernos, com o intuito de aperfeiçoar sua caligrafia. O movimento mais valorizado pelos professores é a coordenação motora fina. Quando há atividades diferentes em sala de aula, estas são sempre com o intuito de aperfeiçoar esse único movimento. Não há espaço para a subjetividade, a repetição de exercícios como escrever milhares de vezes a mesma letra, ocorre com o intuito de conseguirem o padrão. É realizado um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus gestos e comportamentos. A escola mantém seus alunos no mesmo nível da mecânica.

Percorrendo-se o corredor central da oficina, é possível realizar uma vigilância ao mesmo tempo geral e individual, constatar a presença, a aplicação do operário, a qualidade de seu trabalho, comparar os operários entre si, classificá-los segundo sua habilidade e rapidez, acompanhar os sucessivos estágios da fabricação. (FOUCAULT, 1987, p. 124)

Nesse trecho, Foucault (idem) traz uma redução materialista da alma, visando o adestramento. Um corpo preso por poderes que impõem proibições, limitações e obrigações, a oficina, a fábrica são retratos muito parecidos com a escola. Ele traz a situação do operário, na fábrica, que, como será relatado em minhas observações, não se diferencia da situação do aluno na escola: “*enquanto os alunos desenhavam, Joana passava em pé “supervisionando” seus desenhos*” (Diário de Bordo, 2013, Dia 6 – 17/05) – descrição da professora em sala. A própria disposição na sala de aula imita a das fábricas, onde os alunos ficam presos ao seu lugar, sem poder nem olhar o rosto do colega na cadeira ao lado, devendo preocupar-se

apenas com sua produtividade. Descartam-se todos os aspectos sociais e afetivos humanos, igualando a criança a uma máquina.

É comum vermos em sala de aula situações em que, aqueles alunos que possuem o comportamento esperado pela escola e considerado como adequado, são valorizados, vangloriados, tomados como o “bom exemplo”, o “correto”. E aquele aluno que não atende ao padrão é comumente desqualificado, considerado indócil. O conceito de “bom aluno” na escola é exatamente aquele que não conversa em sala de aula, que faz aquilo que lhe é pedido no menor tempo possível, que obedece os professores e diretores sem questionar, que recebe a informação como correta e apenas a internaliza.

1.2 O CORPO COMO POTÊNCIA PARA APRENDER

Desde que nascemos vamos descobrindo nosso próprio corpo, com cada movimento diferente que realizamos, descobrimos o que nossas mãos podem fazer, descobrimos a boca, o pé. A cada dia aprendemos um pouco mais sobre nós mesmos. Durante a infância aprendemos a engatinhar, andar, correr, pular, deitar, levantar, comer, pintar. Todas essas aprendizagens ocorrem principalmente pela imitação. Ao conviver com o outro, seja ele adulto ou criança, familiar ou não, observamos seus gestos, sua expressão corporal e vamos criando a nossa própria forma de ser e agir.

O ser humano é um misto de físico, afetivo e cognitivo, não devendo ser pensado de forma estática e desmembrada, uma vez que ele é único e indissociável. No entanto, este ser global não é acabado e sua constituição se dá a partir da interação com o outro. É essencial recordar este aspecto, base da teoria vygotskyana, que considera a interação social como fator fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas caracteristicamente humanas. (FREITAS, 1994, p.96)

Vygotsky (apud FREITAS, 1994), a partir de uma abordagem histórico-cultural, traz que a aquisição de conhecimentos se dá pela interação do sujeito com o meio. Uma vez que essa interação da criança com o meio e do meio com a criança se dá através de um outro, cada um de nós se constitui a partir da mudança do outro assim como a mudança de cada um de nós interfere no outro. Essa relação é de extrema importância para o desenvolvimento humano, pois assim constituímos nosso próprio ser. Pela observação, imitação e internalização dos movimentos do outro aprendemos comportamentos sociais e outros aspectos únicos da nossa cultura. Essa primeira aprendizagem dos padrões sociais e culturais, assim como dos papéis e funções sociais, ocorre a partir do brincar. Para Vygotsky (idem), a

criança recria o mundo real para apropriar-se dele, para compreendê-lo, mais do que imagina um mundo novo.

A brincadeira é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois é por meio dela que a criança expressa sua linguagem. Seus gestos e atitudes são repletos de significados, elas externam suas emoções questionando o universo dos adultos ao construir um mundo ao seu modo. Ao brincar a criança separa pensamento de objeto, o brinquedo é uma transição entre as ações da criança com o objeto e suas ações com o significado. Essa separação ocorre de forma espontânea, na qual, durante o brincar, a criança se permite mais.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.25), valoriza-se o brincar para que a criança adquira maior domínio e conhecimento sobre o seu corpo, contribuindo para a promoção *“do conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais, que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança”*. E ainda assegura *“a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança”* (BRASIL, 2010, p.19), mostrando como todas as formas de expressão são indissociáveis, pois fazem parte do ser humano em sua totalidade.

A brincadeira facilita o aprendizado e ativa a criatividade, contribuindo diretamente para a construção do conhecimento, porém, assim que as crianças saem da Educação Infantil, esses momentos de lazer e brincadeira tornam-se reduzidos e restritos, colocando o corpo e o conhecimento de si em local secundário na aprendizagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASÍLIA, 2001, p.43) consideram que nesse período a formação básica do cidadão deve ocorrer mediante *“o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”*. Apesar de o documento trazer a importância de haver articulação entre as diferentes áreas do conhecimento, o mesmo prevalece a leitura, a escrita e o cálculo, classificando-os como os meios para o melhor desenvolvimento da aprendizagem. O mesmo traz também como uma das áreas do conhecimento a Educação Física, inevitavelmente colocando o uso do corpo sob responsabilidade dessa área específica, reafirmando a dualidade corpo e mente com a delimitação de espaços permitidos a cada um deles, onde o corpo passa a ter local fora da sala de aula, sendo esta espaço do uso do intelecto desprendido do corpo.

Esses documentos trazem as propostas e o que é considerado importante para cada etapa educacional, mas trazem também que cada instituição é responsável por gerir da melhor maneira as propostas nacionais com seu Projeto Político Pedagógico. Assim, o que vemos na prática é a separação das diferentes linguagens. Fica sob responsabilidade dos profissionais de Pedagogia o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sob responsabilidade dos profissionais de Educação Física o trabalho com o corpo do aluno. Há uma valorização do raciocínio lógico-matemático e um consequente condicionamento dos corpos, que devem permanecer quietos e atentos para aprender:

Cristina começou a aula terminando de corrigir os deveres da aula anterior. Divisões de dois dígitos, da letra “a” até a letra “z”. Enquanto ela fazia as questões no quadro os alunos não podiam fazer nada, tinham que deixar o lápis e a borracha em cima da mesa e ficar olhando para o quadro. Após o término eles deviam copiar a questão corretamente. (Diário de Bordo, 2013, Dia 13 – 09/07)

Os alunos perdem sua liberdade de agir, não havendo uma aprendizagem significativa e não respeitando o tempo ou a forma de aprender de cada um. Esse trecho sintetiza a visão de uma educação na qual o professor é o único detentor do poder, do controle, do conhecimento e os alunos devem absorver o “máximo” durante as aulas. Para isso eles não precisam usar o corpo, apenas observar e memorizar, e para auxiliar o último, devem sempre ter o registro no caderno copiado.

Paulo Freire (1991) fala de uma aprendizagem formal de corpo inteiro, na qual o sujeito constrói seu próprio conhecimento através do desejo, do movimento, pois o mesmo ser que age é o ser que sente e pensa. Essa aprendizagem formal de corpo inteiro é cada vez menos presente nas escolas. As partes que não interessam à escola são excluídas do processo de aprendizagem, sendo valorizada apenas a parte intelectual cognitiva, nem mesmo a parte criativa consegue forças para manter seu espaço. A escola separa a “educação intelectual” da “educação corporal”, sendo a primeira a mais valorizada e a segunda deixada sob a responsabilidade da Educação Física. O movimento corporal restringe-se às aulas de Educação Física e ao recreio, mas ainda sem autonomia.

Começamos a dicotomizar corpo e mente, mas eles não existem de formas separadas, co-habitam e coexistem em um mesmo ser. A mente comanda os movimentos, as ações, as emoções, os pensamentos, e o corpo manifesta esses aspectos da nossa existência. Pelo corpo manifestamos aspectos da nossa cultura e sociedade, no entanto, vemos cada vez mais uma tentativa de redução dos movimentos, por parte dos adultos, que em sua maioria, não se

movimentam e inibem o movimento infantil. Essa repressão dos movimentos começa em casa e estende-se até a escola.

O uso do corpo em sala de aula deve ser restrito ao cumprimento dos deveres. Devendo este restringir-se ao que Foucault (1987) refere-se como o mínimo gesto necessário, ou seja, um aluno bem disciplinado tem um movimento mais eficiente, realizando suas atividades em menor tempo e com o mínimo de movimentos. O corpo deve ainda acostumar-se a esse rigor de tempo e horários impostos pela escola. Todos os horários são fechados e pré-definidos, para eles a criança deve estar pronta física e mentalmente a cumprir. Ao sinal do professor, ou da escola, devem mudar de atividade, caso não sejam capazes de cumprir à risca as atividades estabelecidas a criança é punida.

Em minhas observações na Escola Caminho Verde a entrada dos alunos na escola chamou minha atenção:

Os alunos chegam por volta de 7h40, mas não entram, ficam esperando fora do portão, meninas de um lado e meninos do outro, não se misturam. A entrada é liberada por turma por um funcionário. As crianças já entram por ordem de tamanho e em suas respectivas filas, uma de meninas e uma de meninos. A coordenadora vai verificando e organizando as filas no pátio em frente às salas. Às 8h toca uma música, o sinal. Ao final da mesma a coordenadora dá bom dia, pede silêncio e avisa que estaremos acompanhando-os nas salas. Cada professor se posiciona a frente de sua fila e a conduz à sua respectiva sala. As crianças deixam seus materiais em suas mesas e vão pegar o lanche. Nesse dia, leite com biscoitos. (Diário de Bordo, 2013, Dia 1 – 16/04)

As crianças têm seus corpos catalogados e divididos em gênero, tamanho e idade. Seu movimento é controlado e restrito, vigiado de perto por supervisores, professores e coordenadores. Esta é uma rotina diária que os dociliza. A disciplina procede em primeiro lugar à disposição dos indivíduos no espaço. A disciplina exige às vezes a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. “*Houve o grande “encarceramento” dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mais insidiosos e eficientes*” (FOULCAULT, 1987, p.122). O “encarceramento” dos vagabundos também ocorre com nossas crianças nas escolas, estão apenas mais disfarçados, alguns são ocultos, mas possuem a mesma eficácia.

O movimento vem sendo usado inclusive como prêmio ou punição, se o aluno é eficiente e termina suas tarefas com rapidez, é liberado para brincar, pode se levantar, sair de sala, se o aluno mostra “ineficiência” no desenvolvimento de suas tarefas, é punido, fica sem recreio, sem as aulas de Educação Física, privam-no do pouco momento em que ele poderia

libertar seu corpo, movimentar-se, em vez disso, é obrigado a ficar sentado em sala fazendo mais cópias ou tarefas que seja necessário apenas o uso da mente e das mãos. Essas punições não só não fazem sentido como não são eficientes, pois, a criança fica sobrecarregada, estressada e desestimulada, privam-na do que a interessa na escola, e aumentam a quantidade de atividades de cópia, memorização, repetição.

Esses trechos relatados e o breve relato histórico descrito acima revelam uma educação com a noção de disciplina e silenciamento. Essa representação da criança comportada como a que não se move perdura até hoje. O princípio de vida pelo movimento parece não ter espaço nas escolas, onde o corpo deve servir apenas como instrumento de acesso ao intelecto.

CAPÍTULO 2 – A APRENDIZAGEM COM O CORPO NA ESCOLA

No capítulo anterior vimos a necessidade de uma conscientização a respeito das questões do corpo. Por mais que não se considere o corpo em sala de aula ele está presente. Temos que transformar a realidade das relações do corpo com a educação, enfrentando essas amarras historicamente estabelecidas, entendendo o corpo como nossa identidade, nosso acesso ao mundo e percebendo-nos como corpos em movimento, onde há uma intencionalidade de uma motricidade que nos coloca em ação no mundo.

É necessário que o professor, referência do aluno em sala de aula, tente ter um bom relacionamento com o próprio corpo para, posteriormente, refletir em sua prática docente. É a partir da própria experiência que o docente poderá pensar em práticas pedagógicas que incluam o corpo. Para Freire (2014, p.35) o professor que realmente ensina *“nega como falsa a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço””, pois “as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem”*. A movimentação do professor, sua postura, o modo como ele expressa sua relação com o corpo, interfere na relação dos educandos com seu corpo. Em uma de minhas observações na Escola Caminho Verde, na aula de recreação (que substitui a de Educação Física) a professora levou os alunos para a quadra e deixou que escolhessem livremente a atividade que gostariam de fazer. Ela não estava interessada nesse momento, sentou-se em um banco e ficou mexendo no ipad. Quase todas as meninas da turma imitaram sua escolha e sentaram-se ao seu lado com seus celulares ou observando o ipad da professora.

O sistema tradicional de educação aprisiona o corpo em ações estereotipadas e limitadas. Precisa-se romper com esse sistema para que o corpo possa recuperar sua legitimidade em sala de aula. O corpo não pode ficar apenas sob responsabilidade da Educação Física, pois somente se o corpo for trabalhado de forma transversal e integral em sala de aula conseguiremos superar a dualidade corpo-mente. A simples disposição das carteiras na sala reflete a visão de corpo dos professores e da instituição. Se em sala de aula o aluno é ensinado a não se mover, sentar em sua carteira por horas sem poder levantar-se ou virar para o lado, essa escola está separando corpo e mente, dizendo que em sala usa-se apenas a mente e fora dela pode-se usar o corpo. Mas se na sala os alunos têm diferentes disposições, podem sentar-se em roda, no chão, olhar no rosto dos colegas e professores, observar seus movimentos, se têm liberdade de interagir com o conhecimento e não apenas recebê-lo, a escola consegue trazer para dentro de sala de aula corpo e mente juntos, trabalhando-os em conjunto.

O educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 2014, p.28)

Para que haja aprendizagem, o aprendiz deve ser capaz de refazer ou recriar o ensinado, mas se transformarmos a experiência educativa em apenas um treinamento estaremos tirando o caráter formador do ensino. Por isso devemos sempre instigar a curiosidade dos educandos, pois ela desperta a criatividade, fazendo com que cada educando acrescente ao mundo algo dele, tornando-o sujeito do seu próprio processo de aprendizagem. Para Freire (2014, p.39) essa prática docente crítica envolve “*o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer*”. Portanto, ao ser sujeito do seu processo, o educando constrói, reflete e reconstrói seus conhecimentos, sempre de forma ativa e com o auxílio do educador.

Para que a aprendizagem seja significativa o corpo deve estar presente em diferentes disciplinas, dando a oportunidade para que ele seja o estruturador do conhecimento. Ao analisarmos historicamente vemos que a Matemática tem seu sistema de medidas baseado no corpo humano, nosso sistema decimal é assim estruturado porque temos 10 dedos, porém vemos constantemente em sala de aula situações nas quais a criança que faz contas nas mãos, usando os dedos, é considerada inferior por não realizar os cálculos mentalmente. Mas ao retirar o corpo da educação matemática o professor está privando o aluno de passar pelo mesmo processo histórico da própria matemática. Podemos ver essa privação na fala de uma professora:

Disse aos alunos que decorar a tabuada é indispensável, que eles devem chegar em casa e repetir todos os exercícios realizados no dia para fixá-los, que devem repetir até memorizar como se faz, pois matemática é assim, milhões de folhas de repetição de exercícios. (Diário de Bordo, 2013, Dia 13 – 09/07)

Ao invés de tentar tornar a matemática prazerosa, a professora restringe o uso do corpo à cabeça, pois a tabuada deve ser decorada, todos os cálculos devem ser realizados mentalmente e para isso o aluno deve repetir os exercícios quantas vezes forem necessárias para que os memorize. O aluno inteligente é aquele que decora as atividades, que são maçantes e cada vez mais sem sentido, pois são todas iguais. Freire (2014, p.47) nos traz a importância de “*saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades*

para sua própria produção ou a sua construção” e isso apenas acontecerá quando a ideia de “treinamento” e “adestramento” dos corpos for superada, quando criarmos espaços em que os educandos tenham liberdade para aprender, para serem sujeitos ativos e críticos na construção de sua aprendizagem.

Outro episódio de minhas observações que traz as consequências de ignorar e restringir o uso do corpo em sala de aula foi em uma aula de ciências, onde as crianças estavam estudando o corpo humano e antes de distribuir os materiais para a realização de uma atividade a professora pediu que cada um desenhasse o contorno do corpo humano e os órgãos internos da pessoa. O desconhecimento do próprio corpo era tanto que algumas crianças desenharam apenas o coração, um menino desenhou o coração dentro do pulmão e ninguém desenhou mais de dois órgãos. Depois cada criança recebeu um contorno de um corpo, os órgãos internos separados e mais um contorno com o rosto para fechar o corpo humano. As crianças deveriam colocar os órgãos nos seus respectivos lugares dentro do contorno, mas elas não conheciam a maioria dos órgãos ali apresentados. Como esperar que essas crianças possuam um conhecimento do próprio corpo se isso lhes é negado constantemente em sala de aula? O corpo das crianças é reduzido à cabeça, valorizando-se apenas o desenvolvimento intelectual. Mas se as crianças são constantemente inibidas, não podem explorar nem o visível, o palpável, como construirão saberes mais profundos sem transpor essas barreiras? É a partir de si próprio que as crianças compreendem o mundo. No 5º ano elas já estudaram todos os sistemas e os órgãos responsáveis por cada um, mas ler um texto explicativo e responder questões objetivas em uma ficha, fazer uma cruzadinha com os órgão de cada sistema não contribuirão para que o educando desenvolva esse conhecimento. É preciso que as crianças possam explorar, questionar, pesquisar, observar o funcionamento do próprio corpo e não apenas decorar os nomes dos órgãos e suas funções.

Para buscarmos uma aprendizagem significativa com a presença do corpo nas diferentes disciplinas, devemos questionar a forma como o conhecimento tem sido construído em sala de aula e as abordagens escolhidas para isso, afinal, como diz Nóbrega (2005, p.612) *“as diferentes disciplinas ou pedagogias, ao intervir sobre o corpo, precisam considerar que o corpo que tenho é também o corpo que sou”* e é esse corpo que sou que aprende e deve ser levado em conta em todos os momentos de aprendizagem. Para Freire (2014, p.51) *“o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos”*. O educando é atuante de corpo inteiro em seu processo de construção de conhecimento, não é um ser passivo, dócil, que vai à escola para ser manipulado, é corpo criador, curioso, ativo.

É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 2014, p.23)

O sujeito que chega à escola traz consigo uma bagagem, experiências de vida, concepções sobre o mundo em que vive. Esse mesmo sujeito, ao interagir com outros sujeitos na escola cria, re-cria suas concepções através das vivências, da interação com o outro e com o mundo. Assim se dá a aprendizagem, na construção e reconstrução diária de saberes, em conjunto com os demais sujeitos que fazem parte desse processo, pois ensinar inexiste sem aprender, assim como quem aprende ensina ao aprender. A aprendizagem ocorre de uma relação dialógica onde o aprendiz se torna criador.

O importante é que a escola proporcione situações de aprendizagem em que o principal não seja a aprendizagem mecânica, de um único gesto que é repetido diariamente, mas uma aprendizagem de corpo inteiro, onde o educando também possa expor seus sentimentos, suas emoções, desejos e inseguranças, uma aprendizagem pautada por valores essenciais para a vida coletiva, em que os sujeitos possam aprender e crescer no respeito às diferenças. Situações que sejam formadoras e não domesticadoras, em que a distância entre o que é falado em sala de aula e o que é efetivamente feito seja diminuída, que os educandos possam ouvir, mas também refletir, falar, agir.

Estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 2014, p.57)

A escola, como formadora para a vida, deve auxiliar os educandos em sua caminhada no mundo, em suas relações com o mundo e com os outros, para isso, o corpo que aprende na escola não pode ser diferente do corpo que age no mundo. Ao assumir sua função formadora, a escola deve buscar desenvolver em seus educandos não só a capacidade de aprender apenas para se adaptar, mas especialmente para intervir, para transformar a realidade vivida. Assim cada um se sentirá responsável pelos espaços e pelas decisões, pois como seres atuantes

deverão também refletir criticamente sobre cada prática, para que cada um possa melhorar suas decisões e ações futuras.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2014, p.44 e 45)

Dentro de sua função, a escola possui também caráter socializante. Ela é o primeiro contato da criança com um mundo além do núcleo familiar e possui grande importância para o desenvolvimento pessoal dos sujeitos. Como foi dito por Freire (idem), foi aprendendo socialmente que homens e mulheres descobriram que é possível ensinar, mas, com o passar dos anos, as escolas foram excluindo seu caráter social, focando apenas na aprendizagem mecânica. Porém nós somos seres sociais, nos constituímos, nos desenvolvemos e aprendemos ao socializar, interagir com o outro, sendo assim, na escola, a aprendizagem não pode ser determinada como algo que ocorre apenas em sala de aula e de maneira solitária. Devemos buscar valorizar mais esses momentos que envolvam os demais sujeitos da instituição e seus outros espaços além da sala de aula. Buscar situações em que os sujeitos estejam agrupados por interesses de aprendizagens e não catalogados por idade ou “níveis de conhecimento”.

Para Hanna Arendt (apud Coser 2012, p.23) a associação entre diálogo e liberdade *“reside na capacidade que o diálogo permite aos atores em incorporar outras opiniões, em ampliar sua visão do mundo público”*. A partir do diálogo os sujeitos integram-se no grupo social deslocando-se dos seus interesses privados. Essa troca permite que os sujeitos entrem em contato com diferentes opiniões, conhecendo conteúdos que não teriam acesso caso permanecessem presos unicamente à sua própria opinião. A liberdade permite que os sujeitos pensem além dos seus próprios interesses, pois ser livre diz respeito à capacidade de *“se deslocar entre as várias opiniões acerca do mundo público; é não estar atado a uma única visão, dispor de liberdade para dialogar entre as diversas apreciações dos assuntos*

públicos” (COSER, 2012, p.26). Ao separarmos nossas crianças por série e idade estamos impedindo que esse diálogo, essa troca ocorra em todas as esferas sociais. Quando há a visão do professor como detentor do conhecimento, cuja função é passar a visão de mundo “correta” para as crianças, tiramos a liberdade dos educandos de opinar e incorporar diferentes opiniões à sua visão de mundo. Para que haja uma educação para a liberdade devemos criar espaços e situações em que os educandos possam interagir com outros sujeitos que não unicamente os de sua esfera privada, permitindo que os indivíduos compartilhem interesses e discutam estratégias para resolver as questões que surgirem eventualmente.

Nessas situações em que as crianças podem aprender em espaços e situações além da convencional da sala de aula ocorrem trocas riquíssimas entre os envolvidos, pois todos aprendem juntos, contribuindo para o desenvolvimento do outro e vivenciando o seu corpo em liberdade. Nesses momentos de aprendizagem os sujeitos se entregam de corpo inteiro, são emoção, curiosidade, desejo e assim aprendem consigo mesmos e com os outros. Cada um, através dessas experiências, vai amadurecendo, se desenvolvendo no seu próprio tempo. Essas experiências de troca entre os diferentes sujeitos são pautadas pelo respeito, e desperta em cada um a responsabilidade não só pela própria aprendizagem, como pelo outro. São espaços que dão liberdade aos educandos para vivenciarem a aprendizagem da sua maneira. Como diz Freire (2014, p.139) essas experiências pedagógicas têm a capacidade de *“despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido”*. Sendo assim, a escola deve ser um lugar alegre, solidário, colaborativo, respeitoso, onde cada educando possa exercer sua individualidade e aprender em liberdade.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

No presente trabalho é utilizada uma abordagem qualitativa, considerando essa a abordagem mais adequada para responder ao objeto de investigação. Segundo Minayo (2004) a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois responde a questões muito particulares, é disso que se trata quando trabalhamos com relato da prática, em forma de diário. Dentro dessa abordagem qualitativa realizei um trabalho de campo, onde estive inserida à realidade pesquisada, interagindo com os sujeitos dessa investigação por um longo período.

3.1 A ESCOLHA METODOLÓGICA

O trabalho é desenvolvido na perspectiva de pesquisa participativa, pois dentre as formas de pesquisa qualitativa, possui grandes possibilidades de aplicação contribuindo em diversas áreas, como a escolar.

Pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. (THIOLLENT, 2009, p.17)

Assim, realizei uma observação participativa, sempre interagindo com os sujeitos observados, desenvolvendo atividades de forma colaborativa. Durante o processo da minha pesquisa pude estudar os problemas, conflitos, decisões e ações que permeiam o cotidiano escolar. Através da pesquisa participativa pude integrar pesquisa, reflexão e ação. Para Barbier (2007) a finalidade da pesquisa participativa é servir de instrumento de mudança social, o pesquisador não é apenas um observador neutro e passivo cujo dever é descrever, explicar e prever os fenômenos. O pesquisador, através de uma escuta sensível, busca propor novas reflexões no processo de construção colaborativa.

Para Minayo (2004, p.59) a observação participante ocorre *“através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”*. É um processo no qual o pesquisador realiza uma investigação científica ao se colocar como observador de uma situação social. *“O trabalho de campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano”* (MINAYO,

2004, p.64). Assim, utilizo observações participativas ocorridas em uma escola pública do Distrito Federal, decorrentes da disciplina de Projeto 4 – Estágio Supervisionado e da parceria da escola com o Programa de Extensão e Ação Contínua: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras. Produzo e potencializo também um diário de campo construído nessas práticas, o qual traz elementos descritivos e reflexivos da prática na escola. Para preservar a integridade e o anonimato das pessoas citadas no diário, todos os nomes dos envolvidos foram trocados.

Segundo Minayo (2013) em um diário de campo constam todas as informações obtidas através de observações, como comportamentos, gestos e conversas que estejam de acordo com o tema pesquisado.

Portanto, a construção dos diários deve ser permeada por uma escrita descritiva, rica em detalhes e que se caracterize por ser escrita do momento da pesquisa. No diário, é preciso constar todas as referências desde a data, a hora, o local, nome do observado, ou a referência da situação observada e logo após as contribuições descritivas e reflexivas do diarista. Enfim, o diário permite-nos um campo de reflexão de nossas práticas de pesquisa sendo um instrumento de captação de ideias e fatos cotidianos do processo de pesquisa. (HESS, 1996, p.80)

O diário de campo é um instrumento de registro diário, no qual o pesquisador registra suas impressões, os fenômenos, atitudes e fatos acontecidos. Através desse registro pude estabelecer relações entre as vivências e o aporte teórico selecionado para a pesquisa. Através da escrita descritiva pude realizar reflexões e análises de minha prática.

3.2 O CONTEXTO DA PESQUISA E OS SUJEITOS

A escola em questão é uma escola pública de Ensino Fundamental, com turmas de 1º a 5º ano matutino e vespertino. As aulas da manhã são das 8h às 13h e as da tarde de 13h às 18h. Como os alunos da tarde e da manhã utilizam as mesmas salas, as mesmas são liberadas às 12h45 para que haja uma rápida limpeza antes da entrada na nova turma.

As salas de aula possuem um bom espaço, porém como as turmas são muito cheias fica inviável dispor os alunos em círculo, as salas só comportam todas as carteiras se estiverem enfileiradas ou em grupos, sendo a primeira a constante. As salas possuem duas grandes janelas com grades e dois ventiladores na parede que tem, também, um quadro. Como algumas salas são utilizadas por uma turma de manhã e outra à tarde, os murais e armários são divididos entre as turmas e as professoras. Os armários são trancados a chave, que fica com a

professora responsável. As portas das salas só abrem pelo lado de dentro, para abrir por fora somente com chave.

A escola conta ainda com a sala dos professores, da direção, uma sala de recursos, uma de orientação educacional, cozinha e banheiros. As salas são localizadas ao redor de um pátio com hastes para bandeiras, mas é raro haver bandeiras penduradas. Há vários bancos pelo pátio e alguns canteiros com flores. Na parte coberta há um palquinho onde são realizadas apresentações, mas no dia-a-dia é o local do totó que as crianças brincam. Ainda na parte coberta, porém fora do palquinho, há uma mesa de ping-pong e alguns armários com brinquedos para as crianças utilizarem durante o recreio.

Na área descoberta do pátio há algumas brincadeiras, como amarelinha, pintadas no chão. Há um pequeno parquinho de areia, cercado, um pequeno campinho de terra e uma quadra poliesportiva coberta, que conta apenas com dois gols, não há rede de basquete ou suporte para rede de vôlei. A escola conta ainda com um espirobol ao lado da quadra e uma casinha de boneca.

A escola está localizada em uma região administrativa do DF, de classe média alta. Os alunos são oriundos de famílias que moram e/ou trabalham em diversas regiões, como São Sebastião, Jardim Botânico, Lago Sul, Jardim Mangueiral, Paranoá, Asa Norte e outros. São de classes sociais diferentes, em geral de baixa renda.

As professoras possuem entre 5 e 25 anos de Secretaria de Educação (dados coletados a partir de dinâmicas conversacionais na escola). Muitas estão, inclusive, prestes a aposentar-se. Uma ou outra são novas na escola. Quase todas se mostraram muito interessadas em fazer parte do Projeto e buscar mudar algumas práticas em sala de aula, apenas uma recusou-se desde o começo. Porém, algumas diziam ter vontade de participar do projeto, mas suas ideias não eram compatíveis, queriam mesmo uma estagiária convencional para ajudá-las em sala de aula, por esse motivo nos concentramos em algumas turmas, nas quais as professoras estavam realmente abertas para colocar em prática alguns dispositivos do Projeto, dispositivos que priorizam a escuta, o trabalho colaborativo e o aprender protagonizado pelas crianças.

A pesquisa foi desenvolvida de forma participativa e colaborativa em dois momentos diferentes. Em um momento observei e atuei em uma única turma de 5º ano, com crianças de 10 e 11 anos, realizando atividades em sala de aula com esse grupo. Em outro momento atuei com as crianças de toda a escola, de todas as turmas, agrupadas por interesse e não por idade ou série, participando de oficinas que aconteceram em diferentes espaços da escola.

A turma que acompanhei foi a do 5º ano B, na qual estive presente às terças-feiras durante todo o ano de 2013. A turma era composta por uma professora e 32 alunos, sendo 22 meninas e 10 meninos. No primeiro semestre eu era a única extensionista a acompanhar a turma, mas no meio do ano mais duas passaram a realizar trabalhos comigo nas terças e outro grupo de alunos em outro dia. Durante esses encontros realizamos diferentes projetos e atividades com as crianças e a professora em sala de aula, acompanhando-os em suas atividades diárias e trazendo atividades diferentes, como o projeto da família, o de jogos e o da culinária. Concomitantemente a esses projetos as aulas eram compostas basicamente por aulas expositivas, atividades escritas e xerocadas, provas e alguns trabalhos em grupo.

Realizamos três oficinas durante o ano, nas quais os grupos eram heterogêneos, com crianças de todas as turmas. A ideia das oficinas era que nós extensionistas coordenássemos e as professoras participassem junto com os estudantes, porém a maioria das professoras ou apenas observava, ou nem ficava para ver, iam para a sala dos professores fazer outra coisa. Algumas oficinas se mantiveram de uma edição para outra, algumas saíram e outras entraram. A primeira edição foi a mais variada em termos de temas das oficinas, as outras duas, a pedido da escola, se dividiram em oficinas de brincadeiras e oficinas de construção de brinquedos.

A escola trabalha com datas comemorativas, então os trabalhos e atividades seguiam o tema dessas datas. Como a turma observada foi o 5º ano, última série da escola, um tema forte durante todo o ano e em especial no segundo semestre foi a despedida das crianças que mudariam de escola.

A obtenção dos dados dessa pesquisa ocorreu do contato direto da presente pesquisadora com o cotidiano dos sujeitos da pesquisa, assim, a ênfase está no processo, e a preocupação é retratar a perspectiva dos participantes em interação. Os dados gerados foram predominantemente descritivos, sendo realizada uma ponte entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo durante todo o estudo, assim como minha intervenção pedagógica com as crianças.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS FRAGMENTOS DE UMA PRÁTICA EM AÇÃO

Durante o ano em que acompanhei a turma do 5º ano desenvolvemos em sala de aula alguns projetos. No primeiro semestre foi o projeto da família, no qual a turma se dividiu em grupos, formando diferentes tipos de famílias às quais foi dada uma situação de vida: onde moravam, se a casa era própria ou não, o trabalho dos pais, o local de estudo dos filhos, transportes, compras. Os alunos deveriam achar a melhor forma de gerir o salário da família para que pagassem as contas, fizessem as compras necessárias e faziam planos, como fazer algum curso para melhorar a profissão, para isso pesquisavam tudo a respeito.

Tivemos também um projeto de jogos e nele as crianças, em grupos, confeccionaram alguns jogos de tabuleiro, que estariam à disposição dos alunos para brincarem no recreio ou outros momentos de lazer. Para isso, antes da confecção, levamos para a sala alguns jogos, jogamos juntos e assim eles se inspiraram e desenvolveram seus próprios jogos.

Outro projeto que desenvolvemos foi o da culinária. As receitas eram levadas e escolhidas pelos alunos. Cada um ficava responsável por levar um ingrediente, assim todos colaboravam em conjunto. No quadro escrevíamos os ingredientes necessários e o modo de preparo. Dividíamos a sala em grupos de responsabilidade, assim todos participavam de alguma forma da receita. Ao final deliciávamo-nos com as produções.

Concomitantemente aos projetos, as aulas eram compostas basicamente por atividades mecanizadas em fichas de exercícios e provas. Eventualmente havia um trabalho em grupo com apresentação para a turma.

Além disso, realizamos três oficinas durante o ano com as crianças. Nessas oficinas todas crianças da escola eram agrupadas por interesses. Eram espaços de liberdade em que buscávamos o diálogo, o respeito, a colaboração, a solidariedade, a autonomia e a alegria. Na primeira edição fiquei responsável pela oficina de perguntas e ideias sobre a vida. Nessa oficina realizamos uma roda de conversa sobre a vida, na qual cada fala das crianças puxava uma nova discussão e ao final produzimos um varal com desenhos de algo que fosse único para cada uma na escola, buscando que elas valorizassem e compartilhassem algo que as fazia feliz naquele espaço que frequentam quase todos os dias. Introduzimos o dispositivo dos “combinados”, no qual ao invés de regras impostas elaboramos em conjunto os combinados do grupo para que a oficina ocorresse da melhor maneira possível e ao final também realizamos o “gostei e não gostei” abrindo um espaço para as crianças emitirem livremente sua opinião, seus gostos e impressões desse novo espaço e do nosso momento juntos.

Na segunda edição atuei na oficina de brincadeiras pela manhã e na de construção de bonecos de farinha pela tarde. Para a de brincadeiras levamos para a quadra: corda, bambolê, elástico, peteca, bola de gude, boca do palhaço e jogo das argolas. Foi um espaço em que as crianças podiam escolher livremente do que gostariam de brincar, permitindo que brincassem com crianças de toda a escola, de diferentes idades e turmas, e também comigo e com os demais extensionistas que estavam conduzindo as oficinas. Assim como nas demais oficinas incentivamos as crianças a resolverem as questões que surgiam através do diálogo e para isso também fizemos os “combinados” em nossa roda inicial e o “gostei e não gostei” na roda final. Na oficina de construção de bonecos de farinha confeccionamos bonecos com os materiais levados previamente pelas crianças. Nessa oficina cada criança teve a oportunidade de aprender a partir da experiência, da própria prática, permitindo que cada uma criasse e recriasse seu boneco à sua própria maneira. Brincamos de construir os bonecos e depois brincamos com os bonecos prontos. Os “combinados” feitos na roda inicial foram muito importantes nessa oficina para que pudéssemos construir os bonecos nos divertindo, mas sem desperdiçar muita farinha.

Na última edição estive novamente na oficina de brincadeiras no turno da manhã e de confecção de petecas à tarde. As brincadeiras foram basicamente as mesmas, com algumas modificações, não tivemos boca do palhaço, mas tivemos pé de lata. Mais uma vez as crianças puderam transitar livremente pelo espaço escolhendo do que gostariam de brincar, começaram a participar mais da elaboração dos “combinados” e do “gostei e não gostei”, dando suas ideias e contribuições, inclusive, durante o momento das brincadeiras, sugeriram diferentes formas de brincar para que todos pudessem participar e a brincadeira ficasse mais divertida para todos. Na oficina de confecção de petecas nos divertimos construindo nosso brinquedo. Nessa oficina conseguimos superar algumas barreiras impostas pela escola, como questões de gênero, padronização do movimento e a questão do erro, da exposição da criança. Todos ficaram muito felizes por conseguirem fazer a sua própria peteca, deixando-a com a sua cara. Depois divertimo-nos brincando com os brinquedos feitos pelas crianças.

4.1 – APAGAMENTO DE UM CORPO INIBIDO PELO OUTRO E O AMBIENTE

No primeiro contato que tive com a escola fiquei assustada, pois presenciei a entrada das crianças. Como relatei no “*Diário de Bordo Dia 1 – 16/04*” há um total apagamento dos corpos das crianças, corpos estes que são reprimidos pelo outro e pelo ambiente, desde sua chegada. As crianças são proibidas de entrar na escola assim que chegam, todas devem

esperar do lado de fora já separadas em filas por turmas e ordem de tamanho. Mesmo que esteja chovendo devem esperar do lado de fora, nesses dias todas ficam amontoadas debaixo da pequena proteção da entrada, tentando não se molhar e sem poder sair do seu lugar na fila. *“Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos”* (FOUCAULT, 1987, p.123). Elas inclusive já sabiam exatamente quem ficava na sua frente e atrás, deixando o espaço para caso o colega chegasse atrasado, um corpo não pode ocupar o lugar do outro, todos possuem seus lugares definidos. *“A disciplina procede em primeiro lugar à disposição dos indivíduos no espaço. A disciplina exige às vezes a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo”* (FOUCAULT, 1987, p.121 e 122). Essa disciplina à que Foucault faz alusão, tão presente nos quartéis e nas fábricas, pode ser vista também na escola, onde as crianças possuem seus corpos disciplinados todos os dias. Seus corpos são constantemente inibidos pelo ambiente escolar, devem esperar fora da escola, quando os portões se abrem todos entram juntos e ali permanecem até que bata o sinal indicando que terminou o dia. Dentro da escola devem permanecer cada um em sua sala. Na sala cada criança tem seu corpo preso à sua carteira, possuem inclusive um mapeamento, no qual cada professor decide onde cada criança deverá sentar-se, essa disposição somente mudará quando o professor refizer o mapeamento.

“Cada professor se posiciona à frente de sua fila e a conduz à sua respectiva sala. As crianças deixam seus materiais em suas mesas e vão pegar o lanche” (Diário de Bordo, 2013, Dia 1 – 16/04). Toda essa movimentação é realizada na mesma fila da entrada e imita a marcha dos quartéis, na qual todos devem caminhar juntos, em fila, não podem correr ou sair da disposição, caso contrário são submetidos à coerção, que quase sempre significa privar a criança dos escassos momentos de liberdade do corpo. Para receber o lanche a professora, ou algum aluno escolhido por ela, guia os demais à cozinha, onde, ainda em fila, recebem o lanche, se encaminham para as salas e comem cada um na sua carteira. Há uma *“redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável”* (FOUCAULT, 1987, p.118). Esse é um ritual que se repete todos os dias, mesmo aqueles que não irão lancha, seja por já terem comido em casa, porque levaram um lanche especial ou simplesmente porque não querem, devem estar na fila e participar de todo o ritual, de toda a marcha, devem ser dóceis.

No *“Dia 22 – 23/10”*, tivemos um dia de oficinas na escola. Esses são momentos com o objetivo de dar liberdade às crianças, tanto de realizarem suas próprias escolhas, de serem ouvidas, quanto de haver uma liberdade física, pois são momentos nos quais buscamos

transpor as barreiras da sala de aula. Porém, aconteceram algumas situações em que a escola, com sua forte necessidade de controle das crianças, inibiu esse momento diferenciado:

No período da tarde fiquei com a Letícia na oficina de fazer petecas. Foi bem tranquilo, no primeiro horário, quando estávamos fazendo nossa roda inicial apareceu a Lorena (uma das professoras que acompanha o trabalho) na sala, perguntando se estava cheio, se ela podia colocar outras crianças na nossa oficina, quando uma ia entrar na sala ela puxou de volta e falou “Não, você não” e colocou outros dois para dentro. Os dois alunos entraram com cara de muito chateados na sala, foram tirados da oficina que eles queriam estar e colocados em outra. (Diário de Bordo, 2013, Dia 22 – 23/10)

O desejo das crianças simplesmente foi desconsiderado, não sei qual foi o motivo de isso ter acontecido, mas não justifica o fato de que a liberdade de escolha, a expressão individual de cada um tenha sido podada nesse momento. São recorrentes as situações na escola em que a professora decide pelas crianças, seja na formação de grupos para trabalhos, nos temas dos trabalhos, na forma de realizar alguma atividade. A diferença, a individualidade são substituídas por um padrão escolar imposto, todos os dias, de forma a moldar cada criança, de aperfeiçoá-la. Foucault (1987, p.118) traz que “*o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações*”, esses poderes são reforçados diariamente, em situações como essas e outras, quando os professores desconsideram os desejos das crianças em prol de manter a ordem, a disciplina. Ao invés da proposta colaborativa das oficinas, algumas crianças vivenciaram a imposição autoritária, o poder disciplinador do corpo e da palavra e, nós, tivemos nossa palavra também desconsiderada. Apesar desse início conturbado, a oficina ocorreu bem, conseguimos acolher essas crianças que foram inibidas no começo, dando-lhes voz e permitindo que elas tivessem um momento de liberdade naquele dia, brincando de construir petecas e depois brincando com as petecas. No decorrer da oficina elas foram se soltando e apreciando estar ali com os demais colegas, ainda mais no momento de sair para testar os brinquedos, ali elas tiveram um momento de liberdade que lhes havia sido negado, elas puderam brincar livremente com seus brinquedos e seus colegas da forma que quisessem. Eram corpo, desejo, alegria e liberdade.

Em minha prática acompanhei uma turma do 4º ano em um passeio ao Catetinho. Antes de irem para o ônibus a professora lembrou a turma dos combinados para o passeio, que pelo que observei não foi construído com as crianças, foram regras impostas pela professora que receberam o nome de combinados, mais uma vez um sistema autoritário que poderia facilmente ser transformado em algo colaborativo em que as crianças pudessem participar, em

que seus corpos tivessem a liberdade de falar e se expressar: *“sempre andarem juntos, não se distanciarem muito do grupo, não correr, não jogar lixo no chão, se não encontrarem lixeira, que guardem o lixo no bolso até acharem algum lugar apropriado para jogar”* (Diário de Bordo, 2013, Dia 19 – 26/09). A maioria dos combinados vem precedida do “não”, trazendo a força da palavra disciplinadora. Assim como “sempre andarem juntos”, “não se distanciarem muito do grupo” e “não correr” trazem o poder disciplinador do corpo.

No ônibus estavam as duas turmas do 4º ano juntas, mas quando descemos cada turma fez a sua fila atrás da sua professora para irem para o mesmo lugar. Foucault (1987, p.123) traz que *“é preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa”*, assim são feitas duas filas, para que todos andem em marcha, para o mesmo destino, um percurso curtíssimo. As professoras buscam ao máximo neutralizar os inconvenientes, manipulando e docilizando os corpos das crianças.

Fomos recebidos por um senhor que faria uma explicação inicial antes que fôssemos fazer a visita pelo local. Porém o homem foi muito grosseiro, faltou com respeito com as professoras e com as crianças.

As professoras ficaram sem reação e as crianças morrendo de medo. Estavam todos em silêncio, mas ele não parava de repetir que se as crianças não ficassem quietas, não parassem de conversar ele não conseguiria explicar nada. Acabou que ele não falou nada, não deu introdução, explicação nenhuma, pois todos os temas ele iniciava com um assunto sem sentido ou trazendo questões de vestibular e com o silêncio das crianças dizia ‘estão vendo, essas crianças não sabem de nada, não vou nem entrar nesse assunto, porque elas não sabem e não vão entender’. E assim foi, em nenhum assunto ele entrou, nenhuma explicação ele deu. (Diário de Bordo, 2013, Dia 19 – 26/09)

As crianças estavam com tanto medo que ficaram sem reação, assim como eu e as professoras. No início as crianças estavam participativas, levantavam a mão para responder, mas ele sempre desvalorizava o que elas diziam, então elas pararam de tentar. Toda a expressão corporal, o tom de voz e o modo de falar do homem eram opressores, as crianças foram se acuando, encolhendo-se a cada grosseria, em uma expressão de medo e proteção. Seus corpos refletiam a postura autoritária do guia, foi o momento mais forte de corpo estrito que vivenciei durante todo o período de minha prática na escola. Um passeio, que deveria ser um momento de prazer, pois é uma possibilidade de aprendizagem além dos muros da escola, as crianças viam a história por elas mesmas e não apenas nas imagens dos livros, tornou-se um momento de desconforto, medo, tirando todo o potencial da proposta.

No “Dia 14 – 03/09” tivemos a primeira culinária, apenas nessa as duas turmas do 5º ano estavam presentes. *“Luana escolheu seus ajudantes, duas amigas, Isabel e Rafaela, e foi para a mesa fazer os biscoitos”* (Diário de Bordo, 2013, Dia 14 – 03/09). Foi uma ótima ideia de projeto, mas nessa primeira vez apenas as três meninas e a professora participaram da prática, as demais crianças eram meros espectadores, assistiram a todo o processo sem poderem participar. *“Quando a massa ficou no ponto, ela mostrou para o grupo como era a aparência e a textura”* (idem). Cada criança poderia ter participado dessa prática, sentindo cada uma a textura da massa, mas ao invés disso, tiveram que ficar sentadas, observando e apenas imaginar como era. Nessa forma de educação passiva, cada criança é *“um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos”* (FREIRE, 2014, p.25). O desejo de aprender, de ser sujeito ativo no processo de construção da aprendizagem foi praticamente um prêmio, pois os demais foram excluídos desse momento.

Vários alunos estavam com os olhos brilhando com vontade de mexer na massa, mas apenas as ajudantes escolhidas podiam participar. Tentei incluir as outras crianças, falando-lhes para lavarem as mãos e virem ajudar a fazer bolinhas, pois havia muita massa e o trabalho seria muito mais rápido e prazeroso, mas elas próprias diziam “a tia não deixa, só as ajudantes podem mexer”. (Diário de Bordo, 2013, Dia 14 – 03/09)

As crianças que não foram escolhidas foram privadas da experiência, vistas como corpos vazios, os quais deveriam apenas receber os saberes transferidos pelos colegas, mas há uma distância entre ouvir como se faz e fazer por si próprio. Mais uma vez temos a força disciplinadora da palavra, inibindo os corpos, os desejos das crianças e mais uma vez a imagem do professor autoritário, que disciplina e dociliza através de sinais e palavras, aos quais os alunos devem atender automaticamente sem questionamentos.

4.2 – CORPO E LIBERDADE

A primeira oficina que ministrei foi de “perguntas e ideias sobre a vida”. Eu e outro extensionista a elaboramos juntos e o combinado seria que a coordenaríamos juntos, porém ao chegar à escola descobrimos que as crianças haviam sido separadas em dois grupos da mesma oficina, um com ele e um comigo. Dividimo-nos pelo pátio e desenvolvemos nossa oficina.

Como essa foi a primeira oficina, nossa primeira ação mais concreta, onde nós levamos a proposta para a escola, o começo foi carregado de concepções e formas de ser e agir pregadas na escola, as crianças vieram nos encontrar em filas, por turmas e por ordem de

tamanho. Quando todas já haviam chegado *“fiz uma roda no chão com as crianças. Mesmo sendo um grupo heterogêneo todas sentaram divididas por seus anos”* (Diário de bordo, Dia 6 – 17/05). Elas não possuem espaços assim na escola, onde interagem com crianças de outras turmas, a não ser no recreio, mas mesmo neste costumam brincar apenas com colegas da mesma turma.

Foi uma primeira vez de várias experiências. Eram crianças misturadas de várias turmas, estávamos em ambientes variados na escola, não ficamos presos somente às salas de aulas, o meu grupo, por exemplo, escolheu o pátio em frente ao palco, a disposição era bem diferente, ao invés de estarem em carteiras enfileiradas olhando apenas para o professor, estávamos em círculo, no chão; todos podiam ver o outro, falar, ouvir e ser ouvido. Nossos corpos estavam mais próximos, interagindo e não isolados, separados por mesas e carteiras como nas salas. A própria expressão corporal das crianças mudou durante a oficina, no começo sentaram mais encolhidas, bem próximas dos colegas conhecidos e separadas dos demais e no decorrer do trabalho já pude ver como seus movimentos estavam mais espontâneos, as crianças estavam à vontade com a situação, sentavam-se já misturadas, seus movimentos não eram destinados apenas a mim, tiveram liberdade para mover-se e interagir com o outro e com os objetos ali presentes.

Em um momento da oficina pedi que escolhessem algo que fosse único para eles na escola e para isso disse-lhes que podiam dar uma volta pela escola para realizarem essa escolha, podia ser qualquer coisa e se não fosse algo possível de trazer para a roda, deveriam trazer a escolha na cabeça para depois socializarmos. No início saíram meio incertos de para onde iriam, alguns foram caminhando calmamente, outros correndo para todos os lados, uns foram em grupo e outros escolheram fazer esse percurso sozinhos. Quando todos voltaram pedi-lhes que desenhassem o escolhido. As crianças se espalharam ali no nosso espaço, deitaram no chão, sentaram misturadas, socializaram lápis, canetinha, régua, algo natural para uma criança, mas que no ambiente escolar não acontece, pois as mesmas têm seus movimentos moldados, devendo cada uma desenhar sentada em sua carteira, usando apenas o seu material. Depois fizemos um varal com as produções de todos e alguns quiseram apresentar seus desenhos, sendo aplaudidos pelos colegas. *“Fizemos então uma roda final. Os alunos disseram o que gostaram e o que não gostaram. No gostei apareceu muito o desenhar, estar em roda, estar fora de sala, estar com colegas de outros anos e ninguém falou nada de não gostar”* (Diário de Bordo – Dia 6 – 17/05).

É preciso, sobretudo, aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2014, p.22)

Essa primeira oficina foi apenas uma amostragem dos momentos enriquecedores que podemos ter quando damos liberdade às crianças e elas podem interagir com crianças de todas as idades, aprender com o outro e em ambientes diferenciados. A seriação escolar e a falta de momentos como esses, que proporcionem a interação com crianças de outras turmas, isola o indivíduo, pois este é ensinado que só deve ser amigo, colega, se relacionar com as outras crianças da sua sala, da sua idade, com o outro que é definido como o seu semelhante. Mas na verdade, são momentos como esses que proporcionam à criança tornar-se sujeito ativo e crítico do seu próprio processo educativo. Foi também um choque para a escola de que coisas assim poderiam acontecer, as crianças gostaram muito, não se falava de outra coisa nas salas, assim ficou combinado que teríamos outras edições.

Na segunda edição das oficinas a escola pediu que tivéssemos oficinas de brincadeiras e oficinas de construção de brinquedos, assim cada criança poderia brincar em um horário e construir um brinquedo em outro (como se fosse possível essa separação, na prática as oficinas foram de brincar livremente ou de brincar construindo brinquedo). A escola queria deixar tudo muito dividido, por exemplo, dividiram as oficinas de brincadeiras em uma oficina de corda, uma de bola de gude e por aí vai, com cada grupo podendo brincar apenas nessa oficina onde estava inscrito, mas lá decidimos juntar todos esses grupos separados, juntar todas as brincadeiras e deixar que as crianças transitassem livremente pelo espaço, escolhessem do que queriam brincar e que mudassem de ideia no meio, caso quisessem experimentar outro brinquedo.

Para que pudéssemos juntar todas as brincadeiras e ainda ter um bom espaço para brincar, ficamos com a quadra. “*Separamos todas as brincadeiras pela quadra e nos dividimos pelos espaços*” (Diário de Bordo, Dia 18 – 25/09), assim haveria um monitor em cada brincadeira, mas nem nós, nem as crianças ficamos presas a apenas um lugar. Caso quiséssemos brincar de outra coisa conversávamos com quem estava usando o brinquedo. Tudo foi resolvido no diálogo, todos conseguiram brincar e se divertiram muito.

Esse foi o momento de maior liberdade até então na escola, pois eram muitas crianças, de diferentes idades, juntas em um espaço aberto, tendo ao seu dispor várias brincadeiras diferentes. Nessa oficina vivenciei alguns momentos em que as crianças extravasavam todo

esse movimento preso dentro delas. Algumas ficaram um tempo perdidas com tanta informação, tanta novidade, tanta liberdade, não sabiam para onde ir, o que escolher, rodavam sozinhas pensando e mudando de opinião, outras queriam brincar de tudo ao mesmo tempo e ficavam mudando exaustivamente de brincadeira, até que perceberam que teriam tempo e começaram a se acalmar. Para Freire (2014, p.82) *“o bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício”*. Foi um processo muito importante que elas tiveram a oportunidade de vivenciar, cada uma, no seu tempo, foi internalizando a liberdade e fazendo suas próprias experimentações e descobertas.

Outras aproveitavam muito as brincadeiras, como a “boca do palhaço”. Alguns meninos que estavam nesse brinquedo jogavam com toda a força a bola no palhaço, sem se importar se algum colega estava passando na frente e a bola poderia acertá-lo. Inclusive achavam graça quando acertavam e eram acertados. Porém, ao mesmo tempo, sozinhos, sem que alguém estivesse ali definindo que deveriam fazer uma fila e um de cada vez jogaria as bolinhas, desenvolveram um sistema que funcionou naquele momento. A todo instante as bolinhas iam rodando entre as crianças que queriam jogar, sempre que aparecia alguém novo querendo jogar, eles passavam a bola para o colega e o deixavam participar. Não era uma brincadeira organizada vista de fora por um olhar disciplinador, afinal não havia uma ordem, todos jogavam ao mesmo tempo, passavam na frente, mas as crianças apropriaram-se da liberdade proporcionada e conseguiram interagir com o outro e com os brinquedos, socializando e dividindo.

“O momento de brincadeiras foi muito tranquilo, consegui brincar com várias crianças. Algumas crianças já haviam participado das brincadeiras no primeiro horário e, teoricamente, participariam de uma oficina de fazer alguma coisa no segundo horário, mas estavam lá de novo.” (Diário de Bordo, 2013, Dia 18 – 25/09)

Vejo esse trecho como uma vontade do corpo de experimentar mais dessa liberdade proporcionada. Foi um momento tão prazeroso para as crianças que algumas optaram por repeti-lo ao invés de experimentar algo novo. São momentos como esses, tão simples de fazer e ao mesmo tempo tão raros nas escolas, que fazem com que a criança possa experienciar a aprendizagem de corpo inteiro, pois lá elas estavam brincando, e aprendendo sobre as diferentes brincadeiras, aprendendo a dividir, a resolver conflitos por meio do diálogo e tudo isso em interação com o outro. Todas as crianças eram professores e alunos nas diferentes brincadeiras. Houve um momento muito marcante em que uma dessas alunas que repetiu a

oficina de brincadeiras havia aprendido com uma das monitoras no primeiro horário a rodar o bambolê no pé enquanto pulava e no segundo horário ensinou para outras crianças. Sem esses momentos de liberdade perderíamos situações como essas, onde, como diz Paulo Freire (2014, p.116), *“ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem”*. Não só a aluna tornou-se sujeito da sua própria aprendizagem, como foi capaz de recriar esse momento com outras crianças, tornando-se ela a professora, assumindo-se e exercendo na prática seu novo saber adquirido.

Ainda nesse dia, no turno da tarde, foi requisitada ajuda na oficina de confecção de bonecos de farinha, então fui ajudá-los.

“Começamos nos apresentando e fazendo os combinados. As crianças não queriam muito combinar de não fazer guerra de farinha, mas a escola já havia reclamado da zona pela manhã, então nesse momento propus esse combinado e expliquei o porquê, as crianças aceitaram e ficou combinado de que tentariam não jogar farinha fora propositalmente.” (Diário de Bordo, 2013, Dia 18 – 25/09)

Eu não estava presente na oficina de boneco de farinha pela manhã, mas foi a oficina que rendeu maior reclamação por parte da escola e ao mesmo tempo foi uma das preferidas das crianças. Foi uma oficina difícil, no início não tínhamos balão para todas as crianças, nenhum de nós sabia exatamente como encher esses bonecos, tínhamos apenas uma ideia, já havíamos assistido a vídeos demonstrativos, mas na prática não tínhamos a mesma facilidade. Sabíamos da importância de “testar” todas as atividades, mas não valeria à pena aprender com eles? Divertimo-nos com eles?

Demoramos um pouco a pegar o jeito de como fazer o boneco, então os primeiros demoraram mais e não ficaram tão gordinhos. Várias vezes os balões saíam e voava farinha para todo lado, nada propositalmente. No começo as crianças ficaram um pouco chateadas quando o balão arrebentava, mas viram que o mesmo acontecia comigo e com os outros monitores e ficaram mais tranquilas, pediram ajuda e continuaram os trabalhos. No começo elas também ficaram bem espantadas em ver que estávamos tão ou mais sujos de farinha do que elas, acho que as professoras não costumam se sujar. (Diário de Bordo, 2013, Dia 18 – 25/09)

Essa relação do corpo com o objeto traz também a questão do erro, do perfeccionismo, pois as próprias crianças não se permitiam errar, se o balão estourasse, ou não ficasse “do jeito certo”, ficavam frustradas. Mas ao vivenciarem junto comigo e com os outros monitores essa aprendizagem, foram ficando mais tranquilas, viram que estávamos todos aprendendo,

que não tinha problema errar, era só tentar de novo e nós tentamos de novo e de novo. Pois, *“este, repito, não é saber de que apenas devo falar e falar com palavras que o vento leva. É saber, pelo contrário, que devo viver concretamente com os educandos. O melhor discurso sobre ele é o exercício de sua prática”* (FREIRE, 2014, p.93). Nós não estávamos apenas falando como fazer, estávamos fazendo juntos, errando e acertando juntos, mostrando para crianças que todos somos aprendizes e que todos erram, pois errar faz parte. Quando seus bonecos ficavam prontos era uma grande alegria, alguns nem ficaram cheios, ficaram bem pequenos e magrinhos, mas a criança estabeleceu uma relação de amorosidade com aquele objeto, de satisfação, pois era uma produção dela, que mostrava feliz da vida para todo mundo seu boneco magrinho.

Além disso, dar liberdade ao corpo para aprender, para se sujar, foi um momento muito válido. Pois diferente do corpo em sala de aula, que deve chegar limpo, com tudo no lugar e sair da mesma forma, pois é o que se espera desse corpo dócil, na oficina de farinha tínhamos corpo liberdade, onde aprenderam brincando, se sujando, interagindo com o objeto e com o outro.

Como nossa oficina estava acontecendo no pátio, onde todas as outras crianças passavam para ir para as suas salas ou para pegar o lanche, algumas viram a farinha e começaram a brincar de guerrinha. Como o combinado tinha sido apenas com os alunos que estavam participando da oficina, não houve problema nenhum em a farinha ficar exposta, acessível a todas as crianças, mas quando outras crianças chegaram, começaram a pegar e jogar nos outros colegas, inclusive nos que ainda estavam fazendo os bonecos. (Diário de Bordo, 2013, Dia 18 – 25/09)

Como já havia acontecido uma guerra de farinha na oficina, pela manhã, e todos nós estávamos sujos de farinha da cabeça aos pés, para a criança que vê de fora parecia que tínhamos brincado de guerra, então começaram a fazê-lo, queriam brincar de se sujar também. Nesse trecho entra o corpo estrito, que não tem esses momentos de liberdade e quando vê o outro nessa situação quer imitá-lo. Os combinados funcionaram muito bem, as crianças da oficina não fizeram a guerra de farinha, mas estávamos no meio da escola, em uma passagem de todos os estudantes e o combinado não havia se estendido a eles, eles não sabiam, então quiseram participar desse momento também.

No “Dia 22 – 23/10” do “Diário de Bordo” tivemos nossa última oficina.

Como chegou aos nossos ouvidos que os alunos reclamaram da falta de organização na oficina de brincadeiras passada e nos sugeriram que mantivéssemos cada um na oficina que foi inscrito e depois de um tempo

esse mesmo grupo rodaria para outro brinquedo, resolvemos consultá-los antes de começar. Essa seria a primeira opção e a segunda seria que eles poderiam transitar livremente por todas as brincadeiras. A segunda foi a escolhida, como esperado.(Diário de Bordo, 2013, Dia 22 – 23/10)

A escola possui uma grande necessidade de controle dos corpos e dos movimentos das crianças, ficam incomodadas quando as mesmas têm liberdade para fazer suas escolhas, mudar de opinião e transitar livremente pelos espaços. Foucault (1987) traz que o corpo pode ser visto como objeto e alvo de poder, como algo que deve ser manipulado e adestrado. A escola possui essa visão, pois tem essa necessidade de estar no comando, de ser a detentora do poder, de ter os corpos das crianças sempre controlados. Mas as oficinas eram os momentos em que buscávamos proporcionar momentos de liberdade para esses corpos, também tentando mostrar para a escola que é possível educar com liberdade.

Uma grande conquista nas oficinas foi o combinado de pedir silêncio, ao invés de ficarmos gritando para pedir silêncio ou falando “psiu” diversas vezes, combinamos de usar o nosso corpo. Quando alguém quisesse falar e ser ouvido levantava a mão e esperava, quem visse que o colega estava querendo falar também levantava sua mão, criando uma onda corporal até que todos tivessem levantado suas mãos e a pessoa pudesse ser ouvida. O corpo fala e nas oficinas soubemos ouvir os corpos das crianças. Paulo Freire (2014, p.43) mostra como “*pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo*”. O simples gesto de levantar a mão para falar e de o outro parar para ouvir mostra como cada criança conseguiu se assumir sujeito ativo em nosso processo de formação de um sentimento de grupo pautado pela liberdade e autonomia.

Brinquei bastante com as crianças, mais que na edição anterior, foi muito bom! A brincadeira de corda foi a que eu mais gostei. Comecei brincando com três crianças em uma corda média, pulando duas crianças juntas, dividindo a brincadeira e logo apareceram outras crianças querendo brincar, então uma das crianças sugeriu “Tia, por que a gente não pega essa que é maior? Assim todo mundo pode brincar junto!”. Trocamos de corda e para mim foi o melhor momento na escola até então, eram umas 10 crianças de idades diferentes, turmas diferentes brincando juntas, pulando corda juntas, iguais, sem desmerecer ninguém por “errar” o pulo algumas vezes, sem competirem entre si, mas tentando bater o recorde do grupo, vendo o maior número de vezes que conseguiam pular juntas. Crianças maiores ajudando as menores, ensinando a pular. Crianças me ensinando suas brincadeiras, suas músicas. (Diário de Bordo, 2013, Dia 22 – 23/10)

Em tão pouco tempo houve uma evolução tão grande. As crianças internalizaram a liberdade e com isso os momentos de brincadeira tornaram-se muito mais significativos. Esse

trecho é carregado de valores como amizade, companheirismo, solidariedade, autonomia. Uma simples brincadeira de corda consegue englobar muito do que buscamos em nossa prática, os corpos em liberdade, a união das crianças, a transposição das barreiras físicas da sala de aula, um momento sem competitividade. Não precisamos controlar as crianças e obrigá-las a nada, elas aprenderam tudo da própria vivência. Tudo isso é um processo, que ocorrerá naturalmente em um ambiente amoroso e aberto para que isso aconteça, sem barreiras físicas ou morais, apenas com o acompanhamento de pessoas que acreditem que é possível.

Ao proporcionarmos a interação entre crianças de diferentes idades, elas podem brincar e aprender juntas. Em um momento da oficina de brincadeiras em que eu estava brincando de peteca com um menino, apareceu uma menina do 2º ano querendo brincar também:

A menina não conseguia bater direito na peteca, mas estava animadíssima por estar ali! Dois meninos tentavam fechar ela da brincadeira, mas eu insistia em jogar para ela. Até que outro menino que estava ao lado dela, do 5º ano, viu que ela não estava conseguindo sacar, e com toda paciência foi tentar ajudá-la. Ela tentava e a peteca não ia muito longe, ele pegava e dava para ela novamente, demonstrando como fazer, até que ela acertou! Ficou tão feliz! (Diário de Bordo, 2013, Dia 22 – 23/10)

A criança aprende na interação com o outro, observando seus movimentos. Quando possibilitamos a descoberta dos corpos, vemos que os corpos também educam. O movimento corporal possibilita a comunicação e a aprendizagem. *“Quanto mais solidariedade exista entre o educador e os educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola” (FREIRE, 2014, p.95).* E quando permitimos que as crianças aprendam entre si, que cada uma possa assumir-se educador, essas possibilidades são potencializadas, pois elas começam a viver esses valores na prática.

Quando realizamos oficinas de construção de brinquedos, é um momento em que o corpo se relaciona com o objeto. Ocorre aprendizagem de corpo inteiro, as crianças usam a concentração, a mente trabalha junto com o corpo, além de estarem colocando um pouco delas no objeto construído, que nunca é igual ao do colega e é aí que está a beleza da coisa. Não queremos corpos-máquinas que reproduzam objetos da mesma forma, o mais igual possível e com o mínimo movimento, permitimos que a criança experimente, passe pelas etapas no seu tempo, fazendo suas próprias escolhas para deixar aquele objeto do seu jeito. *“Foi muito legal ver os alunos mostrando para os outros e para as professoras o trabalho feito por eles, estavam orgulhosos! Vários nem soltavam os brinquedos, mesmo que*

estivessem brincando com outra coisa ou lanchando.” (Diário de Bordo, Dia 22 – 23/10). É um trabalho onde cada um coloca um pouco de si, tornando aquele brinquedo especial, único para ele.

No segundo horário tinham apenas meninos participando da nossa oficina de construção de petecas:

Durante a confecção os alunos precisam amarrar a peteca com barbante duas vezes e nós tínhamos três cores, azul, rosa e branco. Na primeira vez perguntei qual cor eles iam querer e responderam em uníssono “AZUL!” ri e fiz uma piadinha imitando e falei “credo ninguém escolheu outra cor” e eles prontamente me deram a resposta que eu já esperava “é porque rosa é cor de menina tia” e eu falei simplesmente “ah, não tem nada a ver, qualquer pessoa pode usar rosa”. (Diário de Bordo, 2013, Dia 22 – 23/10)

A escola realiza um trabalho com o corpo, para Foucault (1987) uma manipulação calculada de seu comportamento, que tira a individualidade de cada um, as crianças já possuem as escolhas e as respostas mecanizadas, nunca tendo oportunidade de fazê-lo diferente. Freire (2014) nos traz a importância de refletirmos sobre esses gestos que se repetem no espaço escolar, de como isso reflete nas atitudes e reações de nossas crianças. Como já estávamos realizando um trabalho, apesar de não ser tão frequente em todas as turmas, onde valorizamos suas expressões individuais, quando dei a oportunidade a essas crianças de simplesmente quererem algo diferente do imposto no dia a dia, elas o fizeram. Ali naquele espaço elas não possuíam os corpos catalogados por gênero, eram crianças que possuem seus próprios gostos e vontades e tiveram liberdade de exercê-la:

Na segunda vez que precisamos do barbante perguntei mais por costume do que por esperar alguma resposta diferente, mas para minha surpresa quando perguntei qual cor eles queriam quase todos usaram rosa! Não foi um forte uníssono como da primeira vez, foi mais uma mudança em corrente, o primeiro falou “ah tia me dá o rosa dessa vez” e os próximos foram seguindo “pode ser o rosa para mim também”. (Diário de Bordo, Dia 22 – 23/10)

No “Dia 17 – 24/09” do “Diário de Bordo” tivemos uma de nossas seções de culinária. Nesse dia fizemos pizza e foi a primeira vez que conseguimos colocar todas as crianças para participar. Foi uma grande conquista, pois superamos a inibição do corpo, na qual o educando deixa de ser apenas um espectador no processo de aprendizagem e passa a ser sujeito, aprendendo a partir da própria prática.

Separamos as crianças em grupos: um ficaria responsável por cortar os ingredientes, outro faria o molho e outro, montaria as pizzas. Algumas crianças pediram para fazer alguns trabalhos específicos, como ralar o queijo e todas foram atendidas. Foi muito legal ver o trabalho de equipe das crianças, todas felizes por estarem participando e dividindo, pois mais de uma criança quis ralar o queijo e havia apenas um ralador, e compartilhando dicas, como quando o Vítor deu uma sugestão à Renata para cortar o presunto, que estava cortando um por um, tirinha por tirinha, quadradinho por quadradinho, mostrou que após as tirinhas feitas, se ela juntasse mais de uma conseguiria mais quadradinhos de uma vez. (Diário de Bordo, 2013, Dia 17 – 24/09)

Uma das práticas em que você tem corpo e mente atuando juntos, como um só é a prática de cozinhar. *“A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro”* (FREIRE, 2014, p.24), essa prática não só possibilita a interação do corpo com o objeto, como permite a cada aluno assumir-se cozinheiro e aprender através da liberdade da própria prática, da sua curiosidade e da interação com o outro. Mais uma vez as crianças foram agrupadas por interesses e não catalogadas por um professor, mais um motivo pelo qual todos participaram espontaneamente e com alegria.

Ao rever as imagens desse dia fico pensando, essas crianças têm fome de que? Elas têm fome não só da pizza propriamente dita, mas da experiência libertadora, de poder assumir-se sujeito ativo em seu processo de aprendizagem, de um espaço em que elas possam participar das decisões, escolher a melhor forma de realizar essa ou aquela atividade e de ter a oportunidade de ver-se no outro e de aprender com esse outro, de um espaço acolhedor que proporcione práticas centradas *“em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”* (FREIRE, 2014, p.105).

Ao final desse dia realizamos um “gostei e não gostei” com as crianças. Esse dispositivo permite que o corpo fale, dá a liberdade para um corpo, por vezes inibido, de se expressar, de ser ouvido. Nas falas do “gostei” apareceu: comer, aprender fração, pizza de chocolate, todos os sabores das pizzas, fazer pizza, tudo e ficar fazendo pizza com todo mundo. Todas as experiências que elas tiveram a oportunidade de vivenciar foram significativas. Para mim o “ficar fazendo pizza com todo mundo” foi o mais marcante, pois foi uma conquista, um momento em que, naquele dia, na sala de aula, não havia uma hierarquia pré-estabelecida, todos foram valorizados e tiveram funções igualmente importantes na confecção da pizza, mas o mais importante é que tiveram liberdade para exercer sua individualidade, seus desejos e escolher o que gostariam de fazer, proporcionando

também que cada criança trabalhasse com o outro que se interessou por uma atividade parecida à dela, e não só com o colega de todo dia. Quando são formados grupos em sala ou são grupos impostos pela professora, ou as crianças escolhem por afinidade com o colega e não pela atividade a ser realizada.

No “não gostei” apareceu: calor, ter sido o último a receber a pizza e olho gordo do colega na pizza do outro. Questões que foram problematizadas para tentarmos resolver. Quanto ao calor não havia muito a ser feito, o ventilador já estava ligado e as janelas abertas, na hora não surgiu essa ideia, mas uma solução seria realizarmos a culinária em outro local que não a sala de aula, algum local mais arejado. Quanto a ter sido o último a receber a pizza as próprias crianças disseram que algumas vezes um seria o último e em outras seria outra pessoa, mas que não tinha como ninguém deixar de ser o último, a solução era variarmos a ordem de distribuição. E no “olho gordo na pizza” vários disseram que também não gostaram, decidiram que foi inevitável, porque a pizza estava muito cheirosa e bonita e eles estavam ansiosos para recebê-la, mas que tentariam não fazer mais. Nessa roda de diálogo, cada criança *“reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria”.*” (FREIRE, 2014, p.20), presença essa que fala de si própria e da sua prática, de modo a avaliar e intervir na realidade vivida, refletindo para melhorá-la.

Essas experiências de liberdade na escola permitem que as crianças vivenciem um modo de aprender que respeita o seu ritmo, que incentiva que cada uma se assuma, tenha voz e seja ouvida. Eu, na infância, ao experimentar uma forma diferente de ensino, em que não havia a presença de corpos dóceis, vivenciei uma educação menos competitiva, mais colaborativa e assim, a aprendizagem tornou-se para mim muito mais significativa e prazerosa. Se conseguirmos romper com a dicotomia corpo e mente e com a docilização dos corpos, poderemos ter a “verdadeira liberdade”, como diz Hannah Arendt (apud Coser, 2012, p.26), na qual *“ser livre significa a capacidade de se deslocar entre as várias opiniões acerca do mundo público; é não estar atado a uma única visão, dispor de liberdade para dialogar entre as diversas apreciações dos assuntos públicos”.* Assim, se na educação buscarmos proporcionar às crianças espaços nos quais elas possam dialogar com os diferentes conhecimentos, dialogar com diferentes sujeitos e suas visões acerca dos assuntos públicos, poderemos potencializar uma aprendizagem mais liberta e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente trabalho pude verificar como a dicotomia corpo e mente ainda está muito presente em algumas práticas escolares, práticas essas que são constantemente pautadas pelo autoritarismo, a disciplina e uma prática que ratifica a presença de corpos dóceis. Faz-se assim, urgente, que a visão de corpo das escolas seja ressignificada, pois não podemos mais separar corpo e mente, já que ambos estão juntos no processo de aprendizagem. Devemos levar em conta que o corpo que tenho é também o corpo que sou e, assim, corpo e mente não podem ser dissociados. É preciso também rever a relação educador-educando, para que não seja mais uma relação vertical e sim horizontal, pois aquele que *“ensina aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender”* (FREIRE, 2014, p.25).

Com a análise de fragmentos do diário de campo pude perceber que é possível desenvolver práticas educativas colaborativas pautadas na liberdade, autonomia, solidariedade e responsabilidade, unindo todos os aspectos do ser, relacionando corpo e mente nesse processo, ampliando as possibilidades de aprendizagem. Esses momentos em que há interação de crianças de todas as idades favorecem as trocas, contribuindo para a participação ativa de todos os sujeitos, desenvolvendo uma corresponsabilidade entre os envolvidos. Através das oficinas, dispositivos pedagógicos e outras práticas realizadas em sala de aula, foi possível dar voz a cada criança, permitindo que cada uma se assumisse como sujeito ativo na construção de diferentes conhecimentos.

Refletindo sobre as práticas desenvolvidas em um ano na escola, pude ver a importância do educador, como suas atitudes, pensamentos e visões interferem na formação individual de cada educando. Com educadores abertos a mudanças, que contribuem para o desenvolvimento de uma educação criativa, solidária e inovadora, poderemos construir espaços de educação nos quais as crianças aprendam cada vez mais seguras de um corpo liberto, valorizando os sujeitos, os diferentes espaços de aprendizagem, não só a sala de aula e todos os tipos de aprendizagem que contribuam para o desenvolvimento de cada um.

Busco uma educação que possa ser vivida a todo e qualquer momento e espaço, pois como já dizia Freire (2014, p.131) *“é na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim”*.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Liber, 2007. Tradução de Lucie Didio

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASÍLIA. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais - Educação Básica*, 2001.

CAMPOS, Paula Ferro Mendes. *Relações corpo e educação: um estudo sobre o lugar do corpo na escola*. Disponível em:
<<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/190/163.pdf>> Acesso em: 23/10/2014

COSER, Ivo. *Três conceitos de Liberdade na Teoria Política Contemporânea*. 36º encontro da ANPOCS, 2012. Disponível em:
<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8262&Itemid=217> Acesso em: 05/11/2014

FABRIN, Filomena de Carlo Salerno. *Corporeidade: educar para não reeducar*. Disponível em:
<http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/equipe_multidisciplinar/indicacao_leitural/CORPOREIDADE.pdf> Acesso em: 23/10/2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire – 49ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo, Ártica, 1994.

HESS, Remi. O Momento do Diário de Pesquisa na Educação. In: *Ambiente e Educação* – vol. 14 – Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1996. (da p: 61 a p: 87)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

_____. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MONTEIRO, Alessandra Andrea. *Corporeidade e educação física: histórias que não se contam na escola!* - São Paulo, 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo*. Educ. Soc. [online]. maio/ago. 2005, vol.26, no.91 [citado 05 Julho 2006], p.599-615. Disponível em: <www.scielo.br>

STRAZZACAPPA, Márcia. *A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola*. Cad. CEDES vol.21 no.53 Campinas Apr. 2001. Disponível em: <www.scielo.br>

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação* / Michel Thiollent – 17. ed. - São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

APÊNDICES

Diário de Bordo

Dia 1 – 16/04

Entrada

Os alunos chegam por volta de 7h40, mas não entram, ficam esperando fora do portão, meninas de um lado e meninos do outro, não se misturam.

A entrada é liberada por turma por um funcionário. As crianças já entram por ordem de tamanho e em suas respectivas filas, uma de meninas e uma de meninos. A coordenadora vai verificando e organizando as filas no pátio em frente às salas.

Às 8h toca uma música, o sinal. Ao final da mesma a coordenadora dá bom dia, pede silêncio e avisa que estaremos acompanhando-os nas salas.

Cada professor se posiciona à frente de sua fila e a conduz à sua respectiva sala. As crianças deixam seus materiais em suas mesas e vão pegar o lanche. Nesse dia, leite com biscoitos.

Aula

Após o lanche a professora Paula falou que eu iria observá-los, portanto não é para eles ficarem falando comigo o tempo todo. Assim que falou isso uma aluna me olhou e disse “Já vou te avisando tia, vai ser muito difícil isso”. Logo em seguida, Paula deixou que eu me apresentasse, eu me apresentei e sentei-me em uma carteira vaga no fundo da sala para observar.

Paula e os alunos decidiram juntos por qual matéria começariam. Os ajudantes do dia distribuíram os livros. Algumas crianças esqueceram o livro e se juntaram em duplas.

Usam o facebook como recurso, tipo um moodle. Criaram uma página da sala e lá postam fotos das atividades da turma, imagens, textos para serem utilizados nas aulas, informações para pesquisas e outros.

Paula ouve todos os alunos, comenta e sempre busca fazer relação com a realidade deles para que compreendam o que estão estudando.

Todos pedem para ler, inclusive mais de uma vez.

Paula passou uma atividade e saiu para tomar café da manhã, mc donald's, e deixou os alunos fazendo a atividade.

O mural está vazio, mal cuidado, caindo. O castelo da leitura idem, vazio. Alguns livros e revistinhas ficam guardados em gavetas, nos armários, quem acaba as atividades pode pegar um para ler.

A turma possui dois representantes, uma menina e um menino.

Na aula de ciências estudaram sobre a ida do homem à lua e trabalharam matemática, verificando datas e a ordem dos números.

São incentivados a sempre pesquisar curiosidades e trazer para debaterem em sala. A professora também costuma utilizar seu tablet para pesquisar assuntos do interesse dos alunos durante as aulas, ou para tirar dúvidas quando não sabe responder algo.

Na hora do lanche todos que pegaram a comida ganharam uma balinha como “incentivo” para comer na escola. Após o lanche toca o sinal para o recreio. As crianças têm um bom espaço para brincar, o pátio, o parquinho, a quadra e bons materiais, elástico, corda, bola e outros.

Na quinta-feira os alunos assistirão a um filme, poderão trazer pipoca ou outros lanches e confeccionarão sua própria caixinha da pipoca.

Algumas vezes os alunos interrompem a professora e ela não gosta, disse que é falta de educação, que eles são sem-noção, que para o 2º bimestre ou eles melhoram, ou eles melhoram.

A professora busca utilizar vários recursos.

Eles têm um dia da fruta, quem trazer uma fruta ou um suco nesse dia ganha uma balinha. São o tempo todo incentivados por doces.

Paula trouxe a atividade de matemática xerocada, os alunos recortaram e colaram no caderno para responder.

Havia um probleminha de casais de gatinhos, apenas é casal entre uma gatinha e um gatinho, mas em seguida explicou que essa regra era para essa questão. Os alunos não estavam conseguindo entender o probleminha, então fez a demonstração na frente da sala com os próprios alunos, para que pudessem visualizar.

O sinal é uma música, escolhida pela escola.

Os alunos confeccionarão as próprias capas das avaliações.

Dia 2 - 23/04

Começaram com aula de matemática, sobre arredondamentos. Uma aluna foi à mesa da Paula com dúvida, após outra ir verificar se o exercício estava correto, disse-lhe para ir à mesa da anterior explicar como havia pensado.

Quando perguntou quantas vezes um número era maior que o outro e ninguém respondeu, falou “que vergonha, vocês não sabem a tabuada do 4 5º ano!”

Em seguida fez uma questão desafio valendo um chiclete. E os primeiros a terminarem todas as atividades também ganhariam chiclete.

Disse-lhes que serão obrigados a copiar todas as próximas atividades devido ao mau comportamento com outra professora.

Quando Vítor foi mostrar-lhe as atividades, disse-lhe que seu caderno era todo bagunçado, que ele teria que melhorá-lo, pois ficava difícil para ela entender, se continuasse assim ela ia dar errado em tudo.

No segundo horário tiveram uma aula de powerpoint, juntaram-se na sala da professora Cristina com os outros alunos do 5º ano. Começaram com um vídeo sobre explosão de um foguete, depois mostraram imagens de galáxias e buracos negros, dando continuidade à aula anterior de ciências.

De repente passaram para imagens do Leonardo da Vinci, sem encerrar o assunto anterior, ou fazer uma ponte entre os assuntos. Viram suas obras de arte, seus trabalhos mais científicos e finalizaram dizendo que fariam um trabalho sobre as obras de da Vinci.

Ao voltar para a sala, alguns alunos estavam brincando fora da sala. A professora disse para dois que estariam sem recreio amanhã pelo mau comportamento. Falou que essa zona era uma falta de respeito, que todo mundo ia ver que a turma bagunceira ela a dela.

Dia 3 – 30/04

Continuação dos estudos sobre Leonardo da Vinci. Após estudar sobre seu estilo, suas obras, as crianças realizaram um trabalho de artes. Cada criança escolheu a obra preferida do Leonardo e reproduziu-a. Todos já haviam começado um rascunho na aula anterior e só tinham mais essa aula para terminar.

Paula me convidou a participar também, me deu um de seus trabalhos, uma catedral, um papel em branco e comecei a copiar. O objetivo do trabalho era copiar da forma mais parecida possível a obra escolhida.

O ponto principal que todos deviam prestar atenção era ao sombreado. Foi o tema discutido nas aulas anteriores, as crianças notaram que esse era um traço característico de suas obras e ao redesenhar a obra escolhida deveriam sombreá-la.

Uma aluna, ao terminar de desenhar seu lírio pintou-o, Paula mandou-a refazer, pois o lírio do Leonardo não era colorido e sim sombreado e ela deveria fazer igual.

Os trabalhos dos alunos foram valorizados. Quando iam acabando e mostravam para Paula, ela elogiava e mostrava para toda a turma. Os mais parecidos com o original eram os mais elogiados e ganhavam maior destaque.

Poderia ser um momento de apresentação pelos alunos de seus próprios trabalhos, de compartilhamento, pois todos ficavam muito interessados em prestigiar os desenhos dos colegas.

Ao final os trabalhos foram expostos em um mural do lado de fora da sala, inclusive o meu.

Dia 4 – 07/05

Reunião de pais. Havia cadeiras enfileiradas no pátio em frente ao palco. Os pais presentes se sentaram, pois teriam uma palestra antes de irem às salas conversar com os professores dos seus filhos.

A vice-diretora deu as boas vindas e começou falando sobre alfabetização, falando para as crianças não faltarem, pois até o 3º ano todas devem estar completamente alfabetizadas.

Agradeceu aos pais da APM e disse para aqueles que não contribuem que eles podem até dizer que os filhos deles não quebram nada, mas eles não quebram em casa, na escola eles quebram, chutam a porta do banheiro e quando perguntados quem foi ninguém sabe, ninguém se dedura. Falou ironicamente “É até bonitinho o companheirismo”.

A todo momento ficava cobrando dinheiro da APM. Disse que o lanche estava pobre, quem sabe da próxima vez eles terão dinheiro da APM para fazer um lanche melhor.

Cristina, a psicóloga da escola começou sua palestra sobre educação. Perguntou aos pais quem estava preocupado com a educação em excelência do filho. Perguntou as características de um bom professor e os pais foram falando.

Falou então que os filhos têm um primeiro bom professor, os pais. Disse que as falas estão muito diferentes das atitudes. Disse aos pais que pensam “eu não aguento, eu não dou conta” que eles pensaram isso tarde demais.

Algumas falas da Cristina: “A tarefa mais difícil de educar é a gente se educar.”, “O brasileiro tem o péssimo hábito de achar que a culpa é sempre do outro. O filho do fulano é mal educado, o meu não.”, “Ninguém faz algo só porque o outro quer.”, “Não existe escola de qualidade se não existem pais de qualidade”.

Disse aos pais que eles vão ter que arrumar paciência, que eles não precisam gostar, só precisam fazer. E finalizou dizendo que sua palestra era um convite a repensarem suas atitudes.

Ao fim da palestra todos seguiram para as salas para o atendimento individual. Na sala, Paula se apresentou aos pais, falou um pouco da turma no geral, de que eles eram bem agitados, pois ela é agitada, falou dos eventos que serão realizados e passou para o atendimento individual.

Cada pai pegou as avaliações dos seus filhos, conversou com a Paula e assim finalizou a reunião.

Dia 5 – 14/05

Hoje as crianças realizaram algumas fichas de atividades no primeiro horário e ensaiaram para a festa junina no segundo.

A música “Vagalumes” foi escolhida pelos próprios alunos. Têm muito interesse por hip hop. A escolha musical causou certa polêmica na escola, pois algumas professoras não gostaram dizendo que como era festa junina deveriam dançar um forró, uma quadrilha. Mas Paula defendeu a escolha de seus alunos dizendo que a festa era uma festa cultural e o hip hop fazia parte da cultura brasileira.

A coreografia era conjunta dos quintos anos “A” e “B”. Todos foram para a quadra para ensaiar. Pelo que percebi Paula fez tudo. Separou a música, criou a coreografia e ensaiou os alunos. Cristina só se posicionava para reclamar, de alguém que estava dançando “mal”, de que não estava bem coordenado, de que um dos meninos que fazia acrobacias teria que melhorar e muito a sua ou não participaria desse momento.

Quase todos os alunos participaram, no total entre ambas as turmas apenas 6 não participaram, pois não viriam à festa.

Paula começou com um alongamento, me alonguei também. Logo começaram a ensaiar com a música. Ajudei-a a coordenar alguns passos com as crianças. Todos estavam muito animados e ensaiaram com alegria, foi muito divertido.

Dia 6 – 17/05

Dia das oficinas. Chegamos e fomos decidir com a Cláudia como seria, onde ficaríamos. Enquanto isso as crianças estavam tendo aula normalmente. O meu lugar ficou sendo o pátio em frente ao palco.

Cláudia passou de sala em sala chamando as crianças para suas oficinas. Estavam muito animadas. Com os grupos formados, maiores do que estávamos esperando, fomos nos espalhando pela escola.

Fiz uma roda no chão com as crianças. Mesmo sendo um grupo heterogêneo todas sentaram divididas por seus anos, eu conseguia claramente ver essa divisão. Comecei me apresentando e pedi que cada um se apresentasse. Mesmo com vergonha e algumas vezes falando baixinho todos se apresentaram.

No começo quando alguma criança falava, ela olhava apenas para mim, falava para mim. Com os que falavam muito baixinho eu ia repetindo para que todo o grupo participasse, até que foram começando a falar mais alto e para todo o grupo, olhando, comentando com os colegas.

A oficina era sobre perguntas e ideias sobre a vida. André trouxe uma boa ideia de falar sobre Heráclito e sobre a concepção de indivíduo, que antigamente indivíduo era qualquer coisa que fosse único para a pessoa. Comecei com esse gancho, dando um contexto e perguntei o que era então um indivíduo, único para eles.

Surgiram várias ideias, todos queriam participar, levantavam as mãos e iam falando. Em seguida propus que dessemos uma volta pela escola procurando algo que fosse único para eles, poderia ser um objeto, uma pessoa, qualquer coisa.

Eles deram uma voltinha e logo voltaram. Entreguei-lhes folhas e pedi que desenhassem o escolhido. Nessa hora a professora Joana chegou, mas não participou, não falou nada, apenas sentou, não no chão como todos, no palco, e observou.

Alguns haviam esquecido estojo então espalhei as canetinhas, giz e lápis de cor que eu havia levado e todos dividiram. Muitos queriam usar régua ou precisavam de algum objeto e vinham me pedir, eu perguntava ao grupo quem tinha para emprestar e alguém sempre se dispunibilizava. Logo estavam interagindo sozinhos, eles mesmos pediam para alunos de anos diferentes e devolviam agradecendo.

Enquanto os alunos desenhavam, Joana passava em pé “supervisionando” seus desenhos. Esperei observando e quando foram terminando comecei a montar nosso varal. Pedi licença para fazer um furinho em seus desenhos e entreguei um pedaço de barbante para que prendessem onde quisessem. Enquanto um de seus alunos tentava dar um nó no barbante Joana debochou “quero ver sair um nó dali”, ficou reclamando de que o primeiro ano tinha um tempo muito diferente dos demais.

Quando todos terminaram seus desenhos e prenderam no varal fomos todos prestigiar. Os que se sentiram a vontade apresentaram, dizendo o que haviam desenhado e por que. Alguns até escreveram frases sobre o desenho.

Uma menina, Letícia do 5º ano, desenhou a professora Joana. Ela ficou muito emocionada, até chorou. No final pediu a Letícia e a mim para levar o desenho dela para casa.

Fizemos então uma roda final. Os alunos disseram o que gostaram e o que não gostaram. No gostei apareceu muito desenhar, estar em roda, estar fora de sala, estar com colegas de outros anos e ninguém falou nada de não gostar.

Fizemos então uma rodada de como eles gostariam que fosse a escola dos sonhos. Aí apareceram coisas bem variadas, desde aulas de música, línguas e outros, passando por lanches diferentes na cantina, como refrigerante, stogonoff, até que a escola tivesse magia, dinossauros e outros.

Finalizamos, todos me ajudaram a guardar meus materiais, me despedi das crianças e todos retornaram às suas salas.

Dia 7 – 21/05

Nesse dia como combinado com a Paula levei um jogo para as crianças. Fiz o jogo das tábuas aprendido nas aulas do Cristiano. Pedi que as crianças se dividissem em grupo e entreguei as fichas para cada grupo.

Era um jogo de tabuada. Como estavam em grupo todos se ajudavam, tentando descobrir o resultado certo para poder chegar ao fim, quando erravam tinham que desvirar todas as cartas novamente.

As crianças se divertiram muito, fizemos várias rodadas e no final pediram que eu sempre levasse atividades legais assim.

Depois, Paula me explicou a ideia que teve sobre a atividade das famílias. Achei muito legal, pois trabalharia várias questões e em grupos.

Fomos então separar as famílias. Ao dar a notícia, as crianças fizeram a festa, gritavam, se jogavam quando descobriam que estavam casados, tinham filhos, foi muito engraçado. Separamos as famílias e demos as idades, profissões, o local onde moravam, como chagavam ao trabalho e à escola e eles começaram a planejar suas pesquisas sobre o local onde vivem, sua profissão e outros fatores que julgassem importante.

Dia 8 – 04/06

Hoje o dia foi todo de apresentação dos trabalhos em grupo. Estão estudando o Brasil, então dividiram-se em grupos para pesquisar sobre os estados brasileiros.

Alguns estavam bem animados para apresentar, levaram bandeiras confeccionadas por eles, pratos típicos, artesanatos, tudo para incrementar a apresentação. Outros estavam um pouco mais nervosos. Duas meninas não fizeram sua parte e levaram bronca, foram expostas. Mas receberam a chance de fazer e apresentar em outra data, mas valendo menos.

Como ainda não estão muito acostumados a apresentar trabalhos na frente da turma, muitos ficaram nervosos, leram o trabalho escrito que haviam feito. Outros já falaram mais tranquilamente, falando das curiosidades que haviam achado, mostrando objetos.

Os alunos gostaram muito, principalmente das comidas e objetos. Paula disse que vai promover mais trabalhos assim para as crianças desenvolverem melhor a fala, a apresentação oral.

Dia 9 – 11/06

Hoje as crianças fizeram prova. Como a prova Brasil está chegando, Paula levou provas antigas e aplicou nos alunos. Eram várias, com gabarito para marcar. Eram questões de matemática e interpretação de texto.

Recebi uma cópia da prova. Algumas questões eram muito difíceis, pegadinhas, outras achei um pouco mal formuladas, induziam a criança ao erro.

No segundo horário fizeram mais atividades. Nessas atividades sempre recebo uma cópia e respondo, pois as crianças sempre vêm a mim quando estão com dificuldade. Várias vezes vou rodando as mesas auxiliando os que me pedem.

Como estavam estudando música clássica, durante essas atividades Paula põe músicas para tocar, como um som ambiente e sempre que muda dá o nome da música e seu compositor.

Dia 10 – 18/06

As crianças se reuniram em suas famílias para realizar algumas atividades. Em grupos, receberam questões desafio para responderem, cada questão respondida dava um bônus em dinheiro para a família.

Apesar de serem mais deveres e de as famílias competirem entre si, dentro do grupo havia cooperação, tentavam juntos descobrir o resultado.

No segundo horário continuaram em grupo, mas não mais realizaram atividades da família. Receberam outras atividades e Paula incentivou-os a se ajudarem. Se um tivesse

dúvida e outro soubesse, deveriam se ajudar e apenas em caso de dúvida geral, se ninguém do grupo soubesse como resolver que nos chamasse, eu ou ela para ajudar.

Enquanto isso me contou outros planos que tinha para as crianças. Atividades a serem realizadas nas famílias, feira de ciências, festa de despedida.

Dia 11 – 25/06

Hoje começaram a montar alguns setores para trabalharem com as famílias. Havia o banco e a polícia. Aqueles que trabalhavam nesses setores organizaram suas coisas, confeccionaram cartões de crédito, dinheirinho, cheque, identidade.

As famílias se revezaram até que todos tivessem tirado sua identidade, até eu tirei a minha, e todos os pais das famílias abrissem contas no banco, poupança para os filhos se tivessem como.

Entre eles, calcularam quanto a família ganha, o gasto familiar mensal, se há a possibilidade de os filhos receberem mesada, se querem frequentar cursos, tentar mudar de profissão, comprar carro ou outros.

As crianças sempre levam encartes, fazem pesquisas em casa. Um aluno, João, até pesquisou em casa tudo que deveria ser feito para que ele fizesse um curso para conseguir subir de cargo no seu emprego.

Paula tem alunos repetentes, que segundo ela ano passado não mostravam interesse, não queriam nada com a escola e agora estão assim, pesquisando sozinhos em casa, participando de tudo.

Dia 12 – 02/07

Mais um dia da família. Hoje eu e a Letícia ficamos responsáveis pela biblioteca. Levamos os livros, cartões para que as crianças se cadastrassem, fichas dos livros para ter controle dos que saem e voltam.

Eles vieram, se cadastraram e escolheram seus livros. Ficaram muito felizes quando souberam que poderiam levar os livros para casa. Passei tudo para uma aluna, Bruna, para que mesmo sem eu e a Letícia lá eles pudessem dar continuidade à biblioteca.

Ao mesmo tempo tiveram um mercadinho montado na sala. Pegamos a ideia realizada na aula da professora Alexandra, contamos para a Paula que acatou. Durante a semana os alunos levaram embalagens de casa. Alguns até enxeram saco de arroz com papel para ficar mais real.

As crianças separaram os setores do mercado, distribuíram funções, decidiram os preços, promoções e fizeram suas compras.

Dia 13 - 09/07

Aula de reforço. Apenas alguns alunos vieram à aula, as turmas do 5º A e do 5º B estavam juntas na sala da professora Cristina. A professora Cristina conduziu a aula de matemática e a professora Paula conduziu a de produção de texto.

Cristina começou a aula terminando de corrigir os deveres da aula anterior. Divisões de dois dígitos, da letra “a” até a letra “z”. Enquanto ela fazia as questões no quadro os alunos não podiam fazer nada, tinham que deixar o lápis e a borracha em cima da mesa e ficar olhando para o quadro. Após o término eles deviam copiar a questão corretamente.

Disse aos alunos que decorar a tabuada é indispensável, que eles devem chegar em casa e repetir todos os exercícios realizados no dia para fixá-los, que devem repetir até memorizar como se faz, pois matemática é assim, milhões de folhas de repetição de exercícios. Disse-lhes também que quando voltarem das férias eles entrarão em frações, números primos e outros conteúdos “chatinhos” e que aqueles que não sabem ainda nem fazer divisão de dois dígitos ficarão perdidos, ficarão acumulando problemas, dificuldades.

Após a correção dos exercícios Cristina aplicou um ditado da tabuada e disse que seria uma disputa, 5º A contra 5º B, a turma que fosse melhor ganharia um prêmio, um bis, e avisou que os nomes das professoras deles estavam em jogo. Falou ainda que iria colocar só as mais difíceis. Os alunos já começaram o ditado tensos.

Após a correção do ditado o resultado: os alunos da professora Cristina tiraram de 7 para cima, conseguindo seis notas 10 e um 9, enquanto os da Paula foram variadas, duas notas 10 e outras altas, mas algumas bem baixas, inclusive um 0. Antes do ditado a professora Cristina havia dito que aqueles que não tirassem 10 ficariam no recreio estudando, mas ninguém ficou.

Após o recreio a aula foi de produção de texto. A professora Paula começou relembrando as funções e formatos dos textos, brevemente falando do título, dos parágrafos e do tema. Em seguida pediu à turma que sugerisse um tema para a produção deles. Como ninguém se manifestou, ela escolheu despedida. Já que esse é o último ano deles na escola, pediu-lhes que escrevessem como gostariam que fosse a futura nova escola deles.

Quando iam terminando levavam para as professoras olharem e corrigirem. Elas saíram riscando os textos mostrando erros ortográficos. Raramente elogiaram alguma das produções.

Em seguida, os alunos receberam uma ficha, era uma produção de um diário, com espaços em branco para os alunos completarem da forma que achassem mais adequado. Para completar os espaços era necessário que usassem adjetivos. A palavra “legal” apareceu com frequência e a professora Cristina começou a ficar incomodada, então falou que legal estava banido, fora do vocabulário deles, pois para ela legal era mais uma gíria e mandou que mudassem todos que tivessem usado legal.

Para finalizar os alunos fizeram um convite, convidando seus pais para a festa da família na escola. Vários foram super caprichosos, entregaram já cortado, com desenhos e receberam deboche da professora Cristina que falou “Não sei por que vocês já estão cortando, vocês vão me entregar com erros e eu vou mandar refazer.” E assim foi, recebiam sempre de volta cheios de marcações para passarem a limpo e somente após aprovação das professoras podiam desenhar, pintar, cortar.

Assim finalizou a aula, mais cedo do que o usual, 12h. Despedi-me das professoras e dos alunos avisando que volto em agosto.

Dia 14 – 03/09

Cheguei à escola e encontrei com a Paula logo na entrada. Cumprimentamo-nos e ela já começou me falando “Meissa tenho muitas coisas para te contar, você nem sabe, estou muito inovadora! Mas estou ficando louquinha.”. Mostrei-lhe meu entusiasmo e disse-lhe que não se preocupasse, era assim mesmo!

No primeiro horário tivemos filme, assistimos “Jack o caçador de gigantes”. Paula disse que iriam trabalhar contos de fadas e ela queria trabalhar a relação entre as histórias antigas, nesse caso “João e o pé de feijão”, e as novas adaptações.

Juntaram as duas turmas, 5º B da Paula e 5º A da Cristina. Colocaram as cadeiras nas laterais e no centro colocaram colchonetes, onde os alunos sentaram e deitaram para assistir ao filme. Foi um momento muito gostoso, porém durante o filme, quando aconteciam algumas cenas engraçadas as crianças e eu ríamos, naturalmente, mas logo Cristina repreendia “psiiiiiu”. Após o filme o 5º A retornou à sua sala e as crianças foram para o lanche.

No segundo horário os alunos tiveram culinária. Juntaram as turmas novamente para o desenvolvimento da receita. Surgiu a ideia de um projeto, da confecção de um livro de receitas conjunto das duas turmas. A primeira receita foi levada pela Luana, aluna do 5º B. Ela levou a receita de um biscoito de açúcar. Era uma receita bem fácil e que ficou muito gostoso!

Luana levou a lista dos ingredientes e as responsabilidades de levar os materiais necessários para o desenvolvimento da receita foram distribuídas pelos alunos da turma. Alguns alunos esqueceram de levar os ingredientes, mas isso não inviabilizou a receita, pois outros levaram ingredientes a mais. Para começar, a mesa da professora foi colocada na frente da sala. A mesa foi limpa e lá foram colocados os ingredientes e materiais necessários para o início da receita.

Luana escolheu seus ajudantes, duas amigas, Isabel e Rafaela, e foi para a mesa fazer os biscoitos. Enquanto ela ia fazendo e falando os ingredientes e as quantidades necessárias, Letícia ia anotando a receita do quadro. Quando a massa ficou no ponto, ela mostrou para o grupo como era a aparência e a textura. Com a massa pronta decidiram que iriam fazer bolinhas e começaram a prepará-las para colocar no forninho (levado pela Paula). Nesse momento o 5º A retornou à sua sala. Lá Cristina anotou a receita e o modo de preparo no quadro para que os alunos copiassem no caderno.

Assim que saiu a primeira fornada todos ficaram muito animados, o cheiro estava delicioso! Quando o biscoito ficou douradinho, foi passado no açúcar com canela e distribuído pelas crianças. Todos gostaram muito e estavam ansiosos para sair a próxima fornada. As fornadas iam sendo distribuídas, uma para o 5º B, outra para o 5º A, outra para as funcionárias da cozinha e para a diretora.

Eu e Letícia ficamos fazendo o restante das bolinhas e começamos a brincar, fazendo biscoitos com formatos e desenhos diferentes. Uma questão a ser melhorada para a próxima receita é que todos possam participar. Vários alunos estavam com os olhos brilhando com vontade de mexer na massa, mas apenas as ajudantes escolhidas podiam participar. Tentei incluir as outras crianças, falando-lhes para lavarem as mãos e virem ajudar a fazer bolinhas, pois havia muita massa e o trabalho seria muito mais rápido e prazeroso, mas elas próprias diziam “a tia não deixa, só as ajudantes podem mexer”. Apenas uma aluna lavou a mão e veio ajudar, mas logo Paula mandou as crianças sentarem e ficamos eu e Letícia apenas fazendo.

Sobrou muita massa, mas acabou o tempo e não deu para ir ao forno, então Paula levou para casa e disse que traria o restante pronto no dia seguinte para o lanche dos alunos. Assim se encerrou o dia. Ajudei Paula a guardar o restante do material e fui embora.



Dia 15 – 10/09

Cheguei um pouco atrasada hoje, quando entrei na sala as crianças já haviam comido o lanche e estavam conversando com a Paula. Eles estavam reclamando da professora Ana do integral. O integral do 5º ano é segunda-feira e na semana anterior eles já haviam reclamado da professora para a Paula, e ela orientou-os a tentar conversar com ela para resolver.

Pelos relatos das crianças a conversa não adiantou. Quando eu cheguei quem estava falando era o João, contando que eles seguiram o conselho dela e tentaram conversar com a Ana. Seu relato: “A gente foi lá falar com ela igual a senhora falou tia, dissemos ‘Professora será que a senhora pode ter um pouco mais de paciência com a gente? Porque a gente não está gostando do jeito que a senhora está falando com a gente.’ E ela respondeu bem assim ‘Eu tenho paciência com vocês sim, quem não tem é a professora de vocês, que fica inventando atividade diferente para vocês ficarem quietos’ A gente tentou filmar professora para a senhora ver que era verdade, mas o Caio não conseguiu filmar.”.

Paula ficou bem chateada com o esse relato, mas tentou amenizar, dizendo que eles não precisavam ficar filmando escondido, que ela tinha total confiança neles e que quem sabia se ela tinha paciência com eles ou não eram eles próprios e ela. E que se agora ser criativa e tentar atividades diferentes era uma coisa ruim, então ela era ruim mesmo!

Os relatos continuaram, agora com Bruna e Pedro “E também tia a gente tava lá no passeio e eu perguntei se a gente ia visitar o jardim japonês e ela disse que a gente era ignorante, que a gente tava em outro lugar agora e que a gente tinha que prestar atenção no que ela tava falando ali e não ficar pensando em outras coisas”.

Paula ouviu a todos e disse que eles fizeram bem tentando conversar com ela tranquilamente, mesmo não dando certo. Falou que eles sempre devem tentar resolver as coisas assim, com diálogo, que ela ainda não sabia bem o que fazer, mas lembrou-os que o integral não era obrigatório, que quem não gostasse poderia sair, apesar de ela achar que eles deveriam tentar uma nova conversa.

Encerrou a conversa e começou a aula entregando uma “prova” de matemática, era uma revisão para a prova, mas que ela entregou com nota, apesar de não valer nada. Ela corrigiu todas as questões no quadro e os alunos deveriam copiar no caderno a resolução das que haviam errado. Parabenizou a turma, pois a média subiu, inclusive deu ênfase aos alunos que no início do ano tiraram notas muito baixas e agora tiraram acima da média inclusive algumas foram bem altas.

Após a correção passaram para ciências. Pegaram o livro do “ciência em foco”, ela distribuiu algumas folhas e foram ler sobre o sistema urinário. Os alunos gostam muito de ler, ficam sempre pedindo para ler várias vezes, inclusive a leitura de todos melhorou muito desde o início do ano! Fiquei feliz em saber que eles deram continuidade à nossa biblioteca, os alunos sempre pegam livros e levam para casa para ler, qualquer um, sem a obrigatoriedade de ter um trabalho sobre o livro depois!

A atividade foi bem simples, porém sem sentido, eram perguntas que os alunos apenas tinham que achar no texto e copiar, não precisavam nem pensar e não acrescentou em seu aprendizado acredito eu. Após essa atividade bateu o sinal, pegaram o lanche e depois foram para o recreio.

Paula nunca deixa ninguém sem recreio, mas as crianças adoram ficar na sala com ela, seja conversando, lendo ou apenas ficando perto. Mas íamos usar o recreio para combinarmos nossas próximas atividades, então ela pediu às meninas para irem brincar um pouco lá fora. Acabou que não conseguimos planejar muito, pois ela estava bem chateada com o relato dos alunos pela manhã e acabou passando esse tempo desabafando e contando o ocorrido para Letícia e Laís, que chegaram atrasadas e não estavam sabendo do ocorrido. Ao final do recreio decidimos apenas que em outubro iniciaremos os trabalhos em grupo com os alunos para a feira de ciências de novembro.

Após o recreio, Paula começou com o ensaio da música para a festa da família, que será sexta-feira. As crianças queriam alguma música diferente que não foi aceita pela escola, então Paula tentou pegar, das possíveis, a que fosse mais próxima do gosto dos alunos. Distribuiu a letra e ligou o som para todos cantarem juntos. Fez algumas divisões para não ficar a mesma voz o tempo todo. Ficou bem legal! Quando saiu para contar à Cristina sua

ideia de divisão da música, pediu que eu ficasse comandando o ensaio. Fui para frente e dei play na música, só precisava lembrar quem cantava qual parte, pois ainda confundiam.

Após a primeira passagem, que foi muito boa, Letícia deu ideia de gravá-los. Eles ficaram muito animados e perguntaram se podiam ficar de pé. Deixei. Ficaram muito empolgados, levantaram, estavam se sentindo os próprios cantores. Liguei a música, Letícia ligou o gravador do celular e começaram a cantar. No meio da música Paula já entrou na sala rindo, pois estavam todos em pé “Olha essas meninas baderneiras!”, mas não mandou ninguém sentar e gostou de ouvir a gravação. Assim acabou o ensaio, disse que ensaiariam mais no dia seguinte.

Passaram para o projeto de jogos. Os alunos estão elaborando jogos de tabuleiro. No momento todos os grupos estão confeccionando seu próprio detetive. Tudo no jogo deve ter na escola, os espaços, os objetos e as pessoas. Está ficando muito bom! Os alunos estão bem empenhados e trabalhando em conjunto para que o jogo fique o melhor possível.

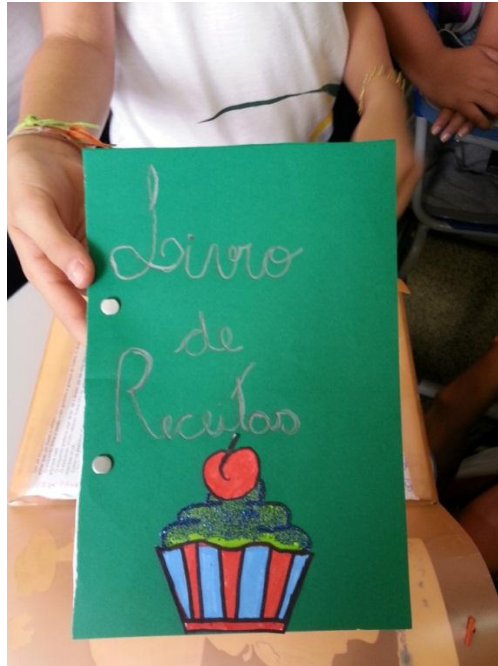
Decidimos que na próxima semana os jogos detetive devem estar prontos, para que todos possamos jogar todos os jogos. Terça que vem também terá culinária, Paula queria que eles fizessem pizza, pois entrarão em frações em matemática, mas não sabe se será possível, pois pelo combinado a próxima receita será levada e realizada por algum aluno do 5º A. Marina já levou sua opção de modelo do livro de receitas da turma, com capa e a primeira receita da semana anterior, biscoito de açúcar.

Combinamos também que na próxima semana jogaremos perfil com as crianças para que todos conheçam o jogo e depois a turma confeccionará um perfil. As coisas a serem descobertas serão as pessoas, lugares, objetos ou outros estudados até então, onde eles criarão as dicas e tudo mais.

Todos esses jogos serão reaproveitados na festa de despedida dos 5º anos no final do ano, que terá uma sala de jogos. Além disso, eu, Letícia e Laís ficamos de pensar um filme para outubro e um para novembro, pois eles assistem um por mês. Esses filmes também serão aproveitados na festa de despedida, cujo tema será cinema e as salas temáticas e os outros ambientes serão decorados com os filmes assistidos durante o ano.

Paula contou que após o filme da semana anterior, as crianças trabalharam contos de fadas e fizeram sua própria versão das histórias, que ficaram ótimas, lindos textos. Assim como a discussão sobre contos de fadas, que rendeu muito bem.

Assim encerramos o dia e fomos embora.



Dia 16 – 17/09

Havíamos combinado que hoje teríamos culinária e jogaríamos os jogos detetive confeccionados pelas crianças, mas a turma responsável pela culinária seria o 5º A e Cristina não preparou, não combinou com seus alunos, o que inviabilizou a culinária. Também não jogamos detetive, pois Paula não combinou com as crianças, então elas não terminaram e não levaram os jogos prontos.

Começaram o dia terminando uma prova que havia começado no dia anterior. Foi horrível, era uma prova enorme, 13 páginas, de todas as matérias. Durante esse tempo não fizemos nada, ficamos sentadas aguardando. Enquanto os alunos terminavam Paula nos

mostrou o jogo Perfil que havia trazido para os alunos jogarem. Era só de filmes da Disney. Seleccionamos algumas cartas para as crianças jogarem.

Os alunos que iam acabando a prova fizeram um desenho para mandar para os bombeiros que foram até a escola realizar atividades com eles. Bateu o sinal e alguns alunos ainda não haviam terminado a enorme prova e ficaram durante o recreio terminando.

Depois do recreio nos preparamos para jogar perfil. Foram separados grupos por fileiras. Paula nos deixou a frente do jogo. Dividimo-nos, cada uma ficou com uma função. Os alunos ficaram muito animados. Paula saiu de sala por um momento e o jogo estava ocorrendo super bem, porém os alunos estavam em pé, unindo-se em seus grupos, sentados mais juntos, conversando, tentando descobrir a resposta correta, e quando ela voltou, chegou gritando com as crianças, mandando todos voltarem a seus lugares, sentarem-se quietos ou o jogo acabaria.

O jogo estava bem animado, quando Paula falou que teria que acabar, pois precisava passar para a próxima atividade. Fechamos o jogo e guardamos tudo. Apesar de novamente ser um jogo competitivo, pude observar muita cooperação entre os grupos, com as crianças se incentivando a dizer a resposta, pois alguns tinham medo de errar. Inclusive alunos de outros grupos defenderam os colegas que estavam sendo “excluídos” em alguns momentos pelo próprio grupo, lembrando “vocês são um grupo, você não está jogando sozinha”.

Insisti na culinária, falando com Paula que ajudaríamos a trazer os ingredientes e o que mais fosse necessário. Combinamos que faremos pizza terça que vem. Dessa vez acho que acontecerá, pois ela já comunicou aos alunos. Todos ajudarão levando os ingredientes e dessa vez todos participarão, pois serão mini pizzas, para poder assar no forno da Paula, que é pequeno. Iniciaremos frações com as crianças e faremos pizzas de todos os sabores, escolhidos pelas crianças.

Estou animada para semana que vem, espero que dê certo e os combinados sejam respeitados.

Dia 17 – 24/09

Hoje tivemos culinária conforme combinado. As crianças levaram alguns ingredientes e eu, Letícia e Paula ajudamos levando outros. Hoje foi apenas o 5º B, da Paula, a turma da Cristina não participou.

Assim que eu cheguei começamos a juntar os ingredientes, para verificarmos se faltava algo. Não tinha molho suficiente, então fui até o mercado para comprar mais. Enquanto isso, Paula ficou na sala verificando com as crianças os ingredientes que usaríamos.

Ela levou uma balança, então pesaram todos os ingredientes, para verificar se a quantidade era realmente a informada nas embalagens. Alguns tinham bem menos, inclusive porque a embalagem também pesava. Depois verificaram o preço e quanto eles gastaram por pessoa.

Começaram a conversar sobre a pizza e Paula introduziu fração, desenhando no quadro pizzas e suas quantidades. As crianças fizeram perguntas e após a explicação começamos a separar os materiais em grupos.

Paula disse que eu e a Letícia escolheríamos os ajudantes da pizza, então escolhemos todo mundo! Ela ficou meio receosa, direcionou um pouco, mas conseguimos contornar respeitosamente, colocando todo mundo com a mão na massa!

Separamos as crianças em grupos: um ficaria responsável por cortar os ingredientes, outro faria o molho e outro, montaria as pizzas. Algumas crianças pediram para fazer alguns trabalhos específicos, como ralar o queijo e todas foram atendidas. Foi muito legal ver o trabalho de equipe das crianças, todas felizes por estarem participando e dividindo, pois mais de uma criança quis ralar o queijo e havia apenas um ralador, e compartilhando dicas, como quando o Vítor deu uma sugestão à Renata para cortar o presunto, que estava cortando um por um, tirinha por tirinha, quadradinho por quadradinho, mostrou que após as tirinhas feitas, se ela juntasse mais de uma conseguiria mais quadradinhos de uma vez.

Como Paula é perfeccionista e gosta de fazer tudo sempre sozinha, dava para ver sua tensão com algumas coisas, como com o tamanho que a calabresa estava sendo cortada. Disse algumas vezes que ela não gostava muito de fazer assim, pois algumas crianças não sabem fazer direito, mas acaba que ela sempre escolhe as mesmas crianças, as que ela acha que sabem fazer melhor, as que fazem do jeito dela. Na hora da montagem trocamos os grupos. As crianças se dividiram, uma passava o molho, outra colocava o queijo, outra a calabresa, outra o presunto, fizeram uma verdadeira linha de montagem rápida e eficiente! Essa foi a hora que a Paula mais interferiu e reclamou para nós, dizendo que as crianças não sabiam fazer direito, pois tinham pizzas com muito queijo, outras com muito pouco, elas quiseram misturar calabresa e presunto e a Paula não deixou, já especificou quais ingredientes iriam na pizza de calabresa e que a que tivesse presunto seria portuguesa.

Todas essas recomendações não seriam necessárias, as crianças estavam fazendo um lindo trabalho, montando pizzas bonitas, com o toque especial de cada um, variando sabores, experimentando.

Colocamos as pizzas para assar e logo foram ficando prontas. Ficaram deliciosas! As crianças amaram e ficaram muito felizes de ver as pizzas montadas por elas mesmas ficarem tão gostosas!

Deu para cada um comer duas pizzas salgadas e ainda distribuímos para algumas pessoas da escola, como as moças da cozinha, Cláudia, Fernanda e professores que eventualmente apareciam na porta da sala quando saía uma nova fornada, como a Joana.

Depois do intervalo fizemos pizzas doces com o restante das massas pequenas e com a massa maior, levada pela Paula. Nesse momento as crianças viram na prática a divisão das pizzas em metade e terço, explicadas anteriormente no quadro. As pizzas menores foram divididas em 2 e as maiores em 3. Cada criança comeu um pedaço.

Ao final do dia fizemos um gostei e não gostei com as crianças e encerramos um dia muito gostoso.



Dia 18 – 25/09

Hoje fizemos as oficinas na escola. Fiquei responsável por uma das oficinas de brincadeiras pela manhã e ajudei em uma de fazer à tarde.

Separamos todas as brincadeiras pela quadra e nos dividimos pelos espaços. No primeiro horário decidimos fazer uma grande roda com todas as crianças para fazermos os combinados iniciais e explicar que elas poderiam transitar por todas as brincadeiras ali na quadra. Mas não deu muito certo, pois eram muitas crianças, elas não se ouviam muito.

As brincadeiras aconteceram bem, sem grandes problemas. Pequenos conflitos simples apareciam como ‘eu quero usar o pé de lata’ ‘você já falou para quem está usando que você quer usar também’ ‘..não’ aí a crianças falava e a outra emprestava. Tudo foi resolvido pelas

próprias crianças tranquilamente. Apenas uma menina levou uma bolada por ficar atrás da boca do palhaço, mas nada grave, foi resolvido ali mesmo.

No final entregamos uma folha de papel para cada criança, disponibilizamos canetinha, lápis de cor e giz e pedimos que fizessem um gostei/não gostei da oficina, da forma que quisessem. Algumas crianças disseram que não queriam fazer e foram respeitadas.

No segundo horário decidimos fazer a roda inicial em pequenos grupos. Foi bem melhor, as crianças se ouviram, participaram mais e deu para todos se olharem melhor. O momento de brincadeiras foi muito tranquilo, consegui brincar com várias crianças. Algumas crianças já haviam participado das brincadeiras no primeiro horário e, teoricamente, participariam de uma oficina de fazer alguma coisa no segundo horário, mas estavam lá de novo. Perguntei se eles não queriam fazer algum brinquedo e disseram que não, preferiam estar ali, então deixei, não falei mais nada.

No final também fizemos um gostei/não gostei na grande roda e dessa vez pedi que as crianças colocassem no papel o que gostaram ou não gostaram de todo o dia, de todas as oficinas que participaram. Assim encerramos a manhã.

À tarde eu iria fazer vai e vem, porém havia a necessidade de mais pessoas no boneco de farinha, então ajudei nessa oficina. Começamos nos apresentando e fazendo os combinados. As crianças não queriam muito combinar de não fazer guerra de farinha, mas a escola já havia reclamado da zona pela manhã, então nesse momento propus esse combinado e expliquei o porquê, as crianças aceitaram e ficou combinado de que tentariam não jogar farinha fora propositalmente.

Não havia balão para todos, então inicialmente dividi-os em duplas ou trios, mas expliquei que assim que chegasse mais balão cada um teria o seu. Algumas crianças não quiseram se juntar, disseram que queriam fazer sozinhas, que esperariam os novos balões e foram respeitadas.

Demoramos um pouco a pegar o jeito de como fazer o boneco, então os primeiros demoraram mais e não ficaram tão gordinhos. Várias vezes os balões saíam e voava farinha para todo lado, nada propositalmente. No começo as crianças ficaram um pouco chateadas quando o balão arrebentava, mas viram que o mesmo acontecia comigo e com os outros monitores e ficaram mais tranquilas, pediram ajuda e continuaram os trabalhos. No começo elas também ficaram bem espantadas em ver que estávamos tão ou mais sujos de farinha do que elas, acho que as professoras não costumam se sujar.

Quando bateu o intervalo para o lanche apenas metade das crianças tinha conseguido fazer seus bonecos. Como nossa oficina estava acontecendo no pátio, onde todas as outras

crianças passavam para ir para as suas salas ou para pegar o lanche, algumas viram a farinha e começaram a brincar de guerrinha. Como o combinado tinha sido apenas com os alunos que estavam participando da oficina, não houve problema nenhum em a farinha ficar exposta, acessível a todas as crianças, mas quando outras crianças chegaram, começaram a pegar e jogar nos outros colegas, inclusive nos que ainda estavam fazendo os bonecos.

Decidi tirar a farinha do meio, onde estava, acessível a todos e coloquei entre o Jhon e a Ju, os que ainda estavam ajudando as crianças a encher os balões, não vi outra solução no momento, pois ainda teria outra oficina de boneco de farinha no segundo horário. Acabou o tempo e alguns levaram os bonecos incompletos para casa, não conseguiram enfeitar. Mas ficaram muito felizes quando conseguiram encher seus bonecos até o ponto desejado.

Não pude ficar para o segundo horário da tarde.

Dia 19 – 26/09

Hoje acompanhei os 4º anos no passeio ao catetinho. Assim que cheguei Fernanda me colocou na sala da Lorena, do 4º A. As crianças estavam muito animadas para o passeio, andavam pela sala conversando com os amigos. Todos já haviam recebido seus crachás, que a professora havia feito (por que não eles fazerem?). Lorena distribuiu uma sacolinha cheia de doces, para o lanche das crianças e me deu uma também.

Após distribuir os doces alguns comentários surgiram como ‘oba, que lanche saudável’ e a Lorena disse que na semana seguinte fariam salada de frutas para compensar tanto doce (pelo que eu entendi eles têm um dia de culinária, toda semana fazem alguma coisa, porém acho que não são os alunos que fazem, eles não devem ajudar muito, ela já traz praticamente pronto).

Ela lembrou-os dos combinados da turma para os passeios, como: sempre andarem juntos, não se distanciarem muito do grupo, não correr, não jogar lixo no chão, se não encontrarem lixeira, que guardem o lixo no bolso até acharem algum lugar apropriado para jogar.

O ônibus chegou e fomos para o passeio. Não tinha lugar para todo mundo, uma aluna estava de pé, então as professoras juntaram três meninas menores em um mesmo banco, dividindo o cinto e eu, Helena e Lorena fomos em pé.

As crianças foram tranquilas o caminho todo, conversando, brincando, jogando, cantando. Durante o percurso conversei bastante com as professoras. Elas me disseram suas impressões das oficinas, que ocorreram no dia anterior. Helena relatou sua experiência, que estava acompanhando a oficina da farinha, mas que quando começou a bagunça ela não

aguentou, achou melhor sair de sala do que interferir no trabalho da extensionista que estava coordenando a oficina.

Ambas disseram que gostaram das oficinas, que as crianças amaram tudo, mas que acharam que faltou planejamento em alguns momentos. Não gostaram de algumas oficinas terem sido ofertadas para ambos os horários, mas não ocorrerem. Reclamação vinda também dos alunos. E reclamaram principalmente da sujeira e “falta de organização” na oficina do boneco de farinha.

Disseram coisas do tipo “eu já fiz essa atividade antes, mas os alunos têm que estar prontos para isso, você tem que conhecer a turma para saber o que você pode e não fazer, se eles vão conseguir atingir os objetivos propostos ou não” e “eu também brinco muito com os meus alunos, mas depois que eles ganham a minha confiança, depois que eles aprendem os limites”. Acredito que queriam me mostrar que elas têm anos de experiência, que essas coisas não são novas para elas e que elas também brincam, também se divertem, só que a gente não pode sair dando liberdade para as crianças sem que elas entendam seus limites. Acho que não seria liberdade o que elas dizem ser.

Conversamos sobre outras coisas, contaram-me sobre antigos professores que faziam trabalhos maravilhosos, falaram de suas práticas até chegarmos ao catetinho.

Chegando lá fomos recebidos por um senhor, que daria uma explicação inicial sobre o local antes de entrarmos para visitar. Era um homem muito grosseiro, faltou com respeito para as crianças e professoras. Repetiu diversas vezes que as professoras de hoje não sabem dar aula, que não ensinam o que devem e que as crianças não aprendem nada, não sabem de nada, não irão passar no vestibular nunca.

As professoras ficaram sem reação e as crianças morrendo de medo. Estavam todos em silêncio, mas ele não parava de repetir que se as crianças não ficassem quietas, não parassem de conversar ele não conseguiria explicar nada. Acabou que ele não falou nada, não deu introdução, explicação nenhuma, pois todos os temas ele iniciava com um assunto sem sentido ou trazendo questões de vestibular e com o silêncio das crianças dizia ‘estão vendo, essas crianças não sabem de nada, não vou nem entrar nesse assunto, porque elas não sabem e não vão entender’. E assim foi, em nenhum assunto ele entrou, nenhuma explicação ele deu.

Ele disse que agora iríamos fazer a visita acompanhada de outros guias e foi embora. Dividimo-nos em dois grupos e visitamos o local. Esse foi um bom momento. As crianças gostaram de ver os aposentos, as vestes antigas, a casa toda e identificaram cenas vistas no filme assistido na visita ao centro histórico. Os dois guias desse segundo momento foram

muito mais atenciosos, responderam a todas as perguntas, explicaram com muita calma. Foi ótimo.

Depois fomos avisados que poderíamos lanchar nas mesas debaixo das árvores, mas que não havia banheiros. Nesse momento as professoras ficaram indignadas e decidiram que visitaríamos apenas mais a nascente ali ao lado e retornaríamos para a escola onde lancharíamos, pois várias crianças já haviam pedido para ir ao banheiro.

Tentei fazer um caminho do silêncio no caminho da nascente, aproveitando que a professora Lorena havia pedido que fizessem silêncio para ouvirem a natureza. Mas não durou muito tempo, pois o grupo da Helena já havia chegado à nascente e estavam gritando, pois haviam encontrado uma aranha enorme na água. As crianças observaram, tomaram água da nascente, tiraram fotos e fomos embora.

No caminho para o ônibus as professoras e eu ficamos para trás e expressamos nossas indignações quanto ao tratamento recebido. Pegamos o nome do primeiro homem e decidimos que levaríamos à Cláudia para que fosse registrada uma reclamação. Chegando na escola relatamos tudo à Cláudia, que fez a denúncia.

Na sala, enquanto as crianças lanchavam, Lorena perguntou o que haviam achado do passeio. Muitos ficaram quietos até que o primeiro menino, João Pedro, disse que não gostou, pois o guia ficava dizendo que as professoras dele não sabiam de nada e que eles não sabiam de nada e aquilo era mentira. Após a fala dele várias outras crianças começaram a expressar suas opiniões, concordando com o menino. Lorena disse que eles sabiam a resposta de várias perguntas e perguntou por que as crianças não falaram. Disseram que tiveram medo, que o homem deixou-os receosos. Outra menina, Yasmim, ainda comentou ‘mesmo se a gente não soubesse, a gente estava lá para aprender, mas ele não dava essa chance, ele dizia que a gente não sabia, que a gente não ia entender e não explicava nada’.

Após a discussão sobre o passeio e com o fim do lanche as crianças foram para a recreação e eu fui embora. Despedi-me da Lorena e agradei pelo dia.

Dia 20 – 08/10

Hoje fomos ao clube para festejar o dia das crianças. Ainda na escola Marina do 5º B havia esquecido o biquíni e estava bem nervosa, mas conseguimos resolver, ela ligou para a mãe e ela levaria para a escola, se o ônibus já tivesse saído nós esperaríamos, pois iríamos de carro. Acabou que ela chegou bem na hora, quando o ônibus se preparava para sair.

No clube as crianças desceram muito animadas, foram logo arrumando suas coisas nas mesas, tirando a roupa e passando protetor solar, ansiosos para o momento em que a piscina seria liberada.

Antes vieram alguns bombeiros dar as informações de segurança, combinaram que no horário do almoço a piscina seria fechada e depois liberada novamente. Todos foram logo correndo brincar, alguns na piscina e outros no campo de futebol.

Uma aluna, Luísa do 1º ano estava sem biquíni e ficou de fora só olhando, com os olhinhos brilhando. Perguntamos por que ela não levou biquíni e ela disse que a mãe não mandou, pois disse que estava nublado, podia chover e assim os alunos não nadariam, Luísa disse que insistiu em levar, mas a mãe não deixou.

Leda e Durruti foram brincar com ela de pingue-pongue na sala de jogos e eu, Marina e Letícia fomos para o campo de futebol. Marina jogou e eu e Letícia ficamos torcendo, torcíamos para todos, não importava o time! Foi bem divertido.

Depois descemos para as piscinas novamente e ficamos sentadas observando as crianças brincando. Estava um clima bem agradável e descontraído, algumas professoras estavam juntas conversando, umas na sombra e outras no sol, apenas Paula entrou na piscina com as crianças.

Havia dois espaços de piscina ligados por um mini túnel, de um dos lados a piscina era bem rasinha e com alguns brinquedos, lá ficaram as crianças menores, mas alguns grandes também e do outro lado as professoras só deixavam ficar os maiores ou os que sabiam nadar. Cristina fazia quase uma prova ‘Você sabe nadar?’ ‘Sei’ ‘Então nada para eu ver’ e ela decidia os que sabiam e os que não sabiam.

Quando o 1º ano quis usar o tobogã, que dava na parte um pouco mais funda, Joana pediu ajuda para cuidar dos seus pequenos e então Paula juntou o 5º ano e perguntou quem podia ajudar. As crianças fizeram uma corrente, um caminho do tobogã até o túnel que dava para a parte rasa e assim que a criança descia eles iam ajudando-a, passando de um aluno para o outro até chegar onde dava pé. Eles estavam muito empenhados em ajudar e se sentiram bem responsáveis pelos pequenos, tiveram todo cuidado e respeito e ainda se divertiram!

Na hora do almoço Cláudia chegou com a comida da escola, um panelão de arroz branco e um de frango. Algumas crianças já sabiam do esquema do clube optaram por levar dinheiro e almoçar churrasco. Outros comeram várias guloseimas que eram vendidas no bar do clube.

Depois do almoço as crianças voltaram a brincar na piscina e Luísa olhava com muita vontade de brincar também. Então dobrei as barras de sua calça e levei-a a parte rasa para

colocarmos os pés na água. Sentadas conversando ela me perguntou se eu também tinha esquecido meu biquíni, disse-lhe que sim, mas que podíamos brincar ali, só não dava para mergulhar, pois ela não tinha outra roupa e nem nenhuma amiguinha tinha para emprestar.

Mas para minha surpresa, pois achei que Joana brigaria comigo, pois Luísa obviamente molhou mais do que apenas o pé, ela tirou a calça da Luísa e deixou-a nadar de blusa e calcinha, depois ela ficaria no sol para secar. Ela ficou muito feliz! Esbaldou-se! E Joana reclamou comigo da mãe não ter mandado nada, que isso não se faz, os pais às vezes não pensam, que ela não ia deixar a criança perder o dia por causa da mãe.

Depois disso tive que ir embora, me despedi e fui.

Dia 21 – 22/10

Como houve um grande feriado na semana anterior e nosso último encontro havia sido no clube, não combinamos nada para hoje. Mandeí um email para Paula, mas ela demorou a me responder, então nada ficou combinado.

Paula decidiu que começariam confeccionando um jogo de frações, não sei como funciona até agora, pois as crianças não jogaram. Ela dividiu a turma em grupos e distribuiu os materiais. Cada grupo recebeu 6 frações em forma de pizza, que seriam os moldes, 1 folha branca e 12 pedaços de EVA, 2 de cada cor. Esses moldes, os exemplos das frações estavam inclusive com pontilhados em volta indicando onde recortar, porém Paula disse que eles não poderiam cortar esses, deveriam usar esses como modelos para fazer seus próprios moldes, para depois passar para o EVA, ou seja, trabalho desnecessário triplicado, ainda mais porque ela não ensinou como se dividia, como usar o transferidor para marcar o ângulo necessário e dividir igualmente (pode ter ensinado isso em outra aula, porém nessa não), as crianças teriam apenas que copiar várias vezes. Paula saiu da sala e deixou as crianças trabalhando.

Vários não ficaram com a divisão exata, eles apenas tentaram dividir no número de partes pedido, sem se preocupar com a proporção. Paula estipulou qual fração deveria ser reproduzida em qual cor e deixou no quadro os exemplos. No final cada aluno deveria ter um exemplar de cada fração. A maioria dos grupos dividiu uma fração para cada aluno, este faria as cinco cópias dessa mesma fração, uma para cada integrante e o integrante mais rápido, ou o mais habilidoso faria duas. Apenas um grupo decidiu que cada um faria o seu, então cada menina fez o seu modelo de cada fração.

Bateu o sinal do intervalo e a maioria já havia terminado, alguns estavam finalizando. Depois do recreio Paula nos contou novamente de suas mil ideias para a festa de despedida e começamos a separar os materiais para a decoração, ela disse que confeccionará tudo sozinha,

já nos oferecemos para ajudar com o que pudermos e demos a ideia de as crianças ajudarem também, o que ela gostou, disse que algumas coisas colocará as crianças para fazer durante as aulas, mas não muitas, pois ela quer que seja surpresa.

Paula lembrou que os alunos iam apresentar um trabalho de ciências hoje. Quando ela disse isso todos ficaram muito tensos gritando “nãããã”. Deu um tempo para os grupos se reunirem e decidirem quemalaria o que. Não eram bem grupos, ela pediu um trabalho individual para cada um, porém os do mesmo tema apresentariam juntos. Mais uma vez tudo escolhido por ela, temas e grupos.

Os grupos começaram as apresentações extremamente nervosos, dava para sentir a tensão, até porque Paula disse que daria mais nota para quem apresentasse sem ler, pois no trabalho anterior todos apenas leram o que copiaram da internet. Então estavam todos desesperados tentando decorar suas falas. Sei que esse não era seu objetivo e sim que os alunos tentassem entender e explicar seu tema, mas o efeito foi outro. Consegui ver que alguns ficavam frustrados quando “dava branco”, pois sabiam que não ganhariam nota a mais.

No mais as apresentações melhoraram muito! Pude ver uma enorme evolução em algumas crianças, fazendo apresentações maravilhosas. Inclusive achei ótimo que uma aluna, Camila, se saíra muito bem na apresentação, estava muito tranquila, pediu para desenhar no quadro um esquema que ela achou interessante para explicar sua parte e foi muito elogiada, por todos, especialmente pelos colegas. Essa aluna mais cedo foi listada pela Paula como uma aluna que não aprenderia nada, que não tinha jeito, que ela não tinha aprendido até ali e não aprenderia mais, que iria provavelmente reprovar.

Terminamos o dia com as apresentações.

Dia 22 – 23/10

Dia de oficinas! Pela manhã fiquei com as oficinas de brincadeiras. Foi muito gostoso! Sentamos em uma grande roda com todos os participantes de todas as brincadeiras. Como chegou aos nossos ouvidos que os alunos reclamaram da falta de organização na oficina de brincadeiras passada e nos sugeriram que mantivéssemos cada um na oficina que foi inscrito e depois de um tempo esse mesmo grupo rodaria para outro brinquedo, resolvemos consultá-los antes de começar. Essa seria a primeira opção e a segunda seria que eles poderiam transitar livremente por todas as brincadeiras. A segunda foi a escolhida, como esperado.

Iniciamos nossos combinados. O combinado de levantar a mão e fazer silêncio está se disseminando lindamente, já é usado com naturalidade inclusive pelos alunos, nas oficinas pelo menos. Nas edições anteriores quando íamos fazer os combinados, parecia mais que

eram as regras que nós estávamos impondo ou ficava um silêncio mortal. Dessa vez foi diferente, vários alunos tiveram iniciativa e deram suas sugestões, como “não chutar o pé de lata”, “não tomar o brinquedo do amigo, conversar se quiser brincar com o que o outro está brincando”, “esperar um amigo terminar de brincar para usar”. Foi um momento muito rico, fiquei muito feliz em ver esse crescimento no nosso grupo!

Depois que mais ninguém queria falar, todos queriam brincar e liberamos as brincadeiras. Tudo ocorreu tranquilamente, os combinados realmente funcionaram! Dessa vez apenas uma aluna veio dizer-me que queria brincar com um brinquedo que estava sendo usado, então lhe lembrei do nosso combinado de dividir e perguntei se ela já havia dito para a pessoa que estava usando que ela queria brincar também e ela disse que não. Logo em seguida a vi brincando com o que queria, sem conflitos.

Brinquei bastante com as crianças, mais que na edição anterior, foi muito bom! A brincadeira de corda foi a que eu mais gostei. Comecei brincando com três crianças em uma corda média, pulando duas crianças juntas, dividindo a brincadeira e logo apareceram outras crianças querendo brincar, então uma das crianças sugeriu “Tia, por que a gente não pega essa que é maior? Assim todo mundo pode brincar junto!”. Trocamos de corda e para mim foi o melhor momento na escola até então, eram umas 10 crianças de idades diferentes, turmas diferentes brincando juntas, pulando corda juntas, iguais, sem desmerecer ninguém por “errar” o pulo algumas vezes, sem competirem entre si, mas tentando bater o recorde do grupo, vendo o maior número de vezes que conseguiam pular juntas. Crianças maiores ajudando as menores, ensinando a pular. Crianças me ensinando suas brincadeiras, suas músicas.

Quando estava perto de bater o sinal chamamos as crianças novamente para a roda, para finalizarmos a oficina com nosso gostei e não gostei. Dessa vez ao invés de desenhar decidimos filmar. Gabi, da psicologia, liderou esse momento. Perguntou para as crianças o que fazíamos depois de brincar, por que fazíamos isso. Elas responderam e iniciamos o gostei e não gostei. Bateu o sinal e fomos para o lanche.

No segundo horário repetimos a estratégia. As crianças também escolheram transitar livremente pelos brinquedos, dessa vez foram mais enfáticas “LIVRESSSS”. Fizemos nossos combinados, não houve tanta participação como no primeiro horário, mas alguns alunos de manifestaram.

Fui brincar de peteca com um menino, sempre esqueço o nome dele, começa com M, é aluno da Cristina. Ele é um amor de menino, estava brincando sozinho e perguntei se podia brincar também, ele deixou e jogamos peteca juntos. Logo apareceram outros meninos

querendo brincar, dentre eles uma menina pequena do 2º ano. Começamos brincando de recorde, contando quantas vezes conseguíamos tocar para o outro sem deixar a peteca cair. A menina não conseguia bater direito na peteca, mas estava animadíssima por estar ali! Dois meninos tentavam fechar ela da brincadeira, mas eu insistia em jogar para ela. Até que outro menino que estava ao lado dela, do 5º ano, viu que ela não estava conseguindo sacar, e com toda paciência foi tentar ajudá-la. Ela tentava e a peteca não ia muito longe, ele pegava e dava para ela novamente, demonstrando como fazer, até que ela acertou! Ficou tão feliz! Esse mesmo menino propôs que brincássemos de 3 cortes, todos aceitaram, fiquei meio apreensiva, achei que eles seriam violentos batendo forte na peteca para machucar o outro e teria panelinha, mas a brincadeira foi ótima! Logo que um era queimado e tinha que ficar no centro, outro dava um jeito de salvá-lo.

Fui brincar novamente de corda. Já estavam usando a corda grande, mas esse grupo brincou pouco de pularem todos juntos, formavam no máximo trios, a maioria amigos da mesma sala, mas a brincadeira ocorreu bem. Um menino bem pequeno, do 1º ano, queria muito pular, mas não estava conseguindo, por duas vezes ele havia tentado e não saía do um, pois o combinado entre eles era que quando “errasse”, quando a corda ficasse presa nos pés a criança saía e ia para o final da fila. Na terceira vez que esse menino foi e novamente não saiu do 1 ele falou triste “eu sou muito ruim”, aquilo me tocou, falei “não é nada, vai tenta de novo, espera a corda chegar para você pular”. Ele tentou novamente e conseguiu chegar ao 4! Falei muito animada “olha que legal, já conseguiu chegar ao 4!” e ele foi para o final da fila muito mais feliz. Estava concentradíssimo, ficava olhando as crianças pulando e pulava junto na fila, tentando pegar o ritmo. Inclusive em uma vez que foi pular junto com outros amigos foi o último a sair! Conseguiu chegar a 15 pulos! E mais tarde no gostei e não gostei falou todo contente que tinha gostado muito de aprender a pular corda.

O gostei e não gostei do final ocorreu bem. Os alunos reclamaram que não tiveram algumas oficinas que na edição passada havia tido e eles tinham gostado muito. Reclamaram por não ter tido boca do palhaço, boneco de farinha e carrinho. Questionei-os de por que eles achavam que não havia tido novamente a boca do palhaço e o boneco de farinha, e eles disseram, porque estavam jogando tudo do outro, machucando os amigos, sujando a escola toda, fizeram guerra de farinha. Perguntei o que podíamos fazer para que essas coisas não acontecessem, para que essas oficinas pudessem se repetir e eles disseram “combinar de não jogar farinha no outro e nem no chão, não jogar o boneco no amigo, não ficar mordendo o balão e não puxar forte porque podia rasgar e sujar tudo”. Outro aluno questionou o porquê de não ter havido a oficina do carrinho, pois esta não havia feito nada de ruim e expliquei que as

meninas que desenvolvem essa oficina não puderam ir. Outro ponto que apareceu muito no gostei e não gostei foi que eles não gostaram de ter acabado, acharam que foi pouco tempo, queriam brincar mais. Um aluno até perguntou se na próxima quarta também teriam oficinas e vários ficaram tristes em saber que demoraria muito para a próxima.

No final do gostei e não gostei um aluno falou “Eu não gostei do Lucas” e aí vários outros em volta também disseram isso. Um aluno falou “Eu até bati nele hoje”, falou isso sorrindo, perguntei-lhe por que e ele disse simplesmente “Porque ele mereceu” fiquei horrorizada e disse “Não gente, ninguém merece apanhar” e eles começaram a falar suas queixas “Tia ele sempre bate em todo mundo!”, perguntei se eles já haviam tentado resolver e eles disseram que já haviam falado com a professora, com a diretora, com todo mundo e não adiantava, que uma vez a professora deles foi falar com ele e ele deu as costas. Perguntei se eles também já tinham tentado falar com o Lucas, disseram que já, várias vezes, mas que não adianta, que ele já chega assim, com o punho levantado e dá um soco neles. E assim terminou minha manhã.

Entre o final das oficinas e o horário de almoço, passei na sala da Paula e ela me cotou que decidiu fazer o trabalho da feira de ciências sobre os 5 sentidos, que dividiria um grupo por sentido. Sugeri que ficássemos como tutoras, já que somos 4 (eu, Paula, Letícia e Laís) em sala nas terças e a Paula ficaria com dois grupos. Ela gostou muito da ideia e já escolheu seus dois sentidos. Perguntou quais crianças eu queria no meu grupo, sugeri que não fossemos nós a escolher, mas sim que eles escolhessem os assuntos de seu interesse. Ela disse que não dá certo e blá blá blá, mas firmei minha posição de que não escolheria quais eu preferia no meu grupo. Ela fez então uma espécie de sorteio e dividiu os grupos. Ajudaremos os alunos a bolarem um projeto para apresentarem na feira de ciências no final do ano. Estou animada, gosto desses trabalhos em grupo!

No período da tarde fiquei com a Letícia na oficina de fazer petecas. Foi bem tranquilo, no primeiro horário, quando estávamos fazendo nossa roda inicial apareceu a Lorena na sala, perguntando se estava cheio, se ela podia colocar outras crianças na nossa oficina, quando uma ia entrar na sala ela puxou de volta e falou “Não, você não” e colocou outros dois para dentro. Os dois alunos entraram com cara de muito chateados na sala, foram tirados da oficina que eles queriam estar e colocados em outra. Distribuímos os materiais e começamos a peteca. Em alguns momentos alguns diziam, “Não tia, mas eu nunca vou conseguir cortar assim”, mas com uma pequena ajuda e um simples incentivo eles conseguiam. Muitos ficavam muito nervosos, dava até para ver o terror por trás de suas falas quando vinham me dizer que a sacola tinha rasgado, não estava cortada certinha, que o jornal

tinha rasgado. Fui mostrando-lhes que não tinha problema nenhum, que dava para fazer o brinquedo mesmo que rasgasse a sacola e o jornal e fui elogiando o trabalho de todos, principalmente quando no começo alguns alunos vinham me mostrar o trabalho do outro falando “Nossa tia, olha como fulano fez, tá tudo errado” e eu olhava e não tinha nada de errado, o “erro” era o corte irregular ou algo do gênero e logo respondia “Não tem nada de errado não, é isso mesmo, ficou ótimo” e logo todos estavam me mostrando os próprios trabalhos e eu elogiando todos, estavam ótimos mesmo!

Quando todos haviam terminado suas petecas testamos rapidamente fora da sala para ver se todas estavam funcionando e retornamos para fazer um gostei e não gostei e deixar tudo arrumado para o próximo turno. Esse pedaço foi meio bagunçado, pois como já havíamos saído para brincar os alunos não queriam voltar para arrumar. Disseram que haviam gostado de aprender a fazer a peteca. Um aluno disse que não gostou de ter demorado, pois fizemos o passo a passo juntos, esperando todos terminarem para passar para o próximo. E uma aluna reclamou de ter ficado sentada no chão, que ela fica dolorida, acha ruim. Um aluno disse que gostou muito, que ia ensinar para a mãe dele e estava muito animado para isso! Terminamos e fomos brincar com nossas petecas.

Foi muito legal ver os alunos mostrando para os outros e para as professoras o trabalho feito por eles, estavam orgulhosos! Vários nem soltavam os brinquedos, mesmo que estivessem brincando com outra coisa ou lanchando. Esse menino que disse que ia ensinar a mãe até foi para a fila das brincadeiras no 2º horário com a peteca feita por ele ainda na mão, mas a Ana (professora) sugeriu que ele guardasse para poder brincar com as outras coisas e ele guardou.

No segundo horário havia apenas 8 meninos, 3 do 1º ano, 3 do 3º ano e 2 do 4º ano. Fizemos nossos combinados e começamos a fazer nossa peteca. Dessa vez deixamos um saco estrito “LIXO” no centro e foi muito mais organizado, toda vez que cortavam um pedaço da sacola já jogavam no lixo, sem que pedíssemos, a sala ficou limpinha. Foi bem rápido, tranquilo e organizado. Durante a confecção os alunos precisam amarrar a peteca com barbante duas vezes e nós tínhamos três cores, azul, rosa e branco. Na primeira vez perguntei qual cor eles iam querer e responderam em uníssono “AZUL!” ri e fiz uma piadinha imitando e falei “credo ninguém escolheu outra cor” e eles prontamente me deram a resposta que eu já esperava “é porque rosa é cor de menina tia” e eu falei simplesmente “ah, não tem nada a ver, qualquer pessoa pode usar rosa”. Na segunda vez que precisamos do barbante perguntei mais por costume do que por esperar alguma resposta diferente, mas para minha surpresa quando perguntei qual cor eles queriam quase todos usaram rosa! Fiquei impressionada como uma

simples fala pode mudar uma atitude, pois eles normalmente não têm nem a chance de escolher diferente, as professoras já entregam rosa para as meninas e azul para os meninos. Acho que apenas um menino optou pelo azul de novo. Não foi um forte uníssono como da primeira vez, foi mais uma mudança em corrente, o primeiro falou “ah tia me dá o rosa dessa vez” e os próximos foram seguindo “pode ser o rosa para mim também”.

Quando a peteca estava quase finalizada alguns alunos já começaram a jogar para o outro dentro da sala e uma peteca bateu em um boneco no mural rasgando seu pé. Sugerí que combinássemos de não jogar a peteca dentro da sala para não estragarmos o mural dos outros e todos concordaram de prontidão e pararam de jogar. Finalizamos nossa peteca e todos estavam muito felizes com o resultado. Antes de sairmos para testar nosso brinquedo propus que fizéssemos nosso gostei e não gostei. E todos disseram “eu gostei de tudo tia” e me pareceu bem sincero, não foi aquele eu gostei de tudo agora vamos brincar. Eles disseram que gostaram de aprender a fazer a peteca, que gostaram da organização, gostaram de tudo! E eu também, gostei de tudo, foi muito bom mesmo!

Sáímos para brincar e foi um sucesso! Como éramos poucos e terminamos rápido brincamos muito, tivemos muito tempo para isso! Brincaram sozinhos, em duplas, trios, grupos, todos juntos, com crianças de outras oficinas que saíram de suas salas para brincar também, foi uma festa. E assim encerramos nosso dia de oficinas, com muita brincadeira e alegrias.

Dia 23 – 29/10

Assim que cheguei na escola os alunos ainda estavam todos sentados no pátio. Achei estranho, pois normalmente nesse horário já estão pegando o lanche. O motivo era a apresentação das intenções de cada chapa para as crianças. A chapa 1, da Raquel, Helena e Lorena começou falando. A Raquel falou muito da importância de ouvir novas e boas ideias, que todos têm boas ideias e devemos ouvi-las. Dito isso falou que ouviram as ideias das crianças e que se elas ganharem colocarão uma cama elástica na escola à disposição das crianças. Fez analogias perguntando para as crianças se elas tivessem uma cama elástica e dissessem que apenas a turma da professora Joana poderia brincar se seria justo e as crianças responderam que não, disseram que assim era com a direção, elas também têm que ter o direito de “brincar”.

Em seguida falou a chapa 2, a direção atual. Melina falou da importância do brincar, que brincando também se aprende, que tudo isso que foi dito era muito importante, muito legal, mas que elas não podiam esquecer da parte pedagógica, que era muito importante e que

a proposta delas era continuar com a qualidade dessa escola maravilhosa que todos amam. Sua fala foi bem curta, elas não levaram nada, enquanto a chapa 1 levou um banner com suas propostas, que pelo que eu consegui ver era ativar a informática, o minhocário, o pé de pequi e colocar uma cama elástica. Fernanda encerrou pedindo que as crianças lembrassem seus pais de virem no dia seguinte para ouvir as propostas das chapas.

Fomos para a sala e algumas crianças comentaram as propostas. Como a Paula é a favor da chapa atual acredito que já tenha feito seu discurso para as crianças, pois a maioria dos comentários eram depreciando a chapa 1, desdenhando da proposta da cama elástica, dizendo que elas querem comprá-los com isso.

Hoje fizemos salada de frutas, como uma iniciação na alimentação saudável, após tantas coisas gordurosas na culinária. As crianças levaram as frutas e estavam animados. Paula saiu para resolver alguns assuntos e deixou que fizéssemos da forma que achássemos melhor.

Pedi que as crianças se dividissem em grupos e ficaram muito felizes por poderem escolher os grupos, é raro ser de livre escolha. As meninas da cozinha não costumam ser muito solidárias quando pedimos utensílios emprestado, então só conseguimos 8 facas e 6 pratos. Como tínhamos 6 grupos, dei um prato para cada e uma faca inicialmente. Eles escolheram quais frutas queriam cortar e revezaram a faca dentro do grupo. Os grupos que escolheram descascar as laranjas ganharam as duas facas a mais. Alguns alunos tiveram ideia de picar as frutas com a tesoura, então saíram, lavaram e passaram álcool e começaram a picar.

Um aluno fez um corte muito bonito, desses artísticos na maçã, mas quando a Paula voltou e viu, mandou-o cortar em cubinhos e não daquele jeito. Ele não quis mais cortar e deu para outro colega terminar de cortar. Felizmente eu e outros colegas já havíamos parabenizado e elogiado sua criatividade, então não passou despercebido.

Juntamos tudo e servimos, ficou deliciosa. A primeira aluna que provou virou e disse “Está 10 tia!”. Os alunos gostaram bastante, alguns até repetiram. Copiaram do quadro as vitaminas e nutrientes da nossa salada e ajudaram a limpar a sala e os materiais usados para devolvê-los à cozinha.

No segundo horário corrigiram uma atividade e quando iam fazer outra ficha lembrei Paula de nosso combinado de reunir os grupos dos 5 sentidos para elaborar os trabalhos. As crianças ficaram animadas, pediram para reunir para fazer o trabalho e a Paula liberou. Ela lembrou quem estava em qual grupo e quem era a tutora de cada grupo.

Meu grupo ficou com o paladar. Decidi usar a ideia da oficina de perguntas e ideias, porém comecei conversando, perguntando o que eles sabiam sobre o paladar, começaram dizendo que nada, eu disse que não era possível e insisti, e começou a aparecer meio sem convicção, como se achassem que estavam dizendo besteira “É um dos 5 sentidos”, “É por onde sentimos os gostos”, “É na boca” e quanto mais eu incentivava mais eles falavam. Perguntei o que mais podíamos pesquisar, o que eles queriam descobrir, eles foram falando e pedi que eles anotassem, pois essa seria nossa pesquisa. Ficou para ser pesquisado “Como ocorre o paladar?”, “Quais gotos sentimos?”, “Quais as doenças do paladar?”, “Por que algumas pessoas não sentem gosto”, “Por que o olfato influencia no paladar?”.

Fiquei muito satisfeita, pois todos participaram e se mostraram engajados com a pesquisa. Inclusive o João fez uma carta para a Camila, que é do grupo, mas faltou, contando o que havíamos feito, o que ela deveria pesquisar e para quando era e entregou para outra aula que é vizinha dela. Combinamos que todos pesquisariam tudo e depois juntaríamos para fazer o trabalho escrito e eles escolheriam o que mais interessasse cada um para apresentar. Também decidimos que na apresentação faremos uma experiência. Ficaram muito animados com isso, pensando quais alimentos trarão para a turma. Assim encerramos a aula.

Dia 24 – 5/11

Hoje começaram a aula com exercícios de fração. Paula passou no quadro alguns exercícios de simplificação de fração para que as crianças resolvessem. Após explicar deixou que as crianças trabalhassem, porém muitos estavam dispersos, conversando e 3 haviam vindo em sua mesa dizer que não haviam entendido. Ela perguntou para a turma quem não havia entendido e a maioria levantou a mão. Perguntou quem tinha conseguido fazer a primeira, algumas crianças levantaram a mão e ela pediu que Maurício resolvesse no quadro. Ele fez como havia feito, mas não estava certo. Então com ele ainda no quadro ela explicou que tinha que verificar qual número conseguia dividir os dois números da fração. Todos participaram e Maurício conseguiu resolver a questão.

Chamou outra pessoa para vir ao quadro resolver a segunda, mas as crianças ainda estavam inseguras, então ela pediu que se ajudassem a resolver, que aqueles que haviam entendido explicassem para os que ainda tinham dúvidas. Maurício veio todo orgulhoso contar que tinha ajudado 4 pessoas já! Foi muito legal ver as crianças se ajudando. Aquelas que mesmo com a ajuda do colega não conseguiam vinham até mim, ou até as meninas pedir ajuda. Ajudei-as e todos conseguiram terminar os exercícios e ficaram felizes com isso “Eu entendi agora, é bem fácil, consegui fazer todas!”.

No recreio Paula informou que dia 19 ela não estará na escola e pediu que cuidássemos da turma para ela, disse que tinha total confiança na gente, que a turma nos respeitava bastante. Discutimos ideias de atividades para esse dia e decidimos que as crianças ajudarão na confecção da decoração da festa de despedida. Foi um grande progresso, pois todo ano Paula faz tudo sozinha, ela mesma disse isso, mas dessa vez ela aceitou nossa ajuda e das crianças! Claro que do jeito Paula de ser, me fazendo prometer que eu exigiria perfeição, eu ri e disse que ficaria tudo lindo, ela ia ver. As crianças adoram essa parte artística, são todos muito talentosos, não tem como ela achar ruim! Mas a melhor parte foi ouvir da Paula “Eu ia fazer sozinha sabe, mas acho que é importante eles participarem do processo também né?”, meio insegura, mas eu e Laís concordamos enfaticamente, felizes com sua decisão.

No segundo horário íamos reunir os grupos dos 5 sentidos para dar continuidade aos trabalhos, mas a Letícia havia faltado e a Laís tinha que ir embora mais cedo, então adiamos para a próxima aula. As crianças do meu grupo ficaram chateadas, pois haviam se empenhado na pesquisa, mas expliquei-lhes o motivo e alguns decidiram me entregar seus trabalhos. Eu li e ficaram ótimos!

Paula disse que queria trabalhar numerais decimais e não sabia como, dei várias ideias, ela gostou e decidimos ir para a quadra. Lá os alunos se separaram em grupos e tiveram seu tempo cronometrado de corrida de uma ponta a outra da quadra. Aqueles que não quiseram correr ficaram responsáveis por anotar os tempos dos outros alunos. Eles se divertiram bastante e de volta na sala verificaram, nos mesmos grupos, o mais rápido, o mais lento, o tempo total do grupo, a diferença dos tempos, tudo sem zombar dos mais lentos, estavam todos felizes com a atividade.

No final da aula a chapa 1, Helena e Raquel foram à sala para fazer campanha. Acompanhadas de uma moça com um cronômetro, marcando o tempo que elas tinham para falar. Entregaram um panfleto e falaram de algumas propostas, como levar as aulas de reforço até os estudantes, para que eles não precisem ir até a escola. Que irão até onde os estudantes precisarem. Depois passaram o resto do tempo falando que elas estavam fazendo uma campanha limpa, que estavam fazendo tudo pelas regras, com o tempo cronometrado, pois ambas as chapas devem ter a mesma chance de conversar com os estudantes. Acabou o tempo e elas saíram.

O 5º ano tem a cabeça bem fechada quanto à eleição, pois Paula é amiga e apóia a chapa 2, então mesmo sem ela falar nada, ela nem se posiciona mais, mas as próprias crianças ficam trocando olhares durante as falas da chapa 1, reviram os olhos e vários rasgaram o

panfleto quando as candidatas saíram da sala, mesmo com a Paula dizendo que isso não se fazia, que eles deviam ter respeito. Mas falar sem dar exemplo não funciona, ela já deve ter falado muito mal da chapa 1 para as crianças, pois elas apoiam firmemente a atual chapa.

Dia 25 – 12/11

Hoje reunimos os grupos dos 5 sentidos para organizarmos os trabalhos. Cada uma de nós ficou com um grupo para orientar e Paula ficou com dois. Levei os trabalhos que haviam ficado comigo e os demais alunos levaram suas pesquisas. Fizemos uma rodada para que contassem tudo que descobriram sobre o paladar, o que acharam mais interessante e o que gostariam de falar. Decidiram confeccionar dois cartazes, um com desenhos da língua mostrando os pontos em que é sentido cada sabor e outro com informações importantes.

Dividiram as responsabilidades e começaram a confecção dos cartazes. Selecionaram as informações, pegando um pouco de cada pesquisa e começaram a escrever. Outros ficaram responsáveis pelo trabalho escrito, apenas um para o grupo. Ninguém ficou sem trabalhar e todos puderam escolher o que fazer, conseguiram resolver e dividir bem, vi-os ceder e conciliar, fiquei muito feliz.

No intervalo a mãe de Paula ligou falando que Isabel, filha de Paula, não estava bem, estava bem doente. Paula ficou bem atordoada e pediu que cuidássemos da turma para que ela fosse cuidar da Isabel. Pediu que fizéssemos um trabalho sobre lendas e o que mais quiséssemos e foi embora.

Após o recreio conversei com as crianças e contei o ocorrido e o que tínhamos para fazer. Pediram para repetir a corrida na quadra que fizemos semana passada. Separamos os materiais e fomos para a quadra, pois não tínhamos muito tempo, logo seria a recreação do 4º ano.

Na quadra propus que fizéssemos diferente. Fizemos corrida por revezamento, assim o tempo seria do grupo e não de cada um. Fizemos o revezamento de três formas, correndo normal ida e volta, correndo de frente na ida e voltando de costas e correndo de lado ida e volta. Anotamos os três tempos e eles compararam as diferenças dentro do próprio grupo e fizeram suposições de porque obtiveram um tempo maior em um e menor em outro.

Paula havia deixado adesivos para premiarmos os alunos se quiséssemos, decidimos premiar todos. Cada um escolheu um, ficaram bem felizes.

Depois trabalhamos a lenda da mandioca, a pedido de Paula. Ela havia pedido que eu contasse a lenda para eles e eles “recontassem”, escrevessem em um papel que lhes foi dado a lenda que eu contei. Quando disse que seria a lenda da mandioca alguns alunos disseram que

já conheciam, então perguntei se algum deles gostaria de contar para a turma. Gabriel, Pedro e Caio vieram para a frente da sala e contaram a lenda para a turma. Outros alunos que não quiseram vir na frente ajudaram a contar de seus lugares.

Cada um escreveu sua versão da lenda e fez um desenho para ilustrá-la. Acabou a aula, rearrumamos as cadeiras em fileiras, pois Lorena não gosta de receber a sala de outra forma e fomos embora.

Dia 26 – 19/11

Ontem Paula me ligou e perguntou se eu poderia assumir a turma sem ela hoje, pois ela estava com conjuntivite. Disse-lhe que sim. Ela pediu que eu aplicasse um simulado da prova Brasil no primeiro horário e depois ela podia deixar alguma atividade ou eu poderia fazer o que quisesse.

Logo que cheguei os alunos estavam animados perguntando o que iríamos fazer hoje. Expliquei-lhes o que havia combinado com Paula e eles escolheram fazer artes no segundo horário.

Paula me deixou um envelope com o que seria o simulado, porém eram folhas de atividades, xerox, que não faziam sentido entre si. Duas de advérbios, uma de matemática e duas de história apenas para ler, mas que parecia ter sido tirada do meio de um livro, não havia um começo e nem um fim, apenas falava de alguns períodos de regência.

As crianças fizeram tranquilamente as atividades, quando estava perto da hora do lanche a maioria já havia terminado e não faziam mais silêncio, mas ainda havia crianças fazendo a atividade, então propus que reunissem os grupos dos 5 sentidos (uma das ideias das crianças para o segundo horário). Alguns grupos de reuniram, mas outros não quiseram, ficaram em um canto conversando.

Depois do recreio as crianças se reuniram em grupos para fazermos artes. Decidimos trabalhar mosaicos. Explicamos para os que não conheciam o que era e distribuímos papéis coloridos, revistas e uma folha branca.

Os alunos fizeram seus desenhos e ficaram lindos. Vários grupos se ajudaram, principalmente quando foi dando a hora de bater o sinal e alguns colegas ainda estavam longe de terminar. Vários se juntaram e ajudaram os amigos. Um grupo me mostrou orgulhoso o trabalho do Pedro, que quando avisei que era para começarem a guardar o material não estava nem na metade e com o trabalho em conjunto ficou pronto a tempo! Eles falaram ‘Esse foi de todos nós tia’, ‘É a gente ajudou o Pedro, ficou bom né?’, ficou mesmo ótimo!

Pregamos os trabalhos no mural e fomos limpar a sala. Quando estávamos organizando as cadeiras, juntando os pedaços de papel que sobraram e varrendo a sala entrou a Lorena fazendo cena ‘O que vocês estavam fazendo aqui? Olha o estado dessa sala! Como é que eu vou dar aula assim?’ e saiu. Mas a sala ficou limpinha, inclusive quando o rapaz da limpeza chegou já tínhamos limpado quase tudo. Ele agradeceu, mas disse que ele terminava.

Hoje percebemos como o combinado de levantar a mão para falar que usamos nas oficinas funciona realmente. Durante a divisão dos grupos e início do trabalho de mosaico estávamos tentando falar e não estávamos conseguindo, então Pedro virou e falou ‘Levanta a mão tia’ e levantou sua própria mão para ajudar. Que bom que temos esses pequenos para nos lembrar das coisas quando precisamos. Levantamos nossas mãos e logo todos tinham levantado suas mãos e pudemos falar. Foi muito bom mesmo!

Dia 27 - 26/11

Hoje começamos com as apresentações dos trabalhos de ciências sobre os 5 sentidos. Os grupos estavam animados para apresentar, principalmente a parte das experiências. Foi um sucesso, todos se divertiram muito e as apresentações foram muito boas!

No final Paula entregou um papel para que cada aluno fizesse uma avaliação de todas as apresentações e da sua própria. Eles avaliaram cada grupo, seu próprio grupo, e sua própria apresentação. No final escreveram os pontos positivos e negativos gerais de todas as apresentações. Achei muito legal ela usar essa forma de avaliação! No geral eles avaliaram como positivo todo o grupo ter trabalhado junto, as experiências que eles gostaram muito de fazer, os cartazes que estavam muito bem feitos e que as crianças estavam falando melhor, ficaram menos nervosas e como pontos negativos que muitos alunos ainda leram ao invés de explicar e alguns alunos falarem muito baixo.

No segundo horário, Ana pediu que eu ficasse no 5º A, na sala em que ela estava substituindo a Cristina, pois como era véspera de eleição os professores envolvidos não podiam frequentar a escola. Ela disse que passou uma atividade de matemática e agora estava corrigindo, então pediu que eu corrigisse.

Terminei a correção para ela, eram alguns probleminhas que os alunos já faziam mecanicamente, já deviam ter feito uns mil iguais. Em cada problema vinha um aluno no quadro e mostrava como havia feito e sempre todos haviam feito igual, não tinha o que corrigir na verdade. Inclusive em um problema de guardar livros em caixas, após a divisão para saber quantas caixas seriam necessárias para guardar todos os livros, sobraram 2 de resto, logo, na minha cabeça pelo menos, precisaria de mais uma caixa para aqueles dois livros, mas

quando questionei as crianças a respeito desses dois que sobraram uma menina respondeu “Eu concordo tia, mas nem encana com o resto não, a tia Cristina nunca considera o resto, ela manda a gente esquecer ele”.

Passada a correção disse às crianças que poderíamos brincar. Foi uma festa, vários se levantaram, me abraçaram falavam coisas do tipo: “Calma tia, eu ouvi bem? Você disse brincar? Sério mesmo?” e “Eu te amo tia! Onde você esteve toda a minha vida?”. Nessa hora alguns meninos se ajoelharam na minha frente e fizeram reverência. Quando eles se acalmaram fomos decidir do que brincaríamos primeiro.

Começamos com dança das cadeiras, sugestão das crianças. Quase todos brincaram, mas não tínhamos som e não dava para ouvir a música do celular, pois durante a brincadeira as crianças também faziam barulho, então os que ficaram de fora cantavam enquanto os outros rodavam as cadeiras. Foi muito divertido.

Depois uma parte da turma escolheu brincar de mímica e a outra fez um percurso muito legal com as mesas e cadeiras e ficaram brincando de passar até o final da aula.

Foi muito bom, mas as crianças não estão acostumadas a momentos como estes, a Cristina é muito rígida, não brinca, não deixa as crianças falarem, então eles ficaram muito excitados, falavam muito alto, quase gritando e quando eu tentava falar levantando a mão, poucos paravam de falar e levantavam suas mãos também, a maioria levantava, mas continuava conversando.

Dia 28 – 03/12

Hoje Paula começou a aula aplicando uma avaliação de matemática, disse que não era valendo nota no boletim, era apenas para saber como eles estavam, ou seja, sem sentido nenhum. Eram 20 questões, cada uma com umas 5 letras. Dava para ver como as crianças estavam desanimadas, entediadas e como aquilo não fazia sentido nenhum para elas.

Porém, durante a prova Paula tomou uma atitude que para mim foi a maior conquista. Estávamos eu e ela resolvendo a prova, não tinha sido formulada por ela, e comentando as questões, quando ela começou a falar “Isso aqui não mostra o quanto a criança sabe..” e começou a cortar questões, pois disse que era um absurdo aquele tanto de questões iguais só para fixar.

De repente ela desistiu da prova, mandou guardarem e liberou os alunos para ensaiarem para o show de talentos! Espero que ela continue com esses pensamentos, pois foi muito bom ver os alunos felizes, concordando que aquilo não adiantava de nada e indo fazer algo que eles gostavam, queriam fazer e estavam animados!

No segundo horário tiramos a foto da turma para a camiseta e para um mural que será feito na escola com as fotos de todas as turmas. Eles me convidaram para participar e eu também saí na foto!

Depois trabalharam em grupos com argila. Decidiram que o nome da exposição seria “Brasileiros” e fizeram pessoas e outros objetos para compor. Ficaram muito bons os trabalhos! Vão juntar todos os trabalhos que fizeram até então em uma exposição na Feira Cultural.

Dia 29 – 10/12

Última terça, último dia de estágio com essa turma maravilhosa! Quando cheguei Paula e as crianças me contaram animadíssimas as novidades. Um dos grupos da turma havia sido campeão do show de talentos! Assistimos juntos ao vídeo e parabenizamos os participantes.

Hoje Paula disse que precisava limpar o armário. Eram muitas as fichas de atividades. Algumas ela rasgou e jogou fora, outras guardou, e olhando o bolo da última prova de matemática, a que ela saiu cortando questões comentou “Ai essa prova que a Cristina fez, ficou grande demais, não vejo necessidade nisso, olha o tanto de questão igual, isso não mostra nada, só cansa as crianças”. Que bom que ela manteve o pensamento!

Depois ela disse que eles fariam uma atividade então eu Letícia e Laís aproveitamos para montarmos as lembrancinhas deles, um saquinho com um bombom, duas balinhas e um recadinho.

Quando voltamos para a sala descobrimos que a atividade que eles estavam fazendo era preparar cartinhas para todas nós! Recebemos várias cartinhas lindas e super carinhosas! Depois foi um momento muito emocionante, de muitos abraços, choro, as crianças fizeram um versinho para mim, para Letícia e Laís e um para Paula, depois cantaram uma música para todas nós.

Tiramos várias fotos, agradecemos às crianças e à Paula por esse ano maravilhoso, nos abraçamos mais e conversamos bastante.

Depois do momento saudade fomos brincar de mímica. Foi muito divertido, fizemos de filmes e depois de músicas.

E assim encerramos nosso dia, com muitos abraços e diversões. Mas combinamos de ainda ir na quinta, que será a última aula, com direito a festinha de despedida e filme e eu e Letícia iremos à festa de despedida dos 5º anos para só então nos despedirmos de vez dos nossos pequenos!

Foi um ano maravilhoso, eu não poderia pedir por uma turma melhor!

